



**Tradução: José Luiz Pereira da Costa**

No antigo bairro de imigrantes holandeses, em Nova York, ocupado pelos migrantes negros, fugitivos do Sul rural, atrasado e racista, explodiu, com a liberdade que a arte pode assegurar, a polifonia musical que envolveu numa aura de encantamento aos brancos ricos, que se aboletavam em clubes e teatros como o *Cotton Club*. No Harlem vicejaram criadores de artes plásticas, com suas imagens esquisitas, a olhos conservadores, que as tiveram expostas em requintadas galerias de arte. Na *Negro Renaissance* fez-se a contestação com letras, idéias e fantasia, quando ganharam notoriedade nomes como Richard Wright, James Baldwin<sup>1</sup>, Langston Huges e tantos. Protestavam, todos, valendo-se das requintadas imagens que a criação literária permitia a esses abonados.

Saídos do Harlem, ou mesmo os remanescentes nas suas trincheiras nativas, escreviam externando seu protesto, o fazendo com reconhecido virtuosismo na poesia, nos contos, nos romances, na dramaturgia.

Desse momento do distante passado, início do século vinte, ecoam ainda como marca de desagrado:

---

<sup>1</sup> - James Baldwin produziu um apaixonado ensaio intitulado "Everybody's Protest Novel" no qual ataca o tipo de ficção que está desde "*Uncle Tom's Cabin*" até "*Native Son*", escritos nos Estados Unidos sobre o sofrimento dos negros. O "romance de protesto", disse Baldwin, se iniciou com piedade para com o negro; mas, em seguida, fixou-se em pintá-lo em tons de violência e o ódio que sofreu por toda a vida – e tanto se impregnou disto que não conseguiu tratar o negro com sua individualidade como ser humano. Mas em atacando Wright for escrever como um negro e não simplesmente como um artista – as pressões de que foi vítima forçaram-no a haver produzido o melhor de sua obra quando escreveu como um negro. (Irwing Owe)

## Uma Ladainha em Atlanta De W. E. B. Du Bois

Em Atlanta, o Dia da Morte, em 1906

Ó Silente Deus, Tu cuja voz distante, entre bruma e mistério, deixou ansiosos nossos ouvidos nestes dias temíveis –  
Ouve-nos, bom Deus!

Escute-nos, Teus filhos: nossas caras escuras, inseguras, transformam-se em escárnio, no Teu santuário. Com mãos erguidas, encaramos Teu céu, ó Deus, clamando:  
Nós Te imploramos, ouve-nos, bom Senhor!

Não somos melhores que nossos semelhantes, Senhor, somos senão que humanos e fracos seres. Quando nossos demônios demonizarem, que Tu amaldiçoes o malfeitor e o feito: maldize-os, como nós os imprecamos; faze-lhes tudo e mais do que eles têm feito à inocência e contra o fraco – à feminilidade e contra o lar.

Tem piedade de nós, pobres pecadores!

E mesmo assim, de quem a profunda culpa? Quem criou tais demônios? Quem os embalou no crime, e quem os nutriu com injustiça? Quem violentou e tripudiou sobre suas mães e avós? Quem comprou e vendeu seus crimes, e untou abundância e riqueza sobre a iniquidade pública?  
Tu sabes, bom Deus!

Essa é a Tua justiça, ó Pai, que faz perfídia mais venial que inocência, e o inocente crucificado em vez do acusado de culpa indubitada.  
Justiça, ó juiz dos homens!

Por que rezamos? Não está morto o Deus dos ancestrais? Os profetas não teriam visto, nas antecâmaras dos céus, Tuas formas, fúnebre e sem vida, total, em meio à negra e rodante fumaça do pecado, onde todos se vergam às amargas formas de morte sem fim?  
Acorda, Tu que dormes.

Não estás morto, adejas distante, acima de colinas de brilhância infinda, por entre esplendorosos corredores e sóis, onde mundos impulsionam homens bons e gentis, de mulheres fortes e livres – distantes da fraude, da negra hipocrisia, e casta prostituição deste vergonhoso grão de poeira!  
Volta, ó Senhor, não nos deixes naufragar em nossos pecados!

Da lascívia da carne e luxúria de sangue,  
Grande Deus, liberta-nos!

Da luxúria do poder e lascívia de ouro,  
Grande Deus, liberta-nos!

Da conivente impostura de opressores e irracionais,  
Grande Deus, liberta-nos!

Uma cidade se assenta no trabalho, Deus nosso Senhor, e de seu dorso nascem gêmeos Assassinato e Ódio aos Negros. Vermelha era a meia-noite; clangor, estrépito, lamento da morte e fúria enchiam o ar e apavoravam, sob as estrelas – quando torres pontiagudas de igrejas apontavam, silentes, para Ti. E tudo isto, para afirmar a ganância de homens gananciosos que se escondem por trás do véu da vingança!

Desce até nós Teu ouvido, ó Senhor!

Na fusca, quieta manhã, encaramos a realidade. Obstruímos nossos ouvidos e seguramos nossas mãos agitadas, mas eles – mas, eles não menearam suas cabeças, olharam de esguelha e bradaram com mandíbulas sangrentas: Parem com o Crime! A palavra era escárnio, posto que enquanto eles ensaiam crimes às centenas, nos curamos de apenas um.

Traga de volta nosso cativo, ó Senhor!

Veja este alguém, mutilado e arruinado; querido Deus, ele foi um humilde ser que labutou e souou para preservar um pouco da piedade que mereceria. Diziam-lhe: Trabalhe e Progrida. Ele trabalhou. Esse ser pecou? Não, mas alguém falou como alguém disse outro fizera – pessoa que nunca vira ou conhecia. Novamente, pelo crime dessa pessoa, esse ser jazeu mutilado e assassinado; sua mulher, desnudada à vergonha; seus filhos, pobreza e infortúnio.

Ouve-nos, ó Pai celestial!

Não cheira mal às Tuas narinas, esta justiça infernal, ó Deus? Quanto ainda, a cheia crescente de sangue inocente ressoará em Teus ouvidos, e malhará em nossos corações por vingança? Empilhe o pálido furor de irracionais sifilíticos que fazem estas coisas, alto, em Teu altar, Jeová Jireh, e queime-as no inferno para todo o sempre.

Perdoa-nos, Senhor; não sabemos o que dizemos!

Maravilhados estamos, com paixão; bravos com a loucura da ralé turbulenta, desrespeitosa e assassina; esticando-nos ante os braços de teu trono, levantamos nossas agrilhoadas mãos e Te encarregamos, Deus, dos ossos de nossos esbulhados pais; das lágrimas de nossas mães mortas; do próprio sangue de Teu Cristo crucificado: Que isto significa? Diga-nos o Plano; dê-nos um Sinal!

Não guarde o Teu silêncio, ó Deus!

Não fiques aí cego, Senhor Deus, surdo à nossas preces e mudo ante nosso silencioso sofrer. Por certo, ó Senhor, Tu não és branco – algo pálido, sem sangue nem coração.

Ah! Cristo de todas as Piedades!

Perdoe o pensamento! Perdoe essas rudes e blasfemas palavras. Tu és ainda o Deus de nossos negros antepassados e, contigo, alma das almas sentam-se nalgum suave entardecer – o escurecer da noite aveludada.

Mas sussurra – fala – brada, grande Deus, pois Teu silêncio é terror branco para nossos corações! O caminho, ó Deus, mostre-nos o caminho e indique-nos a trajetória.

Para aonde? O Norte é usurário e o Sul sangrento; dentro, o covarde; por fora, o mentiroso. Para aonde? À morte?

Amém! Bem-vindo sono das trevas!

Para aonde? À vida? Mas não esta vida, querido Deus, não esta. Que passe o cálice, não nos tente além de nossas forças, pois há um clamor, um aperto interior, cuja voz não gostaríamos de ouvir, embora estremecer devamos – e é vermelha, ah! Deus! É vermelha e de um aspecto horrível.

Selah!

Acolá, Leste, tremeluz uma estrela.

Vingança é minha; vou retribuir, diz o  
Senhor!

Tua vontade, ó Senhor, será feita!

Kyrie Eleison!

Senhor, fizemos estas súplicas, hesitando

palavras  
Imploramos-Te, ouça-nos, bom Senhor!

Nossas vozes afundam no silêncio e na noite.

Ouçá-nos, bom Senhor!

Na noite, ó Deus de uma terra atéia!

Amém!

Em silêncio, ó silente Deus.

Selah!

## Compaixão

De Paul Laurence Dunbar

Sei o que sente o pássaro engaiolado, meu Deus!  
 Quando o sol bilha sobre as quebradas das colinas;  
 Quando o vento agita suave a grama nascente,  
 E o rio flui qual lâmina de vidro;  
 Quando canta o pássaro pioneiro e abre-se o primeiro botão  
 E foge o fraco perfume de seu cálice  
 Sei o que sente o pássaro engaiolado!

Sei por que o pássaro engaiolado choca suas asas  
 Até seu sangue carminar o arame cruel,  
 Pois tem de voltar a agarrar-se ao poleiro  
 Quando sua alegria seria no campo, em liberdade;  
 E uma dor ainda palpita nas antigas cicatrizes  
 E elas pulsam novamente numa aguda ferroadada  
 Sei por que ele bate suas asas!

Sei por que o pássaro engaiolado canta, sei,  
 Quando sua asa se machuca e o peito sofre  
 Quando se choca contra o arame e quer liberdade  
 Não é um gorjeio alegre ou divertido  
 Mas uma prece que manda do âmago de seu coração  
 Mas um apelo, que sobe ao Céu a atingir –  
 Sei por que o pássaro engaiolado canta!

A seguir, dois contos marcantes dessa que foi chamada a Literatura de Protesto: “*O Homem que Viveu no Subterrâneo*”, de Richard Wright e “*No Escuro e na Confusão*”, de Ann Petry.

## DOIS EXPOENTES DA LITERATURA DO PROTESTO

### Richard Wright (1908-1960)

Indo muito além do “romance de protesto”, rótulo que recebeu sua obra, por alguns críticos, Richard Wright trouxe para a literatura americana, radicalmente, em novo rumo, o sentimento e a textura das complexas tensões psicológicas ferventes nos guetos negros urbanos da América. *Bigger Thomas (Grandão Thomas)*, em *Native Son (O Filho Nativo)* é o arquétipo literário do enclausurado, frustrado, e rejeitado negro americano no gueto, empurrado à violência por forças e condições opressoras. Wright nasceu numa fazenda próxima Natchez, Mississippi, tendo passado sua infância em Memphis, no estado do

Tennessee, e chegou a Chicago na sua adolescência. Ali ocupou os mais diversos empregos, enquanto se preparava para seu despontar como escritor. Ele havia participado da traumática migração em massa de negros sulistas em direção ao Norte, que criou grandes centros urbanos negros no Norte. Em sua obra ficcional, deu expressão literária aos significados humanos e psicológicos desse complexo processo de ruptura e re-ensaio. Quando Wright nasceu, noventa por cento dos negros americanos viviam no Sul. Ele foi um dos muitos que empreendeu a jornada para o Norte, que resultou, no período em que viveu, na quadruplicação dos números de negros naquela região. Como escreveu, nos últimos anos de sua vida: “ *Sinto-me pessoalmente identificado com os migrantes negros, suas canções, suas trovas, suas histórias rústicas de bandidos, e porque minha própria vida foi moldada nas profundezas onde vivem .*” Ele encontrou sua voz no fermento literário e político da Esquerda dos anos trinta. Seu primeiro trabalho foi publicado na imprensa comunista e, por algum tempo, foi o correspondente no Harlem do “*The Daily Worker*”; mais tarde, verberou o comunismo. Seu primeiro livro, uma coletânea de contos intitulada *Uncle Tom’s Children* (Os Filhos de Tio Tom), de 1938, venceu o prêmio anual da revista *Story*. Seu romance *Native Son*, publicado em 1940, constituiu-se no primeiro romance de um negro americano a ingressar por inteiro no meio literário americano, tanto pelo sucesso editorial, quanto pela subsequente influência. Tornou-se um sucesso, o primeiro romance de um negro a ingressar na seleção do Clube do Livro do Mês e, também, edições da Moderna Biblioteca. Em 1945 publicou *Black Boy*, uma narrativa autobiográfica de sua infância e adolescência no Sul. LeRoi Jones<sup>2</sup> escreveu: “*Os romances Black Boy e Native Son, de Wright, são os mais válidos romances e críticas sociais da vida urbana ou não, do negro no Sul e Norte*”. Após a publicação de *Black Boy*, Wright foi viver em Paris, ali permanecendo, como expatriado, por quinze anos, até sua morte em 1960. Wright viajou muito pela Europa e África, produzindo, durante o longo exílio, trabalhos ficcionais ou não, mas a crítica reconheceu como seus trabalhos da fase pré-Paris como os mais significativos. O conto que se segue, com óbvia alusão ao título *dostoyevskiano* *Underground* — pesadelo infernal redefinido e ampliado de um negro urbano — foi escrito em seu clímax criativo, quando na América, sendo que um rascunho mais antigo foi publicado, em 1942, na revista *Accent*. A versão a seguir, revista e ampliada, foi publicada, em 1944, em *Cross-Section*, e após incluída em uma coleção

---

Poeta, dramaturgo líder comunitária, Imamu Amiri Baraka, nascido Everett LeRoi Jones, em Newark, Nova Jersey, em 7 de outubro de 1934, é famoso por sua peça *Dutchman* (1964), Em 1968 abandona seu “nome de escravo” e assume o muçulmano, e a liderança da organização muçulmana negra *Kawaida*.

póstuma de seus contos, *Eight Men*. (Por Abrahão Chapman, in *Black Voices, an Anthology of Afro-American Literature*).

## O HOMEM QUE VIVEU NO SUBTERRÂNEO

**Richard Wright**

**Tradução: José Luiz Pereira da Costa**

*Tenho de me esconder*, disse para si. O peito arfando enquanto aguardava, curvado, num canto escuro do vestibulo. Sentia-se cansado de fugir e de esquivar-se. Teria de, ou encontrar algum lugar para se ocultar, ou entregar-se. O carro da polícia zunia em meio à chuva, aproximando sua estridente sirene. *Estão atrás de mim em toda parte...* Ele rastejou até a porta, e forçou o olhar através da lâmina embaçada de vidro. Enrijeceu-se, na medida em que a sirene cresceu e morreu ao longe. Sim, teria de se esconder, mas onde? Rangeu os dentes. Então, um súbito movimento na rua prendeu sua atenção. Finas colunas de água, em grande quantidade, serpentearam pelo ar, dos furos da tampa de um bueiro. As colunas estancaram abruptamente, posto que as perfurações ficaram entupidas; uma descarga cinza de água de esgoto irrompeu do subterrâneo e levantou a cobertura circular de metal, mantendo-a, por um instante, suspensa no ar, deixando-a cair com um estrondo.

Urdu um plano experimental: aguardaria até que a sirene soasse bem ao longe, então sairia. Enfim, a sirene deu-lhe o sinal; era quase uma lamúria, afastando-se. Dirigiu-se até a calçada; então parou e olhou com curiosidade para o bueiro aberto, um pouco esperando que a tampa saltasse novamente. Foi até o meio da rua, parou e observou atentamente para dentro do buraco; mas nada pode ver. Águas murmuravam no escuro profundo.

Ele sentiu o terror; a sirene soava tão próximo que lhe ocorreu haver estado sonhando, e acordara com a viatura à sua frente. Instintivamente ajoelhou-se e suas mãos

procuraram a borda do bueiro. A sirene parecia soar diretamente sobre si; assim, com um violento empurrão moveu a tampa o bastante, de forma que pudesse passar seu corpo. Empurrou suas pernas através da abertura, deslizando seu corpo, a seguir, na escuridão das águas. Ficou dependurado, seguro por seus dedos, por uma eternidade, à borda, até que sentiu degraus de ferro, compreendendo, de imediato, ser usados pelos trabalhadores, para penetrarem nos bueiros. De mão em mão, ajudou seu corpo a mergulhar até não mais encontrar os degraus. Balançou no vazio escuro; a sirene parecia berrar bem na boca do bueiro. Soltou-se e viu-se engolfado por um violento oceano de águas mornas e agitadas. Sua cabeça foi arremetida contra uma parede e pensou haver chegado sua hora. Freneticamente, seus dedos mergulharam e se agarraram numa fenda. Conseguiu firmar-se, e passou a medir a força da corrente com sua tensão muscular. Levantou-se devagar, na água que corria colidindo com seus joelhos, em aterradora velocidade.

Ouviu um prolongado ruído de freios e a sirene emudeceu. *Oh, Deus! Eles me acharam!* Ameaçadora, sobre sua cabeça, na chuva, uma cara branca despontou na boca do bueiro. “Como essa coisa danada escapou?” Ouviu o policial perguntar. Viu a tampa de aço mover-se lentamente até que a boca parecia um quarto minguante. “Ajuda-me aqui”, alguém pediu. A tampa assentou-se no lugar, amortecendo as imagens e sons do mundo superior. Atolado até os joelhos na pulsante corrente, respirou com um peito doido, sentindo seus pulmões com o fedor de fermento podre.

Dos furos da tampa do bueiro, delicadas lanças, em brumosa violeta, projetavam-se para baixo, tecendo padrões de cor sobre a superfície da corrente riscada. Seus lábios se descolaram como um carro desliza no pavimento molhado sobre sua cabeça, seu ruído pesado morrendo logo a seguir, como o zumbido de um avião cortando veloz uma nuvem densa. Jamais havia pensado que os automóveis soassem dessa forma; ali, tudo parecia estranho e irreal. Manteve-se na escuridão por muito tempo, mergulhado até os joelhos nas águas borbulhantes, meditabundo.

O mau cheiro tornara-se tão onipresente que não mais o sentia. Apanhou seus cigarros, descobrindo, porém, estarem molhados os fósforos. Procurou e achou, no bolso de sua camisa, um ainda seco, e conseguiu queimá-lo; chamejou fantástico na escuridão úmida, incandescendo esverdeado, mudando para vermelho, cor de laranja e amarelo. Acendeu um cigarro amarrotado; então, com a claridade do fósforo, buscou apoio a fim de livrar seus músculos do esforço de sustentá-lo contra a corrente das águas. Suas pupilas contraíram-se, e pôde ver os dois lados que o cercavam; duas paredes de vapor que subiam, fazendo uma curva, quase dois metros sobre sua cabeça, para formar um domo

gotejante, cor de rato. O fundo do esgoto era um lodoso fosso em V. Para a esquerda, o esgoto perdia-se num pálido nevoeiro. Para a direita, era uma curva em declive na qual as águas mergulhavam.

Constatou agora que, não houvesse achado pé, teria sido engolfado pelas águas até a morte, ou teria entrado em qualquer dos desvios do bueiro e, provavelmente, se afogado. Acima, por sobre a corrente, ouvia claro o sussurro das águas; de pequenos condutos, diminutos fluxos eram cuspidos dentro do esgoto. O fósforo se apagou; ele incendiou outro, e viu uma descarga de detritos passando por si, fechando a garganta da curva descendente. De imediato, a água começou a subir rapidamente. Poderia ele subir, antes de se afogar? Um longo silvo se fez, e o entulho foi sugado, desaparecendo; a corrente abaixou. Ele compreendeu, então, o que havia provocado o arremesso da tampa do bueiro: a garganta da curva descendente ficara temporariamente obstruída e os furos entupidos.

Ele estava em perigo; poderia deslizar para a garganta; poderia, também, movimentando-se com o fósforo aceso, alcançar um bolsão de gás e explodir tudo; ou contrair alguma terrível doença...

Embora desejasse sair, um impulso irracional o mantinha soldado. Para a esquerda, o teto convexo se rebaixava para um máximo de um metro e meio. Com o cigarro pendente dos lábios cerrados, chapinhou, com músculos tensos, seus pés chafurdando na lama do fundo, seus sapatos afundando no lodo esponjoso; a água cinza-azulada, fragmentando-se numa espuma cremosa contra seus joelhos. Comprimindo sua palma esquerda contra o teto mais baixo, acendeu outro fósforo e viu um bastão de metal, repousando num nicho da parede. Sim, algum operário o havia deixando ali. Aproximou-se, então, e, bruscamente, retirou sua cabeça, ao ouvir o ruído de algo vivo de passos leves, que se deslocava. Ficou imóvel. Levou o fósforo mais próximo e viu um enorme rato, molhado e lodoso, piscando seus olhos de contas e mostrando presas afiadas. A luz cegou o rato e sua cabeça se movimentou ao léu. Agarrou o bastão e o fez atingir o corpo mole do roedor; houve um guincho de fole e o cinéreo corpo estatelou-se na água cinzenta, fugindo da vista, rodopiando no fluente caudal.

Ele engoliu em seco, e foi adiante, seguindo a curva da nevoenta caverna, sondando as águas com o bastão. Viu, com a luz fraca de tampa de outro bueiro, em meio a tijolos soltos e molhados, um poço, com paredes de terra úmida, dirigindo-se à escuridão. Energicamente, cravou o bastão; era profundo, mais do que a sua extensão. Colocou o bastão à sua frente, projetou-se para diante, ajoelhou-se e engatinhou. Após



uns poucos metros, pausou, impressionado com o silêncio. Sentiu como se houvesse caminhado um milhão de quilômetros para fora do mundo. Na medida em que avançava lentamente, outra vez pode sentir o fundo do imundo túnel ficando seco e um pouco rebaixado. Lentamente procurou levantar-se e, para sua surpresa, ficou ereto. Não ouvia o murmúrio das águas, e sentiu-se confusamente sozinho, além de atraído pela escuridão e o silêncio.

Gatinhou ainda mais, então parou curioso, com medo. Pôs seu pé direito adiante, e balançou no espaço; voltou atrás, assustado. Colocou o bastão à frente e este oscilou no vazio. Tremeu, imaginando a terra desintegrando-se e soterrando-o vivo. Acendeu outro fósforo e viu que o imundo piso mudava de rumo, declinando íngreme e alargando-se numa espécie de caverna, abaixo metro e meio de onde estava. *Um esgoto antigo*, pensou. Ergueu a cabeça em alerta, ouvindo uma suave cadência, que não podia identificar. O fósforo se apagou.

Usando o bastão como uma espécie de escada, deslizou, ficando na escuridão. O ar estava mais fresco, e pôde ouvir, ainda, vagos ruídos. Onde se encontrava? Teve a impressão, de repente, que alguém estaria ao seu lado, e virou-se de pronto, porém, havia apenas a escuridão. Apalpou cuidadosamente e sentiu uma parede de tijolos; seguiu-a, e os sons estranhos aumentaram de intensidade. Precisava sair dali. Era a loucura. Não poderia ficar por qualquer tempo a mais; não havia comida, nem local para dormir. A mais, sons abafados o atormentavam; eram estranhos, porém familiares. Seriam de um motor? O choro de uma criança? Música? Uma sirene? Tateou adiante, e os sons tornaram-se tão claros que pode sentir o tom e o timbre de vozes humanas. Sim, cantando! Era isto! Ouvia, boquiaberto. Era um culto religioso. Fascinado, vagueou através das ondas melódicas.

*Jesus! Leva-me para Tua casa, acima*

*E envolve-me no seio de Teu amor...*

O canto vinha do outro lado do muro de tijolos. Excitado, desejou espiar o culto sem ser visto. Que igreja era aquela? Conhecia a maioria das igrejas naquela área, sobre o solo, mas o canto soava muito estranho e diferente para que pudesse adivinhar. Olhou para a esquerda, para a direita, para baixo, à sujeira escura, depois, para cima, ficando estarecido ao ver brilhar uma luz prateada, cortando a escuridão qual uma lâmina de barbear. Acendeu, então, um dos seus dois últimos paus de fósforo e viu canos enferrujados correndo na extensão de um antigo teto de concreto. Fotograficamente,

memorizou a posição dos canos no teto. A chama do fósforo morreu, e ele pulou para cima, suas mãos agarraram um cano. Dobrou suas pernas e jogou seu corpo para cima até o leito dos canos, que ringiram, balançando para cima e para baixo. Pensou, iriam se romper, mas nada aconteceu. Esgueirou-se até uma fresta e viu um grupo de negros, homens e mulheres, vestidos com mantos, cantando, empunhando, em suas negras palmas, surrados livros de hinos. Seu primeiro impulso foi rir, mas conteve-se. O que estava fazendo? Sentiu-se esmagado por um sentimento de culpa. Iria Deus puni-lo com a morte por isto? O canto prosseguiu, fazendo-o sacudir a cabeça, contrariado, apesar do que pensara. *Eles não são obrigados a fazer isto*, refletiu. Mas, não via qualquer razão *por que* não o fizessem. Cantando, com o cheiro do esgoto em seus narizes... Sentiu que seu olhar se fixava sobre algo profundamente obscuro, embora não conseguisse arredar o pé.

Após um longo tempo, sentiu-se entorpecido e voltou para a sujeira. Suas pernas palpitarão de dor; e um sofrimento mais intenso, criado pela visão daqueles negros humilhando-se e implorando por algo que jamais alcançariam, agitava-o. Uma vaga convicção o fez pensar que aquela gente continuaria, sem remorso, e sem receber qualquer ganho, a cantar e rezar, mesmo que *ele*, fugido da polícia, houvesse-lhes implorando para acreditar em *sua* inocência. Perplexo, sacudiu a cabeça.

Há quanto tempo se encontrava nisto? Não o sabia. Era uma nova experiência; a intensidade de sentimentos que experimentou, observando as pessoas a cantar na igreja, deu-lhe a certeza de que se encontrava ali há muito tempo; mas a razão lhe dizia que o lapso de tempo havia sido curto. Na total escuridão, a única noção que tinha de tempo era aquele fragmento em que durava a evanescente luz. Voltou em seus passos, passando pelo cano do esgoto, percebendo que as ondas de som esmaeceram e, finalmente, não as pode ouvir mais. Chegou ao ponto em que o buraco na terra acabava e pôde ouvir novamente o ruído da corrente, e o tempo reviveu para si outra vez, medindo os momentos pelo correr das águas.

A chuva deve ter amainado, pois o volume diminuía e a água cobria apenas seus tornozelos. Deveria subir, chegar à rua e tentar a sorte, escondendo-se noutra local? Seria, por certo, capturado. O simples pensar em esquivar-se e correr novamente da polícia colocou-o tenso. Não, iria ficar e pensar como enganá-los. Mas o que poderia fazer aqui embaixo? Foi adiante pelo esgoto e chegou à outra tampa de bueiro; ficou embaixo, meditando. Finos traços de ouro, de repente, derramaram-se dos pequenos furos, na tampa do bueiro, tremulando sobre a superfície aquosa. *Sim, luzes da rua... Deve ser noite...*

Ele caminhou adiante, sem ânimo, por quase um quarto de hora, movendo-se, com esforço, contra a água barrando seus pés, usando, cuidadosamente, o bastão de ferro como guia. Então parou; seus olhos fixos e vigilantes. *O que é isto?* Uma imagem estranhamente familiar atraiu-o e o repeliu. Iluminado pelos vapores amarelados de outro bueiro jazia um pequeno e desnudo corpo de criança coberto por detritos e meio submerso na água. Pensando que o nenê estivesse vivo, moveu-se impulsivamente para salvá-lo, mas, seus sentimentos despertados, disseram-lhe que estava morto, frio, era vazio; o mesmo vazio que sentiu ao ver aqueles homens e mulheres cantando na igreja. A água molhava às delgadas pernas, os finos braços, à cabeça pequena, e recuava. Os olhos estavam fechados, como se dormisse; as mãos apertadas, como em protesto; e a boca aberta, como a emitir um choro silencioso.

Estancou, e respirou fundo, sentindo que tinha estado a mirar, por uma eternidade, as ondulações riscadas da água, cobrindo, impessoalmente, o lodo rugoso. Sentiu-se tão condenado quanto ao ser acusado pelo policial. Involuntariamente, ergueu a mão para clarear a vista, mas seu braço, sem estímulo, caiu a seu lado. Então fez algo; fechou seus olhos e andou adiante devagar; com o sapato encharcado de seu pé direito, empurrou a criança morta, de onde havia sido alojada. Manteve seus olhos fechados, imaginando o pequeno corpo balançando na corrente, na medida em que flutuava, desaparecendo. Abriu os olhos, tremendo, ouvindo a água correr nas sombras brumosas.

Caminhou em frente, sentindo, às vezes, uma rápida aceleração da corrente, à medida que passava por algum conduto cujas águas abasteciam o fluxo que passava a seus pés. Poucos instantes depois se encontrava sob outra tampa de bueiro, ouvindo o fraco ruído surdo vindo de sobre o solo. *Bondes e caminhões*, pensou. Olhou para baixo e viu uma poça de borra verde-griséu, estagnada; a intervalos uma bolha emergia da espuma, lampejando azul-violeta, e estourava. Então outra. Voltou-se, balançou a cabeça e retornou para a caverna suja ao lado da igreja; seus lábios tremiam.

De volta à caverna, sentou-se e ajustou as costas contra a parede imunda. Seu corpo tremia levemente. Finalmente, sua percepção declinou, e ele dormiu. Quando acordou, sentiu-se enrijecido e frio. Ele tinha de abandonar aquele ambiente louco, mas deixar significava enfrentar os guardas que o haviam acusado por engano. Não, ele não podia retornar para o solo. Lembrou-se do espancamento de que fora vítima, e do papel que lhe fizeram assinar, contendo a confissão que jamais lera. Estava por demais fatigado quando, aos gritos, ordenaram que apusesse seu nome, o que fez para se ver livre da dor.

Ele se levantou e oscilou, tateando no escuro. O coro da igreja havia silenciado.

Por quanto tempo teria dormido? Não o sabia. Ele se sentia revigorado e faminto. Fechou seus punhos nervosamente, compreendendo que nada podia fazer. Movimentando-se tropeçou num cano de ferro enferrujado. Apanhou-o e sentiu ser pontiagudo. Sim, havia uma parede de tijolos, e nela poderia fazer um buraco. E o que acharia? Sorrindo, bateu pela parede de tijolos, sentou-se e começou a cavar, sem pressa, o cimento úmido. *Não posso fazer barulho*, acautelou-se. Com o passar do tempo, sentiu sede; mas não havia água. Tinha que matar tempo ou ir ao solo. O cimento era removido com facilidade; retirou quatro tijolos e sentiu, na face, o sopro suave de uma corrente de ar. Parou, temeroso. O que haveria adiante? Esperou um longo tempo, mas nada aconteceu. Recomeçou, então, a cavar em silêncio, devagar. Alargou bem o furo e gatinhou através, chegando a outro recanto escuro, colidindo com outra parede. Sentiu que poderia ir para a direita; a parede terminou e seus dedos buscaram algo no espaço, como antenas de um inseto. Adiante, bateu, seus pés chocaram-se com alguma coisa oca, como um tronco. Que é isto? Sentiu com seus dedos. Degraus... Inclinou-se, descalçou-se e subiu a escada, e viu uma luz brilhante, por uma fenda amarela, e ouviu uma voz falando baixo. Espiou através do buraco e viu a figura de cera de um homem esticado sobre uma mesa branca. A voz, de timbre baixo e vibrante, resmungava, num mesmo tom, palavras indistinguíveis. Esticou o pescoço para ver o homem que falava, mas não conseguiu divisá-lo. Sobre a figura desnuda estava suspenso um enorme recipiente de vidro, cheio dum líquido vermelho-sangüíneo, do qual pendia, balançando, uma mangueira de borracha. Curvou-se próximo à porta e viu a extremidade interior de um objeto negro, revestido com cetim rubro. *Um ataúde*, pensou. *Trata-se de uma funerária?* Uma esquisita renda cor de gelo cobria o corpo, o que o fez estremecer. Uma cavernosa gargalhada soou nas profundezas da sala amarela.

Deu a volta para retirar-se. Três degraus abaixo lhe ocorreu que o interruptor de luz poderia estar próximo; apalpou pela parede e encontrou a chave, ligou-a, e uma claridade ofuscante feriu seus olhos, deixando-o cego, indefeso. Suas pupilas se contraíram; apertou as narinas, ante um cheiro peculiar. De imediato, compreendeu que estivera pouco atento a este odor na escuridão, mas a claridade havia aguçado sua atenção. *Algum tipo de coisa que usam para embalsamar*, conjecturou. Foi até o pé da escadaria, e viu pilhas de caixões de madeira e uma banca longa. A um canto estava uma caixa de ferramentas. Sim, poderia usar ferramentas, poderia cavar um túnel com elas. Ergueu a tampa e encontrou pregos, um martelo, um pé-de-cabra, uma chave de fenda, uma longa extensão elétrica com uma lâmpada na ponta. *Bom!* Carregaria consigo, de

volta à sua caverna. Preparava-se para colocar a caixa sobre seus ombros quando descobriu uma porta atrás do forno. Aonde vai isto? Tentou abri-la, mas encontrou-a bem fechada. Usando o pé-de-cabra forçou-a, sem fazer barulho; ela cedeu, as dobradiças quebradas do outro lado. Ar fresco tocou seu rosto, e ele percebeu um fraco ronco de sons distantes. *Calma agora*, disse para si mesmo. Escancarou a porta, e, um monte de carvão, caindo, ressoou em sua direção. Um depósito de carvão... Por certo, a porta conduzia a outro andar; o ruído de fundo era agora mais alto, mas não o podia identificar. Onde estava? Escalou devagar o monte de carvão, chegando, então, na escuridão, sobre um piso arenoso. O ruído de fundo parecia estar sobre si, então abaixo. Seus dedos seguiram a parede até que tocaram uma moldura de madeira. *Uma porta*, respirou.

O ruído morreu até um nível baixo; sentiu sua pele ferroar. Tinha impressão de estar disputando um jogo com alguém invisível, cuja inteligência era superior à sua. Colocou seu ouvido à superfície lisa da porta. Sim, vozes... *Seria um estádio de boxe?* O som das vozes chegou próximo e claro, mas não as podia classificar se significavam alegria ou tristeza. Torceu a maçaneta até que ouviu um suave estalido, e sentiu o peso da porta vindo em sua direção. Sentia-se apreensivo em abri-la, mesmo que tocado pela curiosidade e espanto. Escancarou a porta e viu adiante, bem afastado, um forno incandescente. Três metros para frente havia outra porta, semi-aberta. Traspassou-a e cuidadosamente observou um corredor, de pé-direito elevado, que acabava num escuro complexo de sombras. Envolvido por vozes em campana, sua curiosidade aumentou. Marchou para o corredor e as vozes ecoaram mais alto. Rastejou, chegando até uma escada mais estreita, caracol, que se endereçava à parte superior; não havia dúvida, iria subir essa escada.

Ascendendo à escada espiróide, ouviu as vozes passarem em uníssono, alterando a seguir para um crescendo, para morrer adiante, ficando, todavia, sempre audíveis. À sua frente, cinco letras vermelhas brilhavam: S A Í D A. No topo da escada estancou ante uma cortina preta que balançava a esmo. Separou as dobras e olhou por um furo convexo, onde reluzia um ajuntamento de luzes cadentes. Abaixo de si, jazia um painel de rostos humanos, voltados para cima, cantando, assobiando, gritando, rindo. Movendo-se ante as faces, sobranceiras, numa tela prateada, estavam sombras animadas. *Um cinema*, disse, com um sorriso irrompendo de seus lábios.

Deixou-se ficar numa cabine reservada da sala de projeção, e o impulso que teve, de fazê-los calar, foi o mesmo experimentado ao ver as pessoas cantando na igreja. *Eles gargalham de suas próprias vidas*, pensou, estarecido. Riam e urravam ante as sobras

animadas de si mesmos. Sentiu profunda compaixão e deixou o reservado, caminhando, no fino ar, em direção à platéia; e, postado logo acima, esticou seu braço para tocar-lhes com sua mão... Sua tensão estalou, e viu-se novamente no privativo, olhando para o mar de caras. Não, isto não podia ser feito, não poderia despertá-los. Suspirou. *Eram como crianças, adormecidas enquanto viviam, despertando para a morte.*

Deu meia volta, afastou a cortina preta, e olhou para fora. Não havia ninguém. Começou a descer a escada em degraus de pedra branca e, chegando ao fim, viu, vindo em sua direção, um homem vestindo um aprumado uniforme azul. Já estava tão acostumado à vida subterrânea que poderia traspasar o homem em uniforme, como se fantasma fosse. Mas o homem estancou. Ele também. “Procurando o banheiro dos homens, senhor?” indagou o uniformizado. E sem aguardar qualquer resposta, aduziu, indicando: “ Por aqui, a primeira porta à direita”. Contemplou o homem voltar em seus pés e desaparecer. Então ele riu. *Que tipo estranho!* Em seguida, retornou para o porão e aquietou-se, na encarnada escuridão, contemplando as brasas ardentes na fornalha. Foi até a pia e abriu a torneira, fazendo a água fluir gentil e silenciosamente, parecendo um jorro de sangue. Afastou a louca imagem de seu pensamento e passou a lavar suas mãos prazerosamente, procurando por seu usual pedaço de sabão. Encontrou-o e passou a esfregá-lo entre as mãos, gerando, por dentre os dedos, uma rica espuma, como uma esponja colorada. Esfregou e fez escorrer a água das mãos meticulosamente, buscando, em seguida, por uma toalha; mas não havia nenhuma. Fechou a torneira, tirou a fralda da camisa e secou com ela as mãos; quando a recolocou, ficou satisfeito com a sensação de fresca umidade, sentida por sua pele.

Sim, estava com sede; abriu a torneira outra vez, fez uma concha com as mãos, recolhendo a água depositada em suas palmas, bebendo-a em seguida, em longos e demorados goles. Sua bexiga apertou; fechou a torneira, voltou-se contra a parede, curvou a cabeça, vendo um fluxo vermelho penetrar no solo. Suas narinas se contraíram ante o vapor acre; apesar de haver perambulado pelas águas do esgoto, ficou à distância da parede, de forma que seus sapatos, úmidos com a lama do esgoto, não fossem molhados, agora, por sua urina.

Ouviu pisadas, e se arrastou rapidamente para o depósito de carvão. Pedras de carvão agitaram-se ruidosamente. As passadas chegaram até o porão e detiveram-se. O que era? Alguém o teria ouvido e descera para investigar? Esperou agachado, suando. Por um longo período fez-se silêncio, até que ouviu o clangor de metal e uma intensa claridade iluminou o ambiente. Alguém a alimentar a fornalha, pensou. Os passos chegaram mais

perto, fazendo-o enrijeceu-se. À sua frente, assomava, num rosto branco, riscado com pó de carvão, a face de um velho com olhos de um azul aguado. A claridade iluminou seus descarnados malaras, e ele portava uma pá enorme. Ouvia-se um ruído de metal penetrando na pedra; o velho ergueu uma pá de carvão e saiu da vista.

A sala escureceu momentaneamente, então um clarão amarelado despontou quando o carvão incandesceu na boca da fornalha. Por seis vezes o velho repetiu o ato de entrar no depósito, retirar uma pá de carvão e colocá-la na fornalha. Mas, vez alguma, levantou seus olhos. Finalmente, largou a pá, secou a face com um lenço sujo, e suspirou: “Puf!” Voltou-se, sem pressa, e abandonou o porão, suas passadas morrendo na distância.

Ele permaneceu, o carvão escorregando dos montículos. Saiu do depósito e encantou-se em ver o perfil sombreado de uma lâmpada elétrica suspensa sobre sua cabeça. Por que o velho não a teria acendido? Sim, compreendeu... O velho tem trabalhado aqui faz tanto tempo que não necessita de luz; ele encontrou uma maneira de enxergar nesse mundo escuro, como os vermes cegos que se movimentam no subterrâneo usando o tato.

Seu olhar chocou-se com uma marmita. Ansiou estivesse cheia. Apanhou-a e sentiu-a pesada. Abriu-a. *Sanduíches!* Olhou desconfiado à volta; estava sozinho. Investigou por perto, e encontrou uma caixa de fósforos e meia lata de palheiros. Colocou-os sofregamente nos bolsos, e apagou a luz. Com a marmita sob o braço, traspassou a porta, tateou por sobre o monte de carvão e chegou novamente ao piso iluminado da funerária. *Preciso dessas ferramentas, e de apagar a luz,* disse para si mesmo. Voltou sobre suas passadas e apagou a luz; a voz inidentificável ainda zunia atrás da porta. Rastejou de volta, e, vendo com os dedos, abriu a marmita, rasgando um pedaço de saco de papel. Tirou da lata um punhado de fumo, depositando-o na concha da mão. Rolou e esfregou, e fez um crioulo, colando-o com a umidade de sua saliva. Introduziu um extremo na boca e acendeu o outro. Aspirou uma fumaça que aguilhoou seus pulmões. A nicotina atingiu seu cérebro, espalhando-se por seus braços até atingir a ponta dos dedos; passou pelo estômago e por todos os fatigados nervos de seu corpo.

Levou as ferramentas para o furo que havia cavado na parede. O ruído da queda da caixa o trairia? Mas teria de se arriscar; necessitava das ferramentas. Ergueu a caixa e lançou-a; caiu na imundície do outro lado com muito barulho. Ficou imóvel, esperando; nada aconteceu. A cabeça primeiro, ele deslizou para o buraco. Sorriu, então, com uma esperta idéia. Retornaria ao porão da casa funerária e, insinuando-se através da pilha de carvão, faria outro buraco. *Claro!* Tateando, abriu a caixa de ferramentas e pegou um pé-

de-cabra, uma chave de fenda e um martelo, fixando-os firmemente em seu corpo.

Com outro cigarro nos lábios arqueados, arrastou-se de volta pelo furo, transpondo o monte de carvão e sentou-se, olhando a parede de tijolos. Feriu-a com o pé-de-cabra e o cimento esfarelou-se e, mais fácil do que imagina, um tijolo afrouxou-se. Trabalhou por uma hora; os outros tijolos não foram tão fáceis. Suspirou. O esforço o fez sentir-se fraco. *Tenho de descansar um pouco*, pensou. Estou faminto. Perfez o caminho de volta para o buraco, trôpego, até que encontrou a caixa de ferramentas. Sentou-se sobre ela, abriu a marmitta, e pegou dois grossos sanduíches. Cheirou-os. Costelas de porco... Ficou com água na boca. Fechou os olhos e devorou um sanduíche, saboreando o suave centeio e a suculenta carne. Foi ingerindo sofregamente os pedaços, de forma que ficou em seguida ansioso por um gole de água. Encontrou uma maçã e apanhou-a também, chupando, ao fim, seu caroço até que não restasse sequer o último vestígio de seu sabor. Então, qual um cachorro, deliu, com seus dentes, a carne dos ossos, desfrutando até o tutano acresalgado. Satisfeito, esticou-se por inteiro no chão, e dormiu...

... A água fria, que gradualmente se tornava morna, lavava seu corpo, e ele boiava num córrego, lançado no mar, onde as ondas rolavam gentilmente, e viu-se caminhando sobre as águas, quão maravilhoso e estranho caminhar sobre as águas fosse, até que chegou ante uma mulher desnuda, que abraçava uma criança nua, e a mulher estava afundando nas águas, segurando a criança acima de sua cabeça, e gritando por *socorro*; e ele correu por sobre as águas alcançando-a exatamente antes de ela submergir, e tomou-lhe o bebê das mãos e ficou olhando as bolhas de ar espocarem no local onde a mulher submergiu, e gritou, *senhora*, e não houve resposta; não pôde salvar a mulher e não poderia ficar com a criança, assim que, gentilmente, se inclinou e colocou a criança sobre as águas esperando que ela também afundasse; mas flutuava, e ele mergulhou dentro da águas, conteve a respiração, e aguçou o olhar para tentar ver através da água turva, não encontrando a mulher; e ele abriu sua boca para chamar *senhora*, e a água borbulhou, e seu peito doeu e seus braços jaziam sem força, e ele chamou outra vez *senhora, senhora*, e seus pés sentiram areia no fundo do mar, e sentiu como que seu peito fosse estourar; e ajoelhou-se, saltando para cima, a água passando por si, sua cabeça subiu e desceu e respirou profundamente, e olhou na direção de onde se encontrava o nenê, e o bebê não mais ali estava, e correu por sobre a água, em busca do nenê gritando *onde estás*, e o céu despojado, e o mar trouxeram-lhe de volta sua voz *onde estás*; e ele começou a duvidar pudesse caminhar sobre as águas, e então começou a afundar; e na medida em que se debatia as águas se precipitavam sobre si num turbilhão fazendo-o abrir a boca para pedir



por socorro, e a água adentrou seus pulmões, e sentiu-se sufocado.... Pulou, agitando-se no escuro, os olhos escancarados. As imagens de terror que tomaram conta de seu pensamento não o deixariam dormir. Levantou-se e certificou-se de que as ferramentas se encontravam ainda presas à sua cintura, seguindo às apalpadelas o caminho por sobre o carvão até encontrar o buraco retangular do qual havia removido os tijolos. Empunhou o pé-de-cabra e golpeou. Então o horror paralisou-o. Por quanto tempo dormira? Seria agora, dia ou noite? Teria de ser cuidadoso. Alguém o poderia ouvir, se fosse dia. Por horas, desbastou o cimento, operando silenciosamente. Baixo, qual um murmúrio, ouvia no ar por sobre a cabeça, o som fraco de vozes que urravam. *Gente tola*, pensou. Continuavam no cinema...

Tendo descansado, o trabalho lhe pareceu menos penoso. Em pouco tempo removeu uma dúzia de tijolos. Seu estado de espírito melhorou. Removeu mais um tijolo e sentiu sua mão pairar no ar. *Bom! O que estará adiante? Outro piso?* Fez o buraco mais largo, escalou-o, caminhou sobre um piso irregular e sentiu uma superfície em metal. Acendeu um fósforo e viu que estava atrás de uma fornalha assentada no piso; à sua frente, no extremo oposto do ambiente, havia uma porta. Atravessou-o e abriu-a; era repleto de bugigangas. A luz do dia irrompeu por uma janela sobre sua cabeça.

Deu-se conta, então, de um tique-taque suave e contínuo. Um relógio? Não, era mais alto e irregular do que um relógio. Colocou uma caixa vazia sob a janela e escalou-a para olhar através de uma vigia. Abriu-a com facilidade e manejou passar através; o som do tique-taque agora era claro. Deu uma espiadela; estava sozinho. Olhou, a seguir, para uma série de parapeitos de janelas. O tique-taque identificou-se por si mesmo. *Máquina de escrever*, disse para si. Parecia vir logo ali de cima. Segurou-se numa calha e projetou-se para cima. Através de uma pequena fresta na janela pode ver um botão a um metro adiante; era um pequeno disco de aço inoxidável, com muitas pequenas marcas sobre si. Prendeu a respiração: uma horripilante mão branca, que parecia haver sido arrancada de seu braço, segurou o botão dentado, de metal, e girou-o, primeiramente para a esquerda, depois para a direita. *É um cofre! ...* De repente, não pode mais ver o botão; uma pesada porta de ferro interpôs-se à sua frente e via agora um cofre cheio de maços verdes de dinheiro, colunas de moedas, envoltas em papel marrom, jarras de vidro e caixas de vários tamanhos. Seu coração disparou. Meu Deus! A mão branca entrava e saía do cofre, retirando maços de notas e colunas de moedas. A mão sumiu, e ouviu o ruído surdo de uma pesada porta, quando é fechada. Apenas o disco em metal era visível agora. A máquina de escrever ainda fazia chegar seu som até si, mas não a podia ver. Ele piscou

os olhos, desejando saber se aquilo que assistira era real. Havia mais dinheiro naquele cofre do que havia visto em toda sua vida.

Na medida em que escalava a calha, uma ousada idéia lhe ocorreu, e empunhou, de seu cinto, a chave de fenda. Se a mão branca voltasse a manipular a combinação do cofre, poderia perceber quanto para cada lado ela se afastaria, aprendendo o segredo do cofre. Seu sangue formigou. Eu posso rabiscar os números aqui, pensou. Segurando a calha com uma mão, com a chave de fenda fez um furo na parede. Sim, conseguiria. Estava decidido. Agora tinha uma razão para permanecer no subsolo. Esperou por bastante tempo, mas a mão branca não retornou. *Bolas! Tivesse sido mais atento e teria agora a combinação do cofre.* Desceu, e ficou na vigia, imerso em reflexões.

*Como alcançaria aquele ambiente?* Voltou ao piso e viu uma escada de madeira que se dirigia ao piso superior. *Seria a sala em que se encontrava o cofre?* Temendo que o botão estivesse agora sendo girado, foi pela janela, alcançou a calha, e perscrutou; viu apenas a luz crua do disco de metal. Desceu e curvou seus punhos. Bem, exploraria o porão. Voltou. Subindo os degraus chegou à porta e espiou através do buraco da fechadura; tudo estava escuro, mas o tique-taque continuava soando em algum lugar próximo, fraco e sem direção identificável. Empurrou a porta; numa parede havia uma banca com rádios e equipamentos elétricos. *Uma loja de rádios,* pensou. Bem, poderia escamotear um rádio para sua caverna. Encontrou um saco e pôs um rádio dentro e colocou-o às costas. Fechando a porta atrás de si, retornou, pela escadaria chegando novamente ao porão, desapontado. Não havia resolvido o problema do segredo do cofre, o que o deixava preocupado. Depositou o rádio no chão e fez o caminho da volta, passando pela vigia, alcançando o cano pluvial onde se esgueirou; a porta de metal estava sendo fechada. *Puxa! Haviam usado a combinação outra vez. Se eu tivesse sido paciente, teria conseguido! Como poderia acessar a peça? Teria de conseguir. Poderia arrombar a janela, mas o melhor seria não deixar rastros.* À sua direita, calculou, deveria estar o porão do prédio que abrigava o cofre; assim, se cavasse um buraco bem *aqui*, atingiria seu objetivo.

Começou um silencioso desbastar, um trabalho penoso, eis que tijolos estavam secos. Conseguiu remover um e, cuidadosamente, depositou-o no chão. Tinha de ser cuidadoso, pois poderia haver pessoas atrás dessa parede. Removeu uma segunda fiada de tijolo, encontrando ainda outra. Rangeu os dentes, pronto para desistir. *Vou remover ainda outro,* decidiu. Quando o tijolo seguinte saiu, sentiu um sopro de ar no rosto. Aguardou por um protesto, porém nada ocorreu.

Ele alargou o buraco o bastante e pulou através dele, caindo na mais profunda

escuridão. Acendeu um fósforo para enxergar e viu escadas; subiu-as e espiou através do buraco da fechadura: escuridão... Preparou-se para ouvir ao ruído da máquina de escrever, mas havia apenas silêncio. Talvez o escritório estivesse fechado. Torceu a maçaneta e abriu a porta; um gélido sopro o fez tremer. Nas sombras à sua frente jaziam quartos e meios de suínos, ovinos e bovinos, pendurados em ganchos de metal presos ao teto, carne vermelha guarnecida pela branca e fria gordura. À sua frente estava um vidro embaçado pelo frio, atrás do qual se produziam sons indistintos. O cheiro de carne verde deixou-o enjoado fazendo-o retornar. *Um mercado*, sussurrou. Cego, momentaneamente pela luz, virou a cabeça. Apertou os olhos; as fileiras branco-vermelhas de carne vazavam uma intensa claridade amarela. Um homem vestindo um avental sujo de sangue entrou na câmara e apanhou um cutelo sujo de sangue. Empurrou a porta apenas o bastante que o permitisse cuidar o homem, desejando que o escuro no qual se abrigava, também o escondesse. O homem fez descer um quarto de novilho, colocando-o sobre um ensangüentado talho, que servia de mesa de corte, curvando-se para parti-lo com o cutelo. Era um homem de expressão dura, rosto quadrado, severo. A proeminência do bigode escondia seu lábio superior, e uma mecha de cabelo caía sobre seu olho esquerdo. Cada vez que alçava o cutelo e o fazia cair sobre a carne emitia um baixo grunhido. Sua face era de felicidade, quando colocou sobre o antebraço um pedaço de carne e partiu.

A porta bateu fazendo a luz sumir, e uma vez mais ficou no escuro. Sua tensão refluiu. Por detrás do vidro regelado, ouviu a voz do homem: “Quarenta e oito centavos por quatrocentas gramas, madame”. Com um arrepio, teve o sentimento de que deveria fazer algo. Mas o que? Fixou os olhos no cutelo, e espirrou, ficando ao mesmo tempo aterrado ao pensar que poderia tê-lo ouvido. Mas a porta não se abriu. Apanhou o cutelo e examinou a afiada lâmina, conspurcada de sangue frio. Por trás do vidro, regélido, uma caixa registradora soou, com um vibrante e musical tinido.

Absorto, empunhando o cutelo, esfregou o vidro com seu polegar fazendo um círculo através do qual pode enxergar até a frente do mercado. Estava vazio, com exceção do homem, que agora vestia seu chapéu e capa. Além da janela da frente um esmaecido sol brilhou na rua; as pessoas desfilavam e de quando em quando um fragmento de riso ou o zunido de um apressado automóvel o alcançava. Examinou mais de perto e viu, no balcão direito da loja, um mosquiteiro cobrindo peras, uvas, limões, laranjas, bananas, pêssegos e ameixas. Seu estômago se contraiu.

O homem apagou a lâmpada, e ele rangeu os dentes, pensando: *Não tranque a porta da câmara fria...* O homem saiu, fechando a porta pelo lado de fora. Obrigado, meu

Deus! Agora iria comer mais um bocado! Esperou, tremendo. O sol se pôs e seus raios feneceram-se no céu, lançando as ruas na penumbra. Abriu a porta e adentrou a loja. De trás para diante, sobre o vidro principal, podia ler: FRUTAS E CARNES DO NICK. Riu ao mesmo tempo em que apanhou uma pêra madura e amarela, mordendo-a; o suco esguichou; sua boca sofreu na medida em que as glândulas salivares reagiram ao ácido da fruta. Comeu três peras, devorou seis bananas e apoderou-se de várias laranjas, arrancando um pedaço do topo, mantendo-as na boca, apertando de forma que facilitava sugasse famintamente seu sumo.

Encontrou uma torneira, abriu-a, deixou o cutelo de lado, colocando sua boca no jato de água, ingerindo até que seu estômago parecia iria estourar. Espreguiçou-se e arrotou, sentindo-se feliz pela primeira vez desde que imergira no subterrâneo. Sentou-se no chão, enregelou e acendeu um cigarro; os olhos irritados se contraíram a passagem da fumaça à deriva. Observou um fragmento de o céu tornar-se vermelho, então purpúreo; a noite caiu, e ele acendeu outro cigarro, meditabundo. Uma parte de si tentava recordar-se do mundo que deixara para trás, outra parte de si não desejava lembrar-se. Desordenadamente, em sua mente, via à frente sua mulher, a senhora Wooten, para quem trabalhara, os três policiais que o haviam prendido... Agora os controlava mais completamente do que jamais o fizera quando vivia sobre o solo. Como tudo tinha ocorrido não sabia dizer, mas não tinha qualquer desejo de voltar a eles. Riu, apertou o cigarro e levantou-se. Caminhou até a porta da frente e fixou intensamente seu olhar. Emocionado, sentiu-se indeciso entre os mundos sob e sobre a terra. Ansiou por ir embora, porém um pensamento racional induziu-o a ficar ali. Então, impulsivamente, com o pé de cabra, forçou a fechadura; a porta se abriu. Em meio ao crepúsculo viu um homem e uma mulher brancos vindo em sua direção. Ficou tenso, esperando que passassem; mas eles vieram diretamente ao seu encontro, ficando frente a frente.

“ Quero umas gramas de uvas,” disse a mulher.

O homem moveu-se devagar para frente, piscando os olhos.

“Onde está Nico?” Perguntou o homem.

“ Você está fechando?” Indagou a mulher.

“ Sim madame”.

“ Desculpe”, disse a mulher.

A luz da rua acendeu, iluminando um pouco a loja. Deveria fugir? Mas, isto provocaria alarme. Caminhou onírica, vagarosamente, até o balcão, e apanhou um cacho

de uvas, mostrando-o à mulher.

“Ótimo,” disse a mulher. “Mas não tem mais do que quatrocentas gramas?”

Ele não replicou. O homem o observava, atentamente.

“Ponha-os num saco para mim,” disse a mulher, remexendo na bolsa.

“Sim, madame“.

Divisou uma pilha de sacos sob uma borda; abriu um e depositou as uvas.

“ Obrigada,” disse a mulher, apanhando o saco e depositando uma moeda na escura palma de sua mão.

“Onde está o Nico?” Perguntou o homem outra vez. “Jantando?”

“Senhor? Sim, senhor”, sussurrou.

Partiram, e ele ficou a tremer na porta. Quando haviam desaparecido, irrompeu numa explosão de choro e riso. Um bonde ruidosamente passou; controlou-se rapidamente. Com um gesto de desdém, atirou a moeda no chão e lançou-se no ar morno da noite. Umhas poucas e tímidas estrelas luziam sobre si. As coisas mostravam-se encantadoras, embora tenha pressentido uma ameaçadora armadilha. Caminhou até uma banca de jornal fechada, e examinou uma pilha de jornais. Viu uma manchete: NEGRO CAÇADO POR HOMICÍDIO.

Sentiu que alguém se aproximava à suas costas e se despia; olhou com incredulidade, e retornou rapidamente para aloja, apanhou o cutelo onde o havia deixado, próximo da pia, endereçando-se para o porão, através da câmara fria. Ficou por muito tempo recompondo o fôlego. Eles sabem que eu não fiz nada, pensou. Mas como poderia provar? Havia firmado uma confissão. Embora inocente, sentiu-se culpado, condenado. Acendeu um fósforo e o manteve próximo da lâmina de aço, fascinado e repugnado pela manchas secas de sangue. Então, seus dedos seguraram o cabo do cutelo com toda a força de seu corpo, para usá-lo contra si, mas não ousou. A chama do fósforo se agitou e morreu; embrenhou-se pelo buraco e colocou o cutelo no mesmo saco em que guardara o rádio. Desejou guardá-lo, para que propósito não sabia.

Já estava quase saindo quando lhe voltou à mente o cofre. Onde é mesmo que estava? Pensou em desistir, mas concluiu que deveria tentar ainda outra vez. Em direção oposta ao buraco que havia feito, cavou outra vez com auxílio do pé-de-cabra. O esforço deixou-o tão exausto que ofegante se jogou na laje de concreto. Finalmente fez outro furo. Serpenteou através dele e suas narinas sentiram o cheiro fresco de carvão. Acendeu outro fósforo; sim, os degraus de sempre levavam para cima. Tateou até a porta e abriu-a. Uma

moça branca, loura, apareceu em frente a um armário de aço, seus olhos azuis arregalaram-se ante sua imagem. Ela voltou-se, pálida, e berrou. Despencou pelos degraus abaixo e correu para seu buraco, escalando-o como podia, recolocando os tijolos nervosamente. Deteve-se, ouvindo gritos.

"O que houve, Alice?"

"Um homem..."

"Que homem? Onde?"

"Um homem estava à porta..."

"Oh, bobagem!"

"Ele me olhava pela porta!"

"Ah, estás sonhando."

"Eu vi um homem!"

A garota agora chorava.

"Não há ninguém aqui."

Ouviu-se a voz de outro homem.

"O que houve, Bob?"

"Alice disse haver visto um homem aqui, à porta."

"Vamos dar uma olhadinha".

Ele aguardava pronto para debandar. Passos desceram a escada.

"Não há ninguém aqui!"

"A janela está fechada".

"E não existe uma porta".

"Você tem de demitir essa mulher".

"Oh, deixa para lá. As mulheres são assim mesmo."

"Ela é muito histérica".

O homem riu. Passos soaram novamente na escada. Bateram uma porta. Sentiu, então, que havia escapado. Mas não havia feito aquilo a que se propusera; o tempo que teve para olhar a sala foi muito pouco para saber se o cofre estava ali. Precisava saber. Corajosamente reentrou no buraco; alcançou a escadaria, retirou os sapatos e, na ponta dos pés, escalou-a, espreitando através do buraco da fechadura. Sua cabeça acidentalmente tocou na porta, que se abriu em silêncio nalguns milímetros; viu a moça curvada sobre um balcão, as costas voltadas para si. Adiante de si estava o cofre. Voltou para os degraus pensando feliz: encontrei.

Agora, teria de descobrir a combinação. Ainda que a espia se encontrasse fechada

e lacrada, poderia entrar quando o escritório estivesse fechado. Esgueirou-se através do buraco que cavara e voltou ao ambiente no qual havia deixado o rádio e o cutelo. Novamente rastejou, passando pela vigia, e atingiu o cano da goteira e perscrutou. O disco de metal aparecia solitário e brilhante, refletindo um clarão amarelo, reflexo de uma luz que não via. Resignado a ter uma longa espera, sentou-se e apoiou as costas contra a parede. De pontos distantes vinham os sons fracos da vida sobre o solo, o que o fez olhar, com expressão confusa para o céu escuro. Várias vezes levantou-se e foi ver se encontrava aquela mão branca torcendo o disco da combinação, mas nada aconteceu. Mordeu seus lábios com impaciência. Não era o dinheiro que o seduzia, mas o simples fato de que poderia consegui-lo impunemente. Estaria a mão, agora, movendo o disco? Levantou-se e olhou, mas nada.

*Não seria melhor se ficasse de atalaia?*

Sim, voltou pela goteira e pôs seu olho a cuidar o disco até que seus olhos se contraíram com lágrimas. Exausto, voltou através da vigia. Ouvia uma porta se fechando, o que o fez engatinhar de volta pelo cano para olhar. Afastou-se, tenso; uma figura passou à sua frente. Fixou o olhar sem piscar, abraçado com uma mão ao cano da goteira, enquanto com a outra mão empunhava uma chave de fenda, pronto para arranhar, na parede, os números da combinação. Seus ouvidos sentiram: Dong... Dong...Dong...Dong...Dong...Dong... *Sete horas*, murmurou. Quem sabe estão fechando agora? *Que loja estaria aberta até tão tarde como esta?* Indagou a si mesmo. Será que alguém mora ao fundo? Seria um guarda noturno? Talvez, por ser noite, o cofre já estivesse fechado.

*Puxa! Enquanto estivera me empanturrando na quitanda haviam trancado tudo...*

Preparava-se para abandonar a empreitada quando viu a mão branca tocar o disco e, ato contínuo, iniciar a girá-lo para a direita, parando no seis. Com os dedos trêmulos, gravou na parede 1 - D - 6, usando a ponta da chave de fenda. A mão rolou duas vezes a combinação para a esquerda, parando em dois; arranhou na parede: 2 - E - 2. O disco foi movimentado quatro vezes para a direita e parou novamente no seis; gravou então: 4 - D - 6. A combinação rotou três vezes para a esquerda, ficando exatamente no centro; escreveu: 3 - E - 0. A porta deslizou abrindo-se, e pôde ver maços de notas verdes e colunas de moedas embrulhadas. *Consegui*, disse, de cara fechada.

Aí, lá estava imóvel, assombrado. Havia, agora, duas mãos. A direta levantou maço de verdes notas e agilmente alojou-as na manga do braço esquerdo. As mãos tremeram; outra vez a mão direita colocou um maço de notas na manga esquerda. *Ele está*

*roubando*, disse para si mesmo. Sentiu-se indignado, como se lhe pertencesse o dinheiro. Embora *ele* tivesse planejado furtar o dinheiro, sentiu desprezo e pena pelo homem. Considerou que o seu ato de roubar e o do outro eram coisas absolutamente diferentes. Desejava subtrair o dinheiro apenas pela sensação de poder apoderar-se, não possuindo projeto de gastar um centavo sequer; sabia, todavia, que o homem que estava saqueando, iria usar o dinheiro, talvez em divertimento. A pesada porta fechou-se com um suave clique. Embora brabo, estava, de certa forma, satisfeito. O escritório fechar-se-ia em breve. Vou fazer uma limpeza, cismou. Imaginou os empregados, todos, apavorados; a polícia interpelaria cada um, por um crime que não haviam cometido, assim como fizeram consigo. E não saberiam explicar como o dinheiro havia sumido, até que encontrassem os furos que escavara pelas paredes do porão. Reprovou-se e gargalhou, com a alegria perdida de um adolescente.

Ele se espremeu todo contra a parede, quando ouviu o som rascante de uma janela ser fechada sobre sua cabeça. Espiou: alguém trancava a janela com uma tela de metal. Isto não te vai proteger, sorriu para si mesmo. Agarrou-se ao cano da goteira até que a amarela luz do escritório apagou-se. Retornou ao porão, juntou o saco que continha o rádio e o cutelo, encaminhando-se, pelos dois buracos que havia cavado em direção à sala do cofre. Caminhou lentamente, respirando com cuidado. *Seja cauteloso agora*, disse para si mesmo. *Pode haver um vigilante noturno...* Em sua cabeça havia a combinação, gravada em grossas e brancas letras, como escrita numa lousa. Serpenteando, espremeu-se através do último furo, pondo a mão na maçaneta da porta, puxando-a em alguns milímetros. Então, sua coragem esvaiu-se; sua imaginação teceu perigos iminentes.

Quem sabe, um vigia estivesse ali postado, pronto para atirar. Balançou seu boné no dedo indicador e o fez passar pela soleira da porta. Se alguém atirasse, o faria contra seu chapéu; mas nada aconteceu. Empurrou a porta, transpassando-a, pé-de-cabra acima de sua cabeça, pronta para ser usada contra um assaltante. Ficou assim, por alguns minutos; o barulho de um bonde, todavia, trouxe-o à realidade. Entrou na sala. Através de um janelão, a lua flutuava, iluminando-o. Encarou o cofre, examinando-o. *É melhor dar uma olhada em volta, primeiro...* Caminhou adiante, encontrando uma porta fechada. Estaria o guarda noturno ali dentro? Abriu-a e encontrou uma pia, uma torneira e um balcão. Para a esquerda havia, ainda, outra porta que se abria para um ambiente grande e escuro, que parecia estar vazio. Distante, ainda nessa sala, vislumbrou a sombra do que seria ainda outra porta. Não há ninguém, balbuciou.

Retornou para o cofre e manipulou o disco; moveu-se facilmente. Rindo, o fez



rodar por brincadeira. *Ao trabalho*, comandou a si mesmo. Foi girando a roda numerada, seguindo os números impressos em sua memória. Era tão simples que recolhia a impressão de que o cofre não fora jamais fechado. A pesada porta livrou-se com facilidade das travas; empunhou a maçaneta, puxando-a firme, mas a porta abriu-se instante após com um impulso de si mesma. Embasbacado, sem fôlego, via-se à frente de pilhas e pilhas de notas verdes; colunas de moedas embrulhadas, curiosas jarras de vidro repletas de brancas bolinhas, e muitas caixas de metal verdes e oblongas. Espiou por sobre seu ombro, espantado que ninguém aparecesse para contê-lo.

Vão se surpreender pela manhã, pensou. Abriu a boca do saco e apanhou um compacto maço de notas. O dinheiro era novinho em folha. Ficou olhando a perfeição do corte do papel. *O pessoal em Washington entende mesmo disso*, brincou. Esfregou, então, as notas, como que em busca de alguma qualidade escondida. Ergueu mais o maço, aproximando-o do nariz para sentir o cheiro fresco de tinta. *Um papel como outro qualquer*, resmungou. Depositou no saco um maço de notas e apanhou outro em seguida. Empunhando o saco, pensava e ria.

Um sentimento de posse o dominava; estava intrigado com a forma e a cor do dinheiro, com as múltiplas reações que experimentariam os homens de sobre o solo, quando se deparassem com o que estavam ocorrendo. O saco se encontrava pela metade quando lhe ocorreu examinar valor nominal das notas; sem dar importância a esse detalhe, havia colocado maços de notas de um dólar. *Ah! Trocados*, disse com desagrado. Pegue as grandes... Jogou no chão as notas de um e abarrotou o saco, o máximo que pôde, com notas de cem. Então, com dedos de garras, derrubou pilhas e pilhas de moedas.

Deslocou-se para uma mesa onde repousava uma máquina de escrever, a mesma que a jovem loura havia usado. A máquina o deixava fascinado; nunca havia tocado numa delas. Tratava-se de um esquisito objeto de trabalho, algo muito além da arraia de seu mundo. Toda vez que esteve num escritório, com uma secretária operando na máquina, sempre falou quase sussurrando. Recordando-se vagamente do que vira outros fazerem, inseriu uma folha de papel na máquina; a folha entrou torta e ele não soube como fazer para endireitá-la. Soletrando, com uma voz titubeante, *milho-catou* seu nome nas teclas: *freddaniels*. Examinou o que fizera e riu. Gostaria, um dia, de aprender a datilografar corretamente.

Sim, levaria também a máquina de escrever. Ergueu-a e depositou-a sobre o saco de dinheiro. Não sentiu que estivesse roubando, pois colocava o cutelo, o rádio, o dinheiro e a máquina de escrever no mesmo nível de valor; para ele todos significavam a mesma

coisa. Eram os brinquedos caros aos homens que viviam no mundo morto, que abandonara, do sol e da chuva; o mundo que o havia condenado, que o havia estigmatizado como culpado.

*Mas que espécie de lugar era este?* Espantou-se. O que havia na sala escura atrás de si? Buscou por fósforos e constatou que havia, ainda, apenas um palito. Encostou o saco contra o cofre e caminhou para dentro da sala. Encontrou objetos polidos de metal, que lhe pareceram máquinas. Sem sucesso, apalpou a parede em busca de uma chave de luz. Bem, *teria* de queimar seu derradeiro fósforo. Ajoelhou-se e acendeu-o, protegendo a chama, próxima ao chão, com a concha das mãos. O ambiente parecia ser de uma fábrica, com bancos e mesas. Havia lâmpadas com quebra-luzes verdes espaçados entre as mesas; acendeu uma delas e torceu-a de forma que o clarão fosse contido. Havia bancos às mesas, o que o fez concluir que ali se desenvolvia algum tipo de comércio. Andou em volta e encontrou algumas caixas de fósforos semi-usadas. Se pudesse ao menos encontrar mais cigarros! Mas não havia.

Mas, afinal, que espécie de lugar era aquele? Numa banca viu um bloco timbrado: PEER'S — Joalheiros. Seus lábios se fecharam num "O", então apagou a luz voltando depressa ao cofre, postando-se à frente, com olhar fixo, das jarras com bolinhas brancas. Com cuidado, apanhou uma, notando que vinha envolta em celofane. Removeu o papel e mirou uma pedra resplandecente que parecia de vidro e faiscava branco e azul. *Diamantes*, murmurou.

Abruptamente, removeu o papel das bolinhas, fazendo suas mãos tiritarem no fogo precioso. Trêmulo, retirou os quatro jarros do interior do cofre, despejando o conteúdo em seu saco. Apanhou uma das caixas de metal, agitou-a, ouvindo um fraco chocalho. Removeu a tampa com uma chave de fenda. *Anéis! Centena deles... Valeriam algo?* Empalmou uma porção, vendo jatos de luz jorrar das pedras. *São também diamantes*, disse a si mesmo. Abriu outra caixa. Relógios. Um coro de suave de metálico tique-taque encheu-lhe os ouvidos. Por um instante não conseguiu mover-se, então jogou tudo dentro do saco. Olhou atentamente à sua volta, esforçando-se para não desprezar algum detalhe, então fechou a porta. Oh! Havia visto uma porta, na sala onde estavam as máquinas. Que mais havia lá; seriam outros objetos de valor? Retornou à sala, atravessou-a, parando indeciso à porta. Empunhou, enfim, a maçaneta abrindo-a; a peça à frente estava escura. Adentrou, cautelosamente, com a mão deslizando sobre uma parede, buscando com o tato uma chave de luz; ficou, de repente, imóvel. *Algo havia se movimentado dentro da sala!* O que seria? Teria que escapar, levando os anéis, os diamantes e o dinheiro? Por que

arriscar o que já possuía? Esperou quieto, até que o silêncio que se seguiu inspirou-lhe confiança para ir adiante. Ousaria acender um fósforo? Não iria o clarão da chama torná-lo um alvo perfeito? Enrijeceu-se de novo ao ouvir um fraco suspiro; estava convencido de que algo vivo estava próximo de si, algo que respirava. Na ponta dos dedos, movimentou-se sobre o piso, desejando não colidir com alguém. A sorte o bafejou, pois encontrou a chave da luz.

Não. Não acenda a luz... Deu-se conta, então, desconhecer em que direção se encontrava a porta. Puxa! Teria de acender, ou um fósforo ou a lâmpada. Ficou com a mão sobre a chave de luz por longo tempo; depois teve uma idéia: manteve a mão colada à chave ao mesmo tempo em que se ajoelhou. Concluía que, ao acender a luz, se alguém atirasse contra si, a bala passaria por sobre sua cabeça. No instante em que a lâmpada incandesceu apertou os olhos, podendo ter uma breve visão. Aspirou com força, fazendo seu corpo vibrar por inteiro, ficando a seguir imóvel. À sua frente, tão próximo que lhe deu vontade de dar um pulo e gritar, estava um rosto humano.

Sentiu que, se se movimentasse um pouco sequer, tocaria nele. Se a figura ali abrisse os olhos, não há como prever o que teria feito. O homem — alto e forte — encontrava-se estendido sobre um catre, vestido em seu uniforme, com a cabeça repousando sobre um travesseiro sujo; sua face, marcada por uma barba a fazer, apontava para o forro. O homem suspirou; ele preparou-se para se defender de um ataque. Todavia, aquele apenas resmungou, virando o rosto para o lado, protegendo-se da claridade. Preciso apagar essa luz, pensou. Quando se preparava para erguer-se, viu, ao lado do homem que dormia uma arma e a cartucheira. Sim, iria levar consigo a arma e a cinta, não para usá-la, senão como alguém que recolhe uma lembrança de uma exposição rural. Preparava-se para apagar a luz quando seus olhos se encontraram, sobre uma cadeira, próxima à cabeça do homem adormecido, com uma fotografia; era a imagem de uma mulher, sorrindo, retratada contra uma paisagem de campo aberto, tendo ao lado duas crianças, um menino e uma menina. Sorriu com indulgência: poderia disparar um tiro em sua cabeça, e para si tudo estaria acabado...

Apagou a luz e, silenciosamente, rastejou de volta à sala do cofre. Vestiu o coldre, colocando a arma exatamente sobre o quadril direito. Caminhou pomposamente em torno à sala, na ponta dos pés, movendo sua cabeça com indolência, para então abruptamente parar, sacar a arma, e apontá-la, cara feia, contra um inimigo imaginário. "Bum!", sussurrou ameaçador. Então, curvou-se para frente, num riso abafado. *É exatamente como fazem nos filmes*, disse.

Contemplou longamente o que havia saqueado, e então apanhou uma toalha no lavatório, fixando firmemente o saco. Ao levantar os olhos assustou-se, momentaneamente, com sua própria sombra, distorcida, projetada na parede. Ergueu o saco, arrastando-o de graus abaixo, quase sem fôlego. Após haver-se debatido através do buraco, desajeitadamente repôs os tijolos, brigando com o saco até que conseguiu introduzi-lo na caverna. Ficou parado no escuro, suado e úmido, guardando diamantes, anéis, relógios e dinheiro; lembrou-se do cântico na igreja, a platéia gritando no cinema, a criança morta, o homem nu, estendido sobre a tábua branca... Viu tudo passando em frente a seus olhos, e sentiu que um tênue elo os ligava uns aos outros; que alguma relação esotérica tornava-os afins. Mirava o vazio, com um olhar perdido, convencido de que aquelas imagens, todas, com sua realidade muda, lutavam por dizer-lhe algo.

Adiante, vendo através de seus dedos, desatou o saco e colocou cada um dos objetos, bem ordenados, sobre o imundo piso. Tateando, retirou a lâmpada, o soquete e o fio de dentro da caixa; ficou satisfeito ao encontrar um soquete duplo na extremidade do fio. Acomodou como pode os objetos nos bolsos e escalou canos enferrujados atingindo a igreja; estava sombria e vazia. Nalgum lugar nessa parede havia fios elétricos energizados; mas onde? Abaixou-se, tateou e apalpou, bateu gentilmente com o cabo da chave de fenda, esperando ouvir sons de superfície oca. *Vou me arriscar e cavar*, disse. Por uma hora, tentou deslocar um tijolo. E, quando acendeu um fósforo, constatou haver cavado pouco mais que um par de centímetros. *Perda de tempo cavar aqui*, suspirou. Com a luz claudicante do fósforo olhou para cima; então baixou os olhos, voltando, bruscamente, a olhar para cima de novo, surpreso. Imediatamente acima de sua cabeça, adiante dos canos, havia abundância de fios elétricos. *Vou pagar por isto*, sorriu para si mesmo.

Apanhou na caixa de ferramentas um velho canivete e, novamente, vendo com os dedos, separou as duas linhas de fio, cortando o isolamento. Duas vezes sofreu choques brandos. Raspou os fios de forma a permitir que o par recebesse aqueles originários do soquete da lâmpada. A pronta iluminação deixou-o cego; fechou rapidamente os olhos para se proteger da dor nos globos oculares. *Eu fiz bastante*, pensou com júbilo.

Ele colocou, no chão sujo, a lâmpada, que projetou um clarão distorcido na lúgubre parede de tijolos. A seguir, conectou o rabicho, que pendia do rádio ao benjamim, que fixava a lâmpada, curvando-se para ligá-lo com o botão; quase imediatamente irrompeu um som áspero de estática, mas nada de música ou palavras. Por que não funciona? Indagou-se. Teria danificado os circuitos de alguma forma? Necessitaria de um ponto terra? Sim. ...Revolveu a caixa de ferramentas e encontrou outro pedaço de fio, que

conectou ao suporte terra do rádio, ligando-o ao extremo de um dos canos. Num crescendo e tornando-se claro, um moderado impulso musical o envolveu, deleitando-o com seu som ritmado. Sentou-se, então, sobre a caixa, delirantemente alegre.

Após, procurou novamente na caixa e achou meia lata de cola; abriu-a e aspirou seu cortante odor. Lembrou-se, então, que sequer havia olhado para o dinheiro. Apanhou um maço de notas verdes, sentindo seu peso na palma da mão. Rompeu, então, o selo e apanhou uma das notas, colocando-a bem à luz e a examinou com cuidado. *Os Estados Unidos da América pagarão ao portador, se solicitado, cem dólares,* leu bem vagarosamente; então: *Esta nota é meio legal de pagamento para qualquer débito, público e privado...* Irrompeu num riso preocupado, tendo a impressão de que lia a respeito de coisas de um povo que vivia em algum planeta distante. Então, virou a nota, vendo, na gravura brilhante, um edifício delicadamente belo, posto em meio a um gramado verde. Não pretendia, de qualquer forma, contar o dinheiro -- isto fariam os diversos tipos humanos que rodopiavam no solo acima -- o que o deixava feliz. Noutro impulso, começou a abrir os rolos com moedas, vendo-as cair no chão, fazendo nascer a seus pés um faiscante montículo de prata e cobre. Apanhou as moedas e as fez escapar por dentre os dedos, provocando um tilintar, à medida em que caíam no cônico outeiro.

Oh, sim! Havia esquecido. Faltava grafar seu nome numa máquina de escrever. Inseriu um pedaço de papel e posicionou seus dedos para datilografar. Mas, como se chamava? De olhos pasmos, tentou lembrar-se. Levantou e moveu-se zangado pela imunda caverna, seu nome na ponta da língua; mas não vinha. Por que estava ali? Sim, estivera fugindo da polícia. Mas, por quê? Havia um vazio em sua mente. Mordeu seus lábios e sentou-se outra vez, experimentando um vago terror. Mas por que se preocupar? Riu e *milho-catou, devagar: foi um dia quente e longo.* Estava determinado a compor a frase sem cometer qualquer erro. Como se datilografavam letras maiúsculas? Experimentou e, por sorte, descobriu como travar a tecla que fixava as letras maiúsculas. Destravou a seguir, voltando à caixa baixa. Descobriu a seguir como espaçar. Com isto, escreveu corretamente: *Foi um dia quente e longo.* Por que havia escolhido esta frase não sabia; teria sido apenas o desejo de externar aquilo que sentia. Retirou o papel da máquina e caminhou à volta, pescoço esticado, olhar duro, e falou para um imaginário interlocutor:

“ Sim, os contratos estarão prontos amanhã”.

Ele riu. É exatamente assim que falam, comentou. Sentiu-se cansado, e pôs a máquina de lado. Seus olhos toparam com a lata de cola, e uma idéia picante irrompeu, fazendo-o sentir uma nervosa ansiedade. Deu um pulo e abriu a lata de cola; a seguir

rompeu o lacre de todos os maços de dinheiro. Vou criar um papel de parede, disse com um riso fisicamente lascivo que o fez curvar-se sobre os joelhos. Apanhou a toalha com a qual havia amarrado o saco e transformou-a numa espécie de esponja que mergulhou na lata de cola, espalhando-a, a seguir, por sobre a parede. Então, passou a fixar as notas uma ao lado da outra. Afastou-se um pouco e enrijeceu a cabeça para olhar. *Jesus! ... Que engraçado!* E deu uma palmada em sua bunda; gargalhou. Havia triunfado sobre o mundo acima do solo! Estava livre! Se as pessoas pudessem ver aquilo. Desejou fugir da caverna, e gritar para o mundo sua descoberta. Passou a emplastrar de cola as paredes da caverna, ornando-as com notas verdes; quando terminou, as paredes resplandeciam numa chama verde-amarela. Sim, esta câmara haveria de ser esconderijo. Entre ele e o mundo, que o havia considerado culpado, ficaria este símbolo ridículo. Não havia roubado o dinheiro, apenas o recolhera como alguém apanha lenha na floresta. E era exatamente assim que o mundo lá de cima, sobre a terra, se lhe afigurava – uma imensa floresta saturada de morte.

As paredes de dinheiro deixaram de estimular seu interesse, e voltou-se em busca de outras coisas que pudessem despertar novas emoções. O cutelo! Dirigiu um gancho por entre a parede e fisgou o ensangüentado cutelo. Teve ainda outra idéia. Olhou com curiosidade as caixas de metal, colocando-as lado a lado no imundo chão. Sorriu então ante o fogo e o ouro. De uma das caixas apanhou um punhado de tique-taqueantes relógios de ouro e embalou-os, seguros em suas reluzentes correntes de ouro. Permaneceu com um sorriso preguiçoso, para então começar a dar-lhes corda. Não buscava ajustá-los a uma hora específica, pois estava à margem do tempo. Apanhou um punhado de ganchos e introduziu-os através da empapelada parede e fisgou os relógios, trazendo-os para junto a si. Deixando-os, contudo, balançando presos às suas reluzentes correntes, tremulando e tique-taqueando intensamente contra a cortina verde com brilho amarelo-limão das da luz elétrica, incidindo sobre as caixas de metal, convertendo os discos dourados em pasta de amarelo líquido. Mal havia pendurado o último dos relógios e uma idéia se sobrepôs à anterior: apanhou mais ganchos na caixa de ferramenta e com eles caçou mais anéis e foi, de gancho em gancho, fixando-os em faixas de ouro. As faíscas azuis e brancas das pedras fizeram-no encher a caverna com um riso retumbante, como se estivesse desfrutando seu hilariante segredo. *As pessoas podem fazer coisas engraçadas*, disse para si mesmo.

Sentou-se sobre a caixa de ferramentas, ora rindo, ora sacudindo a cabeça gravemente. Horas adiante, deu-se conta do revolver que pendia em sua cintura, sacando-

o do coldre. Já havia visto artistas fazerem uso de revólveres nos filmes, mas, sua vida jamais o levava a ter contato com armas de fogo. O desejo de experimentar a sensação que outros têm em atirar apoderou-se dele. Mas alguém poderá ouvir... Bem, e daí se ouvirem? Não saberão de onde o tiro partiu. Nem em suas mais ousadas convicções poderão supor que o tiro veio de baixo das ruas! Posicionou seu dedo no gatilho; deu-se um ruído ensurdecedor parecendo que o subterrâneo por inteiro havia ruído sobre seus tímpanos. Ao mesmo tempo, brilhou um jato de chama azul-alaranjada que se extinguiu rapidamente, permanecendo, todavia, como uma vívida segunda imagem. Sentiu o cheiro acre de pólvora queimada adentrando seus pulmões e largou o revólver abruptamente.

A intensidade de seus sentimentos amainou, e pendurou o revólver e seu coldre na parede. A seguir, levantou as jarras com diamantes e colocou-as de boca para baixo, fazendo cair no chão as pedras brancas. Uma por uma foi removendo o papel que as envolvia, agrupando-as ordenadamente num montículo. Secou suas mãos suadas nas calças, acendeu um cigarro e iniciou um novo jogo. Imaginava-se um homem rico que vivia sobre o solo, sob o lascivo sol, e passeava num parque, numa manhã de verão, rindo, cumprimentando os vizinhos, desfrutando um charuto de após desjejum. Muitas vezes passou pelo piso da caverna desviando seus pés dos diamantes, embora medindo seus passos, de maneira que seus sapatos, úmidos com o lodo do esgoto, iriam a qualquer instante atingir os diamantes. Após vinte minutos de passeio, seu pé direito invadiu o montículo, e os diamantes, brilhando, foram parar em todas as direções, com um milhão de sorrisos de um enregelante riso. *Oh, drogas*, resmungou num arremedo de arrependimento, surpreso com o dano que trabalhara. Continuou caminhando a ignorar o lampejo das pedras. Sentia haver inscrito em seu coração uma vitória gloriosa.

Ele se abaixou e espalhou sobre o solo os diamantes, de forma mais ampla, fazendo com que mostrassem ricas faíscas, ficando como gostava. Chegou próximo das pedras e passou a enterrá-las, de forma que ficassem apenas um pouco visíveis, como se houvessem sido colocadas delicadamente nos pinos de milhares de anéis. Uma luz fantasmagórica banhou a caverna. Sentou-se na caixa, o cenho cerrado. *Talvez tudo esteja certo*, conjecturou. Sim, se o mundo da forma como o homem o fez está certo, então tudo mais está correto, tudo que o homem faz para satisfazer-se — homicídio, roubo, tortura.

Em seguida ajeitou-se todo. O que estaria acontecendo consigo? Estava mergulhado nesses pensamentos tolos, que o faziam sentir-se vagamente culpado. Iria espreguiçar-se sobre o solo e então levantar-se; iria gatinhar novamente dentro dos túneis

que havia cavado. Mas iria se conter; pensaria em ir novamente às ruas, mas o medo o iria impedir. Parou em meio à caverna, tremendo, envolvido por paredes verdes e um piso insólito. Iria fazer algo, mas o que? Sim, temia a si mesmo; assustava-se de fazer alguma coisa imprevisível.

Para controlar-se, ligou o rádio. Uma música melancólica irrompeu. Meditar sobre um solo de diamantes era como olhar para um céu cheio de estrelas sempre moventes. Então, a ilusão tornou-se oposta: estava bem ao alto, no céu, observando as tremulas luzes de uma esparramada cidade. A música cessou e agora o locutor lia notícias. Na mesma atitude com que havia observado a cidade, agora, ouvindo a voz educada, olhou para a terra e o mar, vendo como os homens lutavam, como as cidades eram arruinadas, como aviões caíam espalhando morte sobre as cidades, enquanto longas trincheiras oscilavam e caíam. Ouviu nomes de generais e nomes de montanhas e nomes de países e nomes e números de divisões que estavam em ação em diferentes frentes de batalha. Viu a fumaça negra das chaminés dos navios de guerra, na medida em que se aproximavam uns dos outros, no turbilhão das águas, e ouviu seus grandes canhões trovejando por suas incandescentes ogivas silvando através da noite nos mares. Viu centenas de aviões voando e zunindo nos céus e o matraquear de metralhadoras, na medida em que combatiam uns com os outros, e viu aviões caindo como penas enfumaçadas e labaredas de fogo. Viu tanques de aço, rugindo através dos trigais maduros, para enfrentar outros tanques, onde havia um barulho de intenso tinir de aço, na medida em que numerosos tanques se chocavam. Viu tropas com suas baionetas caladas e os homens gemiam à medida em que o aço cortava suas carnes e caíam para a morte... A voz do rádio diminuiu em intensidade e ele se encontrava ali, olhos fixos, contemplando os diamantes no chão a seus pés.

Desligou o rádio, lutando contra uma compulsão irracional que o impelia a agir. Caminhou sem destino pela caverna, tocando nas paredes com a ponta dos dedos. De repente parou quieto. *Que lhe estava acontecendo?* Sim, soube... Eram essas paredes; essas paredes horríveis estavam incutindo-lhe a inelutável necessidade de subir para a negra claridade do sobre o solo. Rapidamente tratou de apagar a luz, fazendo sumir aquelas paredes silentes, sentando-se outra vez sobre a caixa de ferramentas. Era, sim, uma armadilha. Seus músculos estavam rígidos e o suor corria de suas faces. Soube naquele instante que não poderia permanecer ali, e não poderia sair. Acendeu um cigarro com mãos trêmulas, e a chama fez aparecer, com intensa nitidez, novamente, as paredes verdes. A cor púrpura na fornalha incandescia como uma ameaça; o cutelo de carne, com



suas eloqüentes marcas de sangue, o preocupava; o montículo de ouro e prata ardia intensamente; os diamantes faiscavam, do solo, para si; e os relógios de ouro, tremulando e tique-taqueando, coroando o tempo do reinado da consciência, definindo os limites do viver... A luz do fósforo definhou e ele retornou para onde estava, colidindo brutalmente com os ganchos fixados na parede. O encanto rompeu-se. Tremeu, sentindo que, apesar de seu medo, cedo ou tarde teria de ir até a morta claridade e de alguma forma dizer para alguém o que fizera.

Sentou-se novamente sobre a caixa. O cansaço pesava sobre suas têmporas e olhos. Minutos se passaram, e ele relaxou. Cochilou, mas sua imaginação estava alerta. Viu-se subindo, caminhando pela impetuosa água do esgoto; atingiu um bueiro e subiu, ficando satisfeito ao descobrir que tinha chegado a uma sala cheia de policiais armados que o examinavam intensamente. Pulou desperto no escuro; não havia se deslocado. Suspirou, fechou os olhos e dormiu outra vez. Desta feita sua imaginação armou um sistema de autoproteção. Em seu sonho sentiu-se como se estivesse numa câmara, olhando a seu próprio corpo nu, deitado, rígido e frio, sobre uma mesa branca. Longe, no fim do quarto, via uma multidão comprimida num canto, temerosa de seu corpo. Embora morto sobre a mesa, estava, de forma misteriosa, de pé a seu lado, à margem dos demais, guardando seu corpo, e rindo para si mesmo, na medida em que observava a situação toda. *Eles estão temerosos de mim*, pensou.

Acordou-se de pronto, pôs-se de pé, ficando no centro da caverna escura. Passou um minuto por inteiro até que se mexeu de novo. Moveu-se entre dormir e acordar, desprotegido, presa de incontroláveis temores. Não podia ver ou ouvir. Uma parte de si estava adormecida; seu sangue fluía devagar e sua carne estava insensível. De outra parte, havia sido levado a um estranho e alto grau de tensão. Ergueu seus dedos até a face, como na iminência de chorar. Gradativamente, suas mãos baixaram, e ele acendeu um fósforo, olhando, esperando ver a porta através da qual poderia sair para a segurança: mas não havia tal porta; apenas as paredes verdes e o chão movediço. A chama do fósforo morreu, e ele já estava no escuro novamente.

Cinco minutos após estar de pé, julgou que estivera dormindo. Sim... Mas ele não estava completamente acordado; esquisitamente, estava, ainda, cego e surdo. Por quanto tempo dormira? Onde se encontrava? Então, subitamente recordou as paredes emplastadas de notas verdes, ao mesmo tempo em que ouviu alto o som de cantoria vindo da igreja além da parede. Sim, eles acordaram, comentou. Deu um impulso em si mesmo, alcançando o leito dos canos, postando seu rosto numa estreita fenda. Homens e mulheres

espalhavam-se entre os bancos. Uma canção terminou e uma jovem negra jogou sua cabeça para trás, fechou os olhos, e iniciou sofredamente um novo hino:

*Feliz, feliz, feliz, oh, tão feliz  
Tenho Jesus em minha alma...*

Estas poucas palavras compunham todo o hino, mas o que sua letra não dizia, suas emoções expressavam, na medida em que repetia os versos, variando em estado e tempo, fazendo o tom que imprimia externar significados que sua mente, consciente, não saberia fazê-lo. Outra mulher misturou sua voz à da jovem, para então a de um velho somar-se às duas. Em seguida a congregação por inteiro cantava:

*Feliz, feliz, feliz, oh, tão feliz  
Tenho Jesus em minha alma...*

Estão errados, balbuciou na lírica escuridão. Sentia que a busca, nunca alcançada por eles, da felicidade, os fez sentirem-se como se houvessem cometido um crime terrível, do qual nem se lembravam, sequer o entendiam. Tinha agora o sentimento que o prendera quando pela primeira vez submergira no subterrâneo. Isto se deu através de uma série de questões: Por que este sentimento de culpa era tão ostensivamente inato, tão fácil de aflorar, de pensar, sentir, tão seguramente físico? Parece que quando alguém sente essa culpa, esse alguém está rememorando, no sentimento doutrem, um distante modelo fixado muito antes; dá a impressão que se está, permanentemente, tentando recordar um gigantesco choque, que deixou sobre aquele ser uma marca imorredoura, que não pode ser esquecida nem removida, mas que ficou olvidada no plano racional, criando na vida das pessoas um eterno estado de ansiedade.

Ele teria que sair daí; desceu dos canos. Seus nervos estavam tão tensos que tinha a impressão de seu cérebro estar sendo comprimido contra o crânio. Sentiu que deveria fazer algo, mas não conseguia atinar o quê. Sabia que, se fosse ficando até considerar-se pronto, jamais sairia da caverna. Arrastou-se através do buraco que havia cavado na parede de tijolos, e o exercício aliviou sua tensão. Quando chegou ao nível da loja dos rádios, parou assustado, ouvindo gritos:

"Vamos lá, rapaz! Conta o que fizeste com o rádio!"

"Senhor, eu não roubei o rádio! Eu juro!"

Ouviu então um som surdo e imaginou que o rapaz estava sendo violentamente espancado.

"Por favor, senhor!"

"Carregaste o rádio para uma loja de penhores?"

"Não, senhor! Eu não roubei o rádio! Eu tenho um rádio em casa," o rapaz implorava histericamente. "Vão até minha casa e olhem!"

Então chegou aos seus ouvidos o som de outra bofetada. Era gozado ter que tapar a boca com as mãos, para evitar escapasse uma risada. *Estão batendo no pobre rapaz*, sussurrou para si mesmo, sacudindo a cabeça. Sentiu uma espécie de remota pena pelo rapaz, e conjecturou se deveria buscar o rádio e deixá-lo no pavimento. Não. Talvez fosse bom que o estivessem espancando; quem sabe a surra trouxesse a ele a consciência, pela primeira vez na vida, do segredo de sua existência, da culpa da qual jamais poderia se livrar.

Rindo, moveu-se através do monte de carvão e postou-se novamente no andar do cofre, do qual tirara ouro e jóias. Esgueirou-se através do poço de ar, escalou o cano da calha, passando por entre a pequena abertura da janela. A culposa familiaridade com o que assistira deixou seus músculos tensos. Detido à sua frente, num brilhante quadro de dia claro, estava o vigia noturno sentado na beira de uma cadeira, os olhos vermelhos e inchados. O rosto e os ombros do vigia apresentavam marcas pretas e vermelhas. Às costas do vigia estava o cofre, a porta de aço escancarada mostrando o espaço vazio. *Sim, pensam que ele foi o autor*, ponderou.

Ouviram-se passos, de repente, na sala, e um homem em terno azul passou à sua frente, então outro e ainda mais um. *Policiais*, murmurou. *Sim, vão tentar fazer o vigia confessar um crime que não cometeu*. Olhou atentamente aquele local, tentando lembrar-se de algo. Oh... Eram os mesmos policiais que o haviam espancado e o obrigado a assinar um papel que, por muito cansado, não deu a importância devida. Agora faziam a mesma coisa com o guarda noturno. Seu coração disparou, quando viu um dos policiais meterem o dedo na cara do vigia.

"Por que não admities, Thompson, este é um trabalho de gente da casa?" disse o policial.

"Eu disse tudo o que sabia", murmurou o guarda através de lábios inchados.

"Mas ninguém esteve aqui, a não ser tu!", gritou o policial.

"Eu estava dormindo", disse o vigia. "Sei que é errado, mas eu dormi a noite toda!"

"Chega de mentiras!"

"É a verdade!"

"Quando conseguistes o segredo?"

"Eu não sei como abrir o cofre", disse o guarda.

Ele subiu tenso o cano da goteira; queria rir, mas controlou-se. Sentiu um grande sentido de força; sim, poderia retornar à caverna, arrancar o dinheiro da parede, juntar os diamantes e anéis, e trazê-los aqui e escrever uma nota, informando-os onde estavam seus tolos brinquedinhos. Não... De que serviria isto? Não valia o esforço. O vigia era culpado; embora não fosse culpado do crime do qual era acusado, era culpado, sempre foi culpado. A única coisa que o preocupava é que o homem que, efetivamente, andara roubando não estava sendo acusado. Mas, consolou-se: eles o encontrarão algum dia.

Viu um dos policiais esbofetear o vigia na boca.

"Sem esta, cretino!"

"Eu já disse tudo o que sabia", balbuciou, como uma criança, o vigia noturno.

Um dos policiais postou-se atrás da cadeira do vigia e deu um empurrão, lançando-a para frente.

"Levanta!" disse um policial.

Tremendo, o vigia levantou-se, mas coxeando, sentou-se novamente.

"Vais falar agora?"

"Eu disse tudo o que sabia", suspirou o vigia.

"Onde escondeste os bagulhos?"

"Eu não roubei".

"Thompson, teus miolos estão aos teus pés", disse um dos policiais. "Nós vamos puxá-los e trazê-los de volta ao teu crânio".

Ele observou um policial colocar algemas nos punhos e tornozelos do vigia; então o ergueram de cabeça para baixo e içaram seus pés para a borda de uma porta. O vigia foi levantado, cabeça baixa, os olhos inchados. Eles estão loucos, sussurrou para si mesmo, na medida em que escalava os canos.

"Vais falar?" gritou um policial no ouvido do vigia.

Ouviu o vigia gemer.

"Nós vamos te deixar dependurado até que aches melhor falar, viu?"

Ele viu o vigia fechar os olhos.

"Vamos pô-lo no chão. Ele desmaiou." Disse um policial.

Ele ria, enquanto observava os policiais deixarem, sem qualquer cuidado, o corpo do vigia cair no chão. Um policial removeu as algemas.

"Deixe! Ele volta a si. Vamos fumar um cigarro", convidou um policial.

Os policiais saíram de seu ângulo de visão. Bateram com a porta. Sentiu um impulso de avisar ao vigia que ele poderia fugir através do túnel que cavara e viverem juntos em sua caverna. *Mas ele não vai entender*, disse para si mesmo. Após um instante, viu o vigia erguer-se e oscilar em sua debilidade. O vigia moveu-se de onde se encontrava, oscilando em sua fraqueza, em direção a uma mesa; abriu uma das gavetas e apanhou uma arma. *Ele vai se matar*, pensou, atento, aflito, descompromissado, ansioso por ver o fim das ações daquele homem. O vigia começou a vagar incerto e apontou o revolver para sua têmpora; ficou nessa posição por alguns minutos, mordendo seus lábios até que um filete de sangue encontrou caminho através de uma dobra de seu queixo. *Não, ele não deve fazer isto*, comentou para si mesmo, num sentimento de pena.

"Não faça!" meio sussurrou e meio gritou.

O vigia olhou em torno; ele o ouviu. Mas não o ajudou. Deu-se um grande estrondo e a cabeça do vigia projetou-se violentamente, e caiu como uma tora de madeira, o revolver ressoando sobre o solo.

Os três policiais voltaram correndo empunhando os revólveres. Um deles ajoelhou-se, virou o corpo do vigia, deparando-se com um roto, escarlate, furo na têmpora.

"Nosso faro estava certo", o policial ajoelhado asseverou. "Era culpado, por certo".

"Bem, isto finda o caso", acrescentou outro.

"Sentiu que estava ferrado". Disse um terceiro policial, com severa satisfação.

Ele escafedeu-se pela goteira, arrastando-se através dos buracos que cavou, retornando à sua caverna. Um tipo de febre queimava seus ossos. Tinha de fazer algo, ainda que estivesse temeroso. Seus olhos, arregalados na escuridão, pareciam impelidos por mãos invisíveis, como desprovidos de pálpebras. Seus músculos mantinham-se rígidos e ali estava parado, como por mil anos.

Moveu-se novamente e suas ações eram executadas com precisão; seu sistema muscular abastecia-se por um reservatório de energias. Arrastou-se através do buraco na terra, chegando à corrente cinzenta do esgoto onde, chapinhando, moveu-se adiante. Quando seu pé direito adiantou-se, numa interseção de ruas, perdeu o equilíbrio, caindo para trás na água. Num espasmo de terror, sua mão direita agarrou a borda de concreto, firmando-se de alguma forma, e passou a sentir a correnteza passando violentamente por seu corpo. A água alcançava seu pescoço e ele percebeu que, se agisse descuidadamente, seria sugado. Moveu-se até a borda e, com as duas mãos, devagar, projetou seu corpo para cima. Suspirou alto e profundamente, de pé outra vez na infectada

água, agradecido de haver escapado da morte.

Chafurdou através do lodo, agindo com cuidado, até que alcançou uma teia de luz vazando por dentre os furos de uma tampa de bueiro. Contemplou os grampos de aço que escalavam a parede do esgoto. Subiu até que empurrou com o ombro a tampa, que se moveu poucos centímetros. Um som irrompeu em sua direção na medida em que olhou o quente clarão do sol, através do qual difusas formas se moviam. O medo voltou e ele retornou à pálida correnteza quedando-se paralisado nas sombras. O ruído de um pesado caminhão arranhando o piso e recolocando a tampa do esgoto no lugar, com um imperioso estrondo, foi como uma advertência para que permaneça neste mundo de luz escura.

Não sabia a extensão de seu temor, pois o medo se apoderara dele por completo. A mais, não era o medo da polícia ou da gente, mas um gélido frio que o atemorizava ao pensar o que faria se saísse para o exterior, sob a cruel claridade do sol. Sua mente dizia não; seu corpo dizia sim; e sua mente não conseguia entender seus sentimentos. Um lamento frouxo irrompeu de si e ele estava num momento de desabafo. Foi para cima e passou a ouvir o fraco rosnar das buzinas dos carros. Como um gato frenético que se apossa de uma sobra, agarrou os dentes de aço e jogou seu ombro contra a tampa, empurrando-a pela metade. Por instantes seus olhos mergulharam no terror da luz amarela, e sentiu-se numa escuridão mais profundo, como jamais vira no subterrâneo.

Parcialmente fora do buraco, piscava, recuperando a vista para enxergar formas com significado. Algo estranho estava ocorrendo: Ninguém apareceu para indagar-lhe algo. Imaginara que o momento em que emergisse seria de uma fantástica batalha com os homens que desejavam enquadrá-lo para morrer. Ao invés disto, a vida continuou imóvel como o tráfego quando pára. Empurrou a tampa para o lado, de pé, oscilando num mundo tão frágil que esperava viesse a colapsar e lançá-lo num grande vazio. Mas, parecia, ninguém lhe prestava atenção. Os automóveis agora desviavam, tanto dele quando do buraco aberto.

"Por que, idiota, não exibes uma luz vermelha?" Uma voz roufenha gritou.

Ele compreendeu; eles pensavam que era um operário do esgoto. Caminhou em direção ao passeio, movimentando-se, desajeitadamente, entre os veículos.

"Olha para onde vais, negro!"

"Tá bem! Fica aí e vais morrer!"

"Seu cego, bastardo!"

"Vai prá casa e cura teu porre!"

Um policial apareceu no meio-fio, olhando na direção oposta. Quando passou pelo

guarda pensou que seria agarrado; mas nada lhe aconteceu. Onde se encontrava? Era aquilo real? Desejou andar por ali até se localizar, mas sentiu que, se assim agisse, algo de ruim lhe iria acontecer. Andou por uma espaçosa porta de entrada de uma loja que vendia roupas de homens, e viu sua imagem refletida num grande espelho: seus malares protraindo de uma cabeluda face negra; seu gorro seboso escorregava de viés sobre a cabeça e seus olhos estavam vermelhos e vítreos. Sua camisa e calças solidificaram-se com o barro, e pendiam negligentes. Em suas mãos, grudava uma pasta escura. Jogou sua cabeça para trás e deu uma sonora gargalhada, que as pessoas que por ali passavam detiveram-se para olhá-lo.

Foi adiante pela calçada, sem a menor noção de para aonde se dirigia. Mesmo assim, em seu interior, havia o impulso de ir a algum lugar e dizer algo para alguém. Meia hora depois seus ouvidos captaram o som de um canto espiritual.

*Cordeiro, Cordeiro, Cordeiro*

*Eu ouço tua voz chamando*

*Cordeiro, Cordeiro, Cordeiro*

*Sinto tua graça baixando*

Uma igreja! exclamou. Entrou correndo, alcançando os degraus em tijolos que conduziam ao andar de baixo. É aqui! A igreja que havia contemplado. Sim iria lá dentro contar-lhes. Mas o que? Não sabia; mas, uma vez face a face com eles, pensaria no que dizer. Deve ser domingo, conjecturou. Desceu a escadaria e empurrou a porta. abrindo-a; a igreja estava repleta e uma avalanche sonora o envolveu:

*Cordeiro, Cordeiro, Cordeiro*

*Conta-me outra vez Tua história*

*Cordeiro, Cordeiro, Cordeiro*

*Inunda minha alma com Tua glória*

Deteve-se olhando as faces cantantes com um sorriso trêmulo.

Gritou, então: "Diz!"

Muitos se voltaram para olhar, mas o hino prosseguiu. Seu braço foi torcido violentamente.

"Sinto muito, Irmão, mas você não pode fazer isto aqui", disse um homem.

"Mas senhor!"

"Você não pode agir como um fanfarrão na casa de Deus", replicou o homem.

"Ele está imundo", outro homem acrescentou.

"Mas eu desejo contar a *eles*," ele falou.

"Ele fede", alguém resmungou.

O hino terminou, mas outro logo começou.

*Oh, maravilhosa vista sobre a cruz*

*Visão doce e divina*

*Oh, maravilhosa vista sobre a cruz*

*Plena desse amor sublime.*

Ele tentou escapar, porém outras mãos o prenderam, arrastando-o até a porta.

"Soltem-me!", clamou, resistindo.

"Vai embora!"

"Está bêbado", alguém afirmou. "Deveria sentir vergonha!"

"Parece louco!"

Ele sentiu que falhava, tornando-se agitado.

"Mas Senhor deixe-me dizer —"

"Saída dessa porta, ou vou chamar a polícia!"

Fitou fixo, o sorriso trêmulo transmutando para um sentimento de encanto.

"A polícia", repetiu vagamente.

"Agora, saia!"

Foi empurrado até os degraus de tijolos, e a porta bateu-se. Ondas de som atingiram-no.

*Oh, maravilhosa vista, vista maravilhosa*

*Erga aos céus meu triste coração*

*Oh, maravilhoso vista, vista maravilhosa*

*Encha esta cansada alma com devoção*

Agora, novamente sorria. Sim, a polícia... Era isto! Por que não pensara nisto antes? A idéia estava profundamente dentro de si, e somente agora assumia sua capital importância. Olhou para cima e viu uma placa de rua: RUA COURT — AVENIDA HARTSDALE. Retornou e voltou seguindo para o norte, sua mente tomada pela imagem



de uma delegacia de polícia. Sim, ali o haviam espancado, acusado e obriga-o a assinar a confissão de sua culpa. Iria lá para esclarecer tudo, fazer uma declaração. Que declaração? Não sabia. Era a declaração, e uma vez que tudo era tão claro para si, por certo tornaria tudo claro, também, para os outros.

Chegou à esquina da Avenida Hartsdale, seguindo na direção oeste. Sim, a delegacia... Um policial saiu, passando por ele sem dispensar sequer um olhar. Subiu as escadas de pedra, passando pela porta, hesitou; viu-se num saguão onde alguns policiais, de pé, falavam, fumavam. Um voltou-se para indagar:

"Que tu queres, rapaz?"

Ele olhou para o policial e riu.

"Diabos, que há de tão engraçado?" Perguntou-lhe um policial.

Parou de rir e fixou o olhar. Todo o seu ser transbordava daquilo que desejava dizer-lhes, mas não podia fazê-lo.

"Estás procurando pelo sargento de plantão?"

"Sim, senhor" respondeu prontamente; então: "Oh, não, senhor".

"Ora, vê se te decide agora!"

Foi cercado por quatro policiais.

"Estou procurando pelos homens", disse.

"Que homens?"

Não pôde naquele instante lembrar-se dos nomes dos policiais; recordava-se deles o espancando; da confissão que assinara, e de como havia escapado deles. Recordava a caverna próxima à igreja, o dinheiro nas paredes, os revolveres, os anéis, o cutelo, os relógios, e os diamantes no chão.

"Eles me trouxeram aqui", iniciou.

"Quando?"

Sua mente fez uma revoada sobre o tempo sombrio que passou no escuro do subterrâneo. Não tinha a menor idéia de quanto se passara, mas a intensidade do quanto vivera em baixo o fazia sentir que não fora pouco o tempo, contudo, sua mente dizia que o período de tempo teria sido breve.

"Faz muito tempo", falou como uma criança relatando um sonho que se esvaece.

"Faz muito tempo", repetiu, seguindo o impulso de suas emoções. "Eles me espancaram... Me feriram... Eu fugi".

Um policial ergueu um dedo até sua têmpora e fez um debochado círculo.

"Pirado". Disse um policial.

"Sabes que local é este, rapaz?"

"Sim, senhor. Esta é uma delegacia", respondeu enfático, quase com orgulho.

"Bem, quem desejas ver?"

"Os homens", disse novamente, com a impressão de que os conhecia. "Vocês conhecem os homens", disse num tom sofrido.

"Como te chamas?"

Abriu a boca para responde, porém as palavras não vieram. Havia esquecido. Mas o que importava se tivesse tido algum? Não era importante.

"Onde vives?"

Onde vivia? Fazia já tanto tempo que vivera aqui, neste mundo estranho, que se lhe parecia despropositado, mesmo, tentar recordar. Então, por um momento, aquele velho sentimento que o dominara no subterrâneo retornou. Projetou-se para frente e falou com sofreguidão.

"Eles disseram que eu matara uma mulher".

"Que mulher?" indagou um policial.

"E eu assinei uma declaração confessando-me culpado", prosseguiu, ignorando suas perguntas. "Então eu fugi..."

"Tu fugiste de um instituto?"

"Não, senhor", disse, piscando e agitando a cabeça. "Eu vim de sob a terra". "Eu arredei a tampa do bueiro e sai..."

"Tudo bem", disse um policial, colocando o braço sobre seu ombro. "Vamos te encaminhar a uma clínica que se encarregará de ti".

"Talvez seja um Quinta Coluna!". Verberou um policial.

Todos riram; e apesar de sua ansiedade, também riu.

Mas o riso durou tanto que o irritou.

"Preciso encontrar esses homens." Protestou, brandamente.

"Fala rapaz, o que andaste bebendo?"

"Água", disse. "Eu tinha água no porão".

"Os homens de quem fugiste, vestiam-se de branco, rapaz?"

"Não, senhor, disse vividamente. "Eles eram homens como vocês".

Um policial mais maduro apertou-o no braço.

"Pensa bem. Onde eles te apanharam?"

Ele comprimiu a testa num esforço para recordar-se, mas sua cabeça parecia vazia. O policial postou-se à sua frente exigindo respostas lógicas, e ele não pode mais

pensar com sua mente; pensava com seus sentimentos, assim as palavras não vinham.

"Eu fui culpado", disse. "Oh, não, senhor, não fui, quero dizer, senhor".

"Chega, diz coisa com coisa. Agora, onde eles te apanharam?"

Sentindo o desafio, sua mente começou a reconstruir evento em retrocesso; seus sentimentos foram levados tempo atrás, assim que viu a caverna, o esgoto, a peça ensangüentada onde lhe disseram que a mulher havia sido assassinada.

"Oh, sim, senhor", disse sorrindo. "Eu vinha da casa da senhora Wooten".

"Quem é ela?"

"Eu trabalho para ela".

"Onde ela mora?"

"Vizinha à senhora Peabody, a mulher assassinada".

Os policiais estavam agora muito quietos, olhando-o fixamente.

"O que tu sabes a respeito da morte da senhora Peabody, rapaz?"

"Nada, senhor. Mas eles dizem que eu a matei. Mas não faz qualquer diferença, já que sou culpado!"

"Que conversa é esta, rapaz?"

Seu sorriso se apagou e viu-se tomado de memórias do subterrâneo; viu o buraco próximo à igreja e seus lábios se moveram para falar. Mas como explicar isto? A distância entre o que sentia e o que significavam àqueles homens era imensa. Algo lhe disse, enquanto olhava aquelas faces, que nunca poderia dizer-lhes, que nunca o acreditariam se o fizesse.

"Todos os que encontrei eram culpados", iniciou devagar.

"Pirado." Murmurou um policial.

"Dizem", um outro policial falou, "que a mulher de Peabody foi assassinada em Winewood. Esta é a zona do Número Dez.

"Onde está o Número Dez? perguntou um policial.

"Lá em cima, na sala de trânsito", alguém respondeu.

"Leve este rapaz lá em cima, Sam", ordenou um policial.

"Certamente. Vem comigo, rapaz".

Um policial mais maduro segurou seu braço e o arrastou quase suspenso no ar pelas escadas de madeira, através de um grande saguão, até uma porta.

"Esquadrão Dez", o agente gritou à porta.

"O que?" uma voz grosseira respondeu.

"Alguém para vê-lo".

"Sobre que assunto?"

O velho policial empurrou a porta e enfiou-o sala adentro.

Ele estancou, olhos arregalados, boca aberta, seu coração batendo fracamente. À sua frente postavam-se os três policiais que o prenderam e infringiram-lhe uma surra para extrair uma confissão. Sentavam-se em torno a uma pequena mesa, jogando cartas. O ar era azul com a fumaça e o clarão do sol passando através uma janela alta, lampejando fantásticos contornos enfumaçados. Viu um dos policiais levantar os olhos; a expressão dele era cansada e um cigarro caía, displicente, de um canto da boca; seus inflados e gordos olhos eram estrábicos, e suas mãos seguravam as cartas.

"Lawson!", o policial exclamou.

No momento em que souou esse nome, recordou-se do nome deles todos: Lawson, Murphy e Johnson. Que simples era. Esperou, sorrindo, imaginando como reagiriam ao saber que estava de volta.

"Me procurando?" O homem que havia chamado Lawson murmurou, ordenando suas cartas. "Para quê?"

Até então apenas Murphy, o cabeça vermelha, o havia reconhecido.

"Vocês não se lembram de mim?" Exclamou, indo à mesa.

Os três policiais, agora, olhavam-no. Lawson, que parecia ser o líder, ergueu-se.

"Onde, diabos, tens estado?"

"Você o conhece, Lawson?" O velho policial indagou.

"Hum!" Lawson murmurou. "Oh, sim. Deixa comigo". O maduro policial deixou a sala e Lawson foi até a porta, fechando-a a chave. "Vem aqui, rapaz", ordenou num tom gélido.

Ele não se moveu; olhava para cada um dos três rostos. Sim, iria contar-lhes a respeito da caverna.

"Ele parece amalucado", disse Johnson, que nunca havia dantes falado.

"Por que diabos voltaste aqui? Disse Lawson.

"Eu... eu simplesmente não queria mais fugir", informou. "Estou bem agora". Parou; ficou confuso com a atitude dos policiais.

"Andavas te escondendo, hein?" Lawson indagou, num tom que dava a impressão de não haver ouvido suas palavras. "Tu disseste que estavas doente e quando te deixamos na sala sozinho pulaste a janela e fugiste".

O pânico apossou-se dele. Sim, eles mostravam-se indiferentes ao que desejava contar. Esperavam que falasse, e iriam rir do que viesse a dizer. Tinha que escapar desse

atoleiro em que se metera; teria que impor sua realidade sobre eles.

"Senhor, iniciou, eu peguei uma sacola cheia de dinheiro e o emplastei nas paredes..."

"Vou me danar", disse Lawson.

"Ouça", disse Murphy. "Vou te dizer algo para teu próprio bem. Não estamos te procurando, entenda. Tu és livre, livre como o ar. Agora, vai para casa e esquece tudo. Tudo foi um engano. Já prendemos o sujeito que fez o serviço na Peabody. Não era de cor. Era um ítalo.

"Cala a boca!" Lawson gritou. "Não tens juízo!"

"Mas eu quero que ele saiba", Murphy falou.

"Não podemos deixar este idiota louco ir embora", Lawson explodiu. "Ele age como um louco, mas pode ser um truque..."

"Eu estava lá no porão", começou num tom infantil, como que repetindo uma lição decorada; "e fui a um cinema..." Sua voz falseou. Estava dando seguimento à sua história. Primeiro, teria de dizer a eles a respeito do canto na igreja, mas que palavras poderia usar? Olhou-os, suplicante. "Entrei numa loja e apanhei uma sacola de dinheiro, e diamantes, e anéis e relógios... Não roubei; vou devolver. Apenas apanhei para me divertir com eles..." Pausou estupefato com seus olhos cheios de incredulidade.

Lawson acendeu um cigarro e contemplou-o friamente.

"Que fizeste com o dinheiro?" indagou numa voz tranqüila e paciente.

"Eu emplastei as notas de cem dólares nas paredes".

"Que paredes, indagou Lawson.

"As paredes da peça imunda", acrescentou sorrindo. "A sala próxima da igreja. Eu pendurei os anéis e os relógios; coloquei os diamantes no sujo..."

Ele percebeu que os homens não compreendiam o que estava dizendo. Sua voz tremeu de ansiedade, queria fazer com que lhe acreditassem.

"Eu vi uma criança e um homem mortos..."

Ah, tu és pirado", Lawson rosnou, empurrando-o para uma cadeira.

"Mas, senhor..."

"Johnson, onde está o papel que ele assinou?" Indagou Lawson.

"Que papel?"

"A confissão, idiota!"

Johnson apanhou uma pasta, removendo uma amarrotada folha de papel.

"Sim, senhor", disse, esticando sua mão. "Este é o papel que assinei..."

Lawson deu-lhe uma bofetada que o teria lançado ao chão, não fosse a cadeira haver-se chocado com a parede atrás. Lawson acendeu um fósforo e manteve a folha de papel sobre a chama. A confissão sumiu, queimada em meio aos dedos de Lawson.

Ficou perplexo e chocado; o sol do subterrâneo estava sumindo e a terrível escuridão do dia se antepunha à sua frente. Não acreditavam nele, mas *necessitava* fazê-los crer.

"Mas, senhor..."

"Tudo vai dar certo, rapaz", Lawson afirmou em meio a um riso tranqüilo, plácido. "Eu queimei tua confissão, vês? Não assinaste nada". Lawson chegou bem perto dele, com as cinzas negras, enrugadas, em sua mão. "Não te lembras de nada disto, lembras?"

"Não tenham medo de mim", apelou, ao sentir neles insegurança. "Posso assinar outro papel, se é isto que querem de mim. Quero mostrar-lhes a caverna".

"Qual é o teu papel, rapaz?" Lawson indagou abruptamente.

"Que estás querendo descobrir?" indagou Johnson.

"Quem te mandou aqui?" Questionou Murphy.

"Ninguém me mandou, senhor", "Eu apenas desejo mostrar-lhes o ambiente..."

"Ah, ele é doido varrido", Murphy falou. Vamos despachá-lo para o hospício.

"Não", Lawson disse. "Ele está desempenhando um papel e eu quero, por Deus, saber qual é".

Então lampejou em sua mente uma maneira definitiva de fazê-los acreditarem nele. Levantou-se da cadeira, em nervosa excitação.

"Senhor, eu vi o guarda noturno explodir seus miolos porque vocês o acusaram de roubo", afirmou. "Mas ele não roubou o dinheiro nem os diamantes. Eu *peguei eles*."

Selvagemmente, Lawson agarrou seu colarinho e ergueu seu corpo.

"*Quem te falou sobre isto?*"

"Não fiques nervoso, Lawson", disse Johnson. "Ele soube disto nos jornais".

Lawson deu um brusco empurrão.

"Ele não pode", disse Lawson retirando papeis de seu bolso. "Eu ainda não redigi o relatório".

"Então como ele descobriu?" Indagou Murphy.

"Vamos embora daqui", disse Lawson, fruto de uma decisão repentina. "Ouça, rapaz, vamos levar-te a um lugar bom e sereno, sabes?"

"Sim, senhor", respondeu. "E vou mostrar-lhes o subterrâneo".

"Puxa", Lawson murmurou, fixando o coldre na cintura. Espremeu os olhos fitando

Johnson e Murphy. "Ouçam", falou num tom pouco acima de um sussurro, "silêncio total sobre isto, entenderam?"

"O.K." Johnson concordou.

"Claro", Murphy também.

Lawson destravou a porta; Johnson e Murphy o conduziram escada abaixo. O saguão estava repleto de policiais.

"O que está acontecendo, Lawson?"

"O que ele fez, Lawson?"

"Ele é louco, não Lawson?"

Lawson nada respondeu; Johnson e Murphy conduziram-no para o carro estacionado no meio-fio e o empurraram para o banco de trás. Lawson estava à direção e o carro moveu adiante.

"Que faremos, Lawson?" Murphy indagou.

"Ouçam", Lawson começou falando devagar, "vamos dizer aos jornais que ele vazou no caso Peabody, então fugiu. O ítalo é detido e dizemos aos jornais que havíamos forjado sua captura, até pormos as mãos no verdadeiro culpado, entendem? "Agora este estúpido aparece e age como um lunático. Se o deixamos partir, vai delatar-nos, dizendo que fizéramos uma armação, vêem?"

"Está tudo bem, senhor", disse, sentindo os braços de Murphy e Johnson prendendo fortemente os seus. "Sou culpado... Vou mostrar-lhes tudo no subterrâneo. Eu ri tanto..."

"Cala esta boca", Lawson ordenou.

Johnson deu uma porretada na cabeça fazendo-o cair de encontro ao assento, tonto.

"Sim, senhor", murmurou, "estou bem".

O carro disparou pela Avenida Hartsdale, adentrando a Rua Pine e seguindo pela Rua State, virando então para o sul. Diminuiu a marcha num sinal vermelho, dobrou na metade de uma quadra, e seguiu novamente para o norte.

"Você se move em círculos, Lawson", disse Murphy.

Lawson não respondeu; tinha toda a atenção no volante. Finalmente, conduziu o carro a parar no meio-fio.

"Fala rapaz, diz-nos a verdade", Lawson indagou mansamente. "O que escondes?"

"Não escamoteio nada, senhor".

Os três policiais o encaravam fixamente; compreendeu que, pela primeira vez, eles

se empenhavam em entendê-lo.

"Então, o que aconteceu?"

"Senhor, quando eu olho através de todos os buracos e vejo como o povo vive, eu os amo..."

"Corta este papo louco!" Lawson cortou-o bruscamente. "Quem te mandou de volta?"

"Ninguém, senhor".

"Talvez esteja falando a verdade", ousou Johnson.

"Tudo bem", disse Lawson. "Ninguém escondeu nada de ti. Agora, diz-nos *o que* nos esconde".

"Eu entrei no subterrâneo..."

"De que maldito subterrâneo tu continuas falando?"

"Eu apenas entrei..." Fez uma pausa e olhou para a rua, apontando depois para uma tampa de bueiro. "Eu mergulhei num e ali fiquei".

"No *esgoto*?"

"Sim, senhor".

O policial irrompeu numa brusca gargalhada que morreu em seguida. Lawson vagueou, dirigindo-se para a Avenida Woodside. Fez o carro parar à frente de um imponente edifício de apartamentos.

"O que vais fazer, Lawson?" Perguntou Murphy.

"Estou levando-o à minha casa", Lawson afirmou. "Teremos que esperar até que a noite caia. Nada podemos fazer agora".

Puxaram-no para fora do carro, levando-o para o vestíbulo.

"Pelas escadas, disse Lawson".

Ele foi levado, cinco andares acima, pela escada, até a sala de estar de um pequeno apartamento. Murphy e Johnson o libertaram de seus braços, fazendo-o ficar, oscilante, de pé, no meio da sala.

"Agora ouça, rapaz", Lawson iniciou, "esqueça essas fantásticas mentiras que vens nos dizendo. O que escondes?"

"Eu simplesmente entrei no subterrâneo, como já disse".

A peça ribombou com os risos. Lawson foi até uma estante, apanhando uma garrafa de uísque. Colocou copos para Murphy e Johnson. Os três beberam.

Ele sentiu que não poderia se fazer entender por eles. Tentara passar em revista todas as imagens desordenadas que lhe esvoaçavam. Elas formavam-se nítidas e precisas



em sua mente, porém, era incapaz de transmiti-las a outras pessoas como significavam para si. Sentiu-se tão inútil que desatou a chorar.

"É louco", disse Johnson. "Todos os loucos choram assim".

Murphy atravessou a sala e o esbofeteou.

"Para com estes disparates".

Um sentimento de excitação aflorou nele, fazendo-o correr para Murphy, segurando seu braço.

"Deixem-me mostrar-lhes a caverna". "Venham e verão!"

Antes que pudesse se dar conta um poderoso soco o atingiu no queixo; seus olhos mergulharam no escuro. Vagamente sentiu-se sendo levantado e depositado num sofá. Ouviu vozes distantes e esforçou-se por erguer-se. Seu cérebro começava a clarear. Empenhou-se em pôr-se sentado, ficando com olhos vítreos. Estava tudo turvo. Por quanto tempo ficara desmaiado?

"Diz-nos, rapaz", falou Lawson calmamente, "vais mostrar-nos o subterrâneo?"

Seus olhos brilharam e seu coração disparou em gratidão. Lawson acreditara nele. Levantou-se, grato, e agarrou o braço de Lawson, fazendo com que o policial derramasse uísque de seu copo em sua camisa.

"Calma, droga, disse Lawson.

"Sim, senhor."

"O.K. Vamos descer. Mas é bom dizeres a verdade, ouviu?"

Ele bateu palmas em alegria impaciente.

"Vou mostrar-lhes tudo!"

Vencera, enfim! Iria fazer agora aquilo que o compelia todo o tempo. Finalmente iria livrar-se do peso que carregava.

"*Levem ele para baixo*", ordenou Lawson.

Carregaram-no para o vestíbulo; quando chegou ao passeio viu que era noite e uma chuva leve caía.

"Estava mais ou menos assim quando entrei", disse-lhes.

"O que?" Indagou Lawson.

"A chuva", disse, movendo seu braço num amplo arco. "Chovia quando eu entrei para baixo. A chuva fez a água subir e projetou para fora a tampa".

"Corta esta!" Lawson o repreendeu.

Não acreditavam nele, embora desejassem fazê-lo. Irrompeu em si o estado de generosidade. Mas podia conter a força que irrompia em si. Iriam ver tudo aquilo que vira;

sentiriam tudo o que sentira. Os conduziria através de todos os túneis que cavara e... Desejava compor um hino exaltando seu êxtase físico, abraçar os policiais em sinal de amizade.

"Entra no carro", ordenou Lawson.

Ele entrou ao mesmo tempo que Johnson e Murphy, ficando cada um a seu lado.

Lawson ajeitou-se atrás da direção e deu partida no motor.

"Agora, diga-nos para aonde ir", disse Lawson.

"É logo adiante do local onde a mulher foi assassinada", respondeu.

O carro moveu-se devagar, e ele fechou os olhos, lembrando-se da canção que ouvia na igreja, a canção que edificara nele o supremo estado de piedade e terror de que estava possuído. Passou a cantar suavemente, movendo a cabeça:

*Feliz, feliz, feliz, oh, tão feliz*

*Tenho Jesus em minha alma...*

"Senhor", falou, parando de cantar, "precisam ver que divertido ficam os anéis na parede", e riu furtivamente. "Eu dei um tiro, também. Apenas uma vez, para sentir como era".

"Que tipo de doença ele deve estar sofrendo?" Johnson perguntou.

"Delírio de grandeza", talvez", disse Murphy.

"Talvez seja por viver num mundo de brancos", disse Lawson.

"Diz, rapaz, o que comias lá embaixo?" Murphy indagou, cutucando Johnson antecipadamente com seu cotovelo.

"Peras, laranjas, bananas e costelas de porco", disse.

O carro se encheu de riso.

"Não comeste nenhuma melancia?" Lawson perguntou, rindo.

"Não, senhor", respondeu calmamente. "Não encontrei alguma!"

Os três policiais gargalharam forte e alto.

"Rapaz, estás certo", disse Murphy, sacudindo a cabeça admirado.

O automóvel encostou num meio-fio.

"Está bem, rapaz", Lawson disse. "Diz-nos para aonde ir?"

Ele examinou o local através da chuva e identificou onde havia entrado no subterrâneo. As ruas, salvo por algumas lâmpadas mortíferas, brilhando suavemente na chuva, eram escuras e vazias.

"Bem aqui, senhor", disse, apontando.

"Vamos lá; vamos dar uma olhada", disse Lawson.

"Bem, supondo que se escondeu lá dentro", Johnson disse, "que isto prova?"

"Eu não creio que se esconda lá", aduziu Murphy.

"Eu não vou forçar ninguém a olhar", disse Lawson. "Deixe tudo comigo".

Lawson saiu do carro e examinou a rua, olhando para um lado e outro.

Ele estava ansioso por exhibir-lhes agora a caverna. Se pudesse mostrar-lhes tudo o que experimentou, então eles sentiriam o que sentira; assim mostrariam para outros e esses outros sentiriam o que aqueles sentiram, destarte, em breve, todos seriam governados pelo mesmo impulso de piedade.

"Traga-o para fora", ordenou Lawson.

Johnson e Murphy abriram a porta empurrando-o para fora, que ficou tremendo na chuva, sorrindo. Novamente, Lawson espreitou a rua, para cima e para baixo; não havia ninguém à vista. A chuva aumentou, caindo em diagonal como fios negros açoitados pelo vento.

"Está bem", Lawson disse. "Mostre-nos".

Ele caminhou para o meio da rua, parou e enfiou um dedo num dos furos da tampa e puxou-a, mas estava fraco demais para movê-la.

"Tu realmente entraste aqui, rapaz?" Lawson indagou; havia dúvida em sua voz.

"Sim senhor; um instante; já vou mostrar".

"Ajudem, aqui, estou conseguindo remover esta droga de tampa", gritou Lawson.

Johnson adiantou-se e levantou a tampa, que tombou ruidosamente contra o piso molhado. O buraco abriu-se circular e negro.

"Eu entrei lá dentro", anunciou com orgulho.

Lawson encarou-o longamente sem dizer palavra. Então, pôs sua mão direita sobre o coldre e sacou seu revolver.

"Senhor, eu tive um revolver exatamente como este aí, lá embaixo", disse, rindo e olhando o rosto de Lawson. "Eu disparei um tiro e depois dependurei-o na parede. Vou mostrar-lhe".

"Mostre-nos como entrou", disse Lawson serenamente.

"Eu vou à frente, senhor, depois todos vocês podem me seguir, ouviram?" Falava como um menino num folgado.

"Certo, certo", Lawson disse calmamente. "Vai em frente, nos te seguimos".

Ele encarou, olhos brilhando, os policiais; e explodia de felicidade. Curvou-se e pôs

as mãos na borda do bueiro e sentou-se na beira, com os pés balançando na escuridão aquosa. Ouviu o familiar rumor da correnteza gris. Baixou seu corpo e, por instantes, fiseu suspenso pelos dedos, descendo a seguir, mão após mão, usando os grampos de aço, até que chegou ao último degrau. Soltou o degrau e sentiu seu pé encontrar a água, experimentando a densa corrente tentando tragá-lo. Balançou-se com destreza e olhou para trás, ao alto, para os policiais.

"Venham, vocês todos", gritou, elevando sua voz por sobre o rumor a seus pés.

As formas vagas que pendiam sobre si, na chuva, não fizeram qualquer movimento. Riu, sentindo que eles não lhe acreditavam. Todavia, uma vez que olhassem as coisas que havia feito jamais voltariam a ter duvidas a seu respeito.

"Venham! A caverna não está longe!" gritou. "Mas tenham cuidado quando puserem seus pés na água, pois a corrente é bastante forte aqui em baixo".

Lawson mantinha seu revolver empunhado. Johnson e Murphy olharam para Lawson, enigmaticamente.

"O que você vai fazer Lawson?" Murphy questionou.

"Venham cá, vocês todos", implorou num grito.

Viu então Lawson erguer o revolver e apontá-lo diretamente para si.

O rosto de Lawson contraiu-se, embora estivesse hesitante.

Então se fez uma trovosa detonação e um lampejo de fogo dilacerou seu tórax. Foi jogado na água, esticado, de costas. Olhou aturdido para as indistintas faces brancas que pairavam sobre sua cabeça. Eles atiraram em mim, disse para si mesmo. A água corria por sobre ele, florescendo, sob seus braços, suas pernas e sua cabeça, numa espuma. Uma imensa dor tomou conta de sua cabeça, gradativamente levando-o à inconsciência. Como vindo de algum lugar muito distante, ouviu vozes irreais.

"Por que atirou nele, Lawson?"

"Eu tive que fazê-lo".

"Por quê?"

"Você tem de matar gente assim. Eles farão coisas ruins".

Embora em profundo sonho, ouviu o barulho metálico; haviam repostado a tampa do bueiro, afastando para sempre o barulho do vento e da chuva. Lá de cima chegou o ruído abafado de um potente motor e o zumbido de um carro partindo às pressas. Sentiu a poderosa maré empurrando-o devagar para o meio do esgoto, seu corpo circulando às voltas. Por uma fração de segundo passaram por seus olhos a resplandecente caverna, as paredes silentes e o risível piso... Então sua boca encheu-se da viscosa e amarga água. A correnteza girou-o em torno de si mesmo. Suspirou e fechou os olhos — era um objeto rodopiando, deslizando sozinho no escuro, girando, arremessado, perdido no coração da terra.

## ANN PETRY (1911- 2007)

Ann Petry, nascida e criada em Old Saybrook, Connecticut, fez um estrondoso sucesso com seu primeiro romance, *A Rua* (1946), ambientado no Harlem e finalizado com uma bolsa da editora *Houghton Mifflin*. Nesse mesmo ano Martha Foley dedicou-lhe o volume anual da coletânea "Melhores Contos Americanos de 1946", incluindo o conto que Ann Petry havia publicado em "*The Crisis*"<sup>3</sup>. Foi apenas depois de seu casamento, em 1938, que a escritora deixou a Nova Inglaterra para viver no Harlem, onde iniciou uma carreira de jornalista, pioneiramente com o "*Amsterdam News*" e mais adiante com "*The People's Voice*". Após alguns anos no jornalismo, encaminhou-se para o magistério, passando a lecionar num ginásio do Harlem. Seu primeiro romance expôs a vida e vivências no Harlem. Escreveu outros dois romances, contos, livros para crianças e uma biografia de Harriet Tubman<sup>4</sup>. "*In Darkness and Confusion*" (No Escuro e na Confusão), que se segue, é um romance que cresceu conceitualmente a partir dos distúrbios de 1943 no Harlem e é aqui reproduzido da coleção de novos escritores americanos, editada por Edwin Seaves.

# NO ESCURO E NA CONFUSÃO

**Ann Petry**

*Tradução: José Luiz Pereira da Costa*

William Jones tomou um gole de seu café e depositou a xícara sobre a mesa da cozinha. Ficou chateado porque o gosto não estava bom e, afinal, das coisas que lhe davam prazer uma era um bom desjejum. De seus hábitos, estava o de tão logo acordar-se sair da cama e marchar incontinentemente para a cozinha. Então, gastava um bom tempo comendo o pão de milho, sobra do jantar da noite anterior, aguardando que o café passasse, tornando-se forte e claro, fritando o tocinho e mexendo os ovos. Comería pausadamente — saboreando a quietude matinal e a perfeição do repasto que recém confeccionara.

Não resta dúvida, é o alvorecer a melhor parte do dia. Mas essa manhã de sábado, em julho, estava muito quente em seu apartamento. Havia muitas preocupações angustiantes que esvoaçavam em sua mente. No calor, não conseguia pensar com clareza — assim que, tudo agia como elemento de pressão sobre si, curvando-o.

Afastou para certa distância o prato à sua frente. Os ovos haviam cozido demais;

---

3 - Jornal dirigido por W. E. B. Du Bois.

4 - 1820?-1913 - Abolicionista, nasceu escrava em uma fazenda de Maryland. Fugiu para o Norte em 1849 e tornou-se a mais famosa condutora da chamada Ferrovia Subterrânea, que conduziu mais de 300 escravos para a liberdade.

mesmo apreciando sobremodo pão de milho, esta manhã seu gosto parecia de areia; areia que descia áspera pela garganta. Não pôde saber se ao passar por seu estômago iria, da mesma forma, arranhá-lo.

Pink estava ainda no quarto de dormir. Ele virou a cabeça para o lado, para ouvi-la. Poderia dizer exatamente o que ela fazia no instante, como se estivesse ao seu lado. O suave andar de pés, calçando meias, com que ela se movimentava em direção à penteadeira. Uma gaveta sendo aberta, significando que ela apanhava uma combinação limpa. Então, o baque de seus noventa quilos caindo sobre a cadeira de balanço postada próximo à janela. Sentava-se para pentear seus cabelos. Desmanchava agora as pequenas tranças que havia enredado na noite anterior. Iria desfazer uma por uma, colocando os grampos na boca, na medida em que os livrava do cabelo. Agora ela os estava escovando, pois podia ouvir o rangido da espreguiçadeira — ela balançava-se para frente e para trás, ressonando com sua respiração enquanto se penteava.

Decidiu que, tão pronto ela viesse para a cozinha iria para o quarto a fim de vestir-se e sair para trabalhar. Seu pensamento fixava-se agora na caixa do correio. Não queria conversar com Pink. Tudo que desejava era a presença, na caixa postal, de uma carta de Sam. Teria de estar ali.

Pensava tão intensamente nisso que sequer percebeu os passos de Pink adentrando na cozinha.

Quando levantou os olhos ela estava parada à porta. Era uma mulher baixa, mas desmedidamente gorda. Sua única vestimenta ali era uma combinação rósea brilhante que ampliava grandemente o tamanho de seu corpo. A pele de seus braços, ombros e colo eram profundamente negros, contrastando com o padrão cor-de-rosa da camisola. Apesar do trabalho de ajeitar seu cabelo, ele mostrava-se rígido por toda a cabeça, como pequenos pedaços de arame, ainda que tenha vestido um turbante de tecido cinzento.

William Jones levantou-se da mesa assim que a viu, grunhiu um "tá quente, né?", deu um tapinha em seu braço, ao mesmo tempo em que se encaminhou para o quarto.

Ela deu uma olhadela para seu prato e indagou: "não vais comer nada?"

"Muito calor", disse falando por sobre seu ombro.

Fechou com cuidado a porta do quarto às suas costas, pois, batesse-a, bem sabia, levantaria suspeitas de que algo o preocupava e ele não se sentia com vontade de conversar. Moveu-se com rapidez no quarto, apanhando uma camisa limpa, dando a seus sapatos um retoque de polimento, buscando um par limpo de meias. Então se deixou ficar imóvel no centro do quarto com as calças escuras de trabalho sobre seu antebraço, enquanto ouvia o ruído de água escorrendo no banheiro.

Annie May estava já de pé e tomava banho. Admirou-se com isto, pois significava que ela iria trabalhar. Tempos atrás, quando trabalhava, costumava passar um pente de ferro quente em seus cabelos, antes do desjejum, fazendo com que ao sair deixasse a casa impregnada com o cheiro de ferro quente deslizando contra cabelos engraxados.

Franziu a testa, e pensou: algo tem de ser feito quanto a Annie May. Tinha apenas dezoito anos e ficava fora praticamente a noite inteira. Ele não havia comentado nada com Pink, mas Annie May aparecia em casa todos os dias às três, quatro ou cinco horas da manhã. William ouvia o ruído da chave adentrando o seu orifício e o clique da trava sendo liberada; depois outro estalido e a volta do ferrolho para seu lugar. Ficava quieta, esperando para ver se eles acordavam. Tirava, então, os sapatos e, pés descalços, caminhava em suas meias pela sala de estar.

Quando ela acendia a luz no banheiro, William podia ver a hora no relógio sobre o criado mudo. Essa noite eram quatro e meia quando ela apareceu. Pink, ao seu lado, jazia tranqüila em suave ressonar. Parecia-lhe ser bom que Pink tivesse um sono pesado, assim não tomava conhecimento de seu comportamento.

Annie May colocava suas mãos nas cadeiras, jogava sua cabeça para trás e ria muito toda vez que ele tentava sugerir que ela voltasse mais cedo para casa. O cheiro enfumaçado de ferro quente começou a adentrar o quarto, fazendo-o terminar rapidamente de se vestir.

Saindo, parou na cozinha. "Tenho de estar mais cedo na loja", explicou. Pink sabia, entretanto, que ele se apressava era para examinar a caixa do correio. Ela manteve sua face inclinada para frente e preparou seu rosto para receber um beijo. Quando tocou seus lábios contra a testa notou que sua mulher transpirava. Pensou então que, com todo seu peso, o calor deveria ser-lhe algo muito incômodo.

Annie May cumprimentou-o com a cabeça sem dizer palavra. Bebia sofregamente na caneca de café. Suas finas e negras mãos moldavam-se em torno ao caneco que seguravam. Ela havia esticado tão fortemente seus cabelos com o ferro quente que, ele a enxergava como alguém com uma carapaça colada à cabeça. Surpreendeu-se em ver que seus lábios carregavam espessa camada de batom. Quando ia para o trabalho não usava nada, assim indagou-se qual o motivo para estar acordada tão cedo. Ele podia ver, na xícara, o contorno vermelho de seus lábios.

Não pretendia dizer nada. Porém, o decalque dos lábios na caneca forçou-o a comentar: "Não vais trabalhar hoje?"

"Não", retrucou preguiçosamente. "Acho que vou fazer umas compras". E deu uma piscadela na direção de Pink, enfurecendo-o.

"Como pretendes manter o emprego se lá não apareces à metade do tempo?—perguntou.

"Vou sempre encontrar outro." Retrucou, levantando com as duas mãos a xícara até a altura de seus olhos e riu, olhando por sobre a borda superior da caneca.

"A que hora chegaste em casa ontem à noite?" perguntou abruptamente.

Ela fixou os olhos através da janela que se abria na parede lisa de tijolos à frente da cozinha. "Eu não!" disse com firmeza. "Não era tarde."

Ele não soube o que dizer. Talvez ela tenha estado dançando em algum lugar. Ou quem sabe não. Não desejava fazer com que Pink soubesse, em verdade, o que estava pensando. Trocou de pé com dificuldade, e viu Annie May beber o café, fazendo-o rapidamente.

"Você sabe que não é crescida o bastante para escapar de uma surra", disse finalmente.

Vislumbrando-o a partir do canto de seus olhos, fez-lhe ver a erupção de uma onda de mau humor, o que o assustou. Percebeu que Pink observava-os com crescente preocupação.

Então, Annie May escarneceu: "Você e quem mais?" Pink, então, gargalhou. Annie May riu com ela.

William bateu forte a porta da cozinha no momento em que deixava a casa. Caminhando pelo corredor externo ele ainda pode ouvir as risadas de ambas. Embora soubesse que o riso de Pink se devia mais a uma reação por não haver ocorrido nada entre ambos, ele estava bravo. Adiante, toda vez que Annie May o encarava ele sentia que seus olhos mostravam aberto sentimento de zombaria, como se ela o afrontasse, duvidando que ele ousasse dizer-lhe qualquer coisa. Assim como ela o considerava um idiota por trabalhar demais.

Era Annie May uma boa menina quando veio morar com eles, havia seis anos. Buscava, agora, em sua mente, palavras para descrever como Annie May havia se transformado: Uma Jezebel, nisto é no que ela havia se transformado.

E ele não desejava que Pink viesse a descobrir como sua sobrinha realmente era, posto que a mãe de Annie May, Lottie, fora irmã de Pink. Quando Lottie morreu, Pink



adotou-a. Logo em seguida, Pink começou a encontrar desculpas para tudo de errado que ela estivesse fazendo. Se repreendesse Annie May teria de enfrentar verdadeiro sermão de Pink, que sempre se iniciava da mesma forma: "Não liguês ao que ela fez, William. Não vais tocar um dedo nela. Ela não tem pai nem mãe, senão a nós..."

A irritação de Annie May o fez descer às pressas o primeiro lance da escada. O segundo, o fez com mais calma, mesmo porque o corredor estava escuro e ele poderia escorregar. À medida que avançava sobre os longos lanços de escadas começou a pensar em Pink. Sua quente irritação foi diminuindo, como quase sempre ocorria, quando pensava em Pink. Ela estava tão gorda que não tinha condições de continuar escalando toda essa escadaria. Necessitavam encontrar outro lugar para morar, num primeiro andar, tornando as coisas mais fáceis para ela. Ele estava morando naquele andar alto há muito tempo e Pink, sem parar, foi se tornando mais e mais gorda. Sempre que visitava o médico este os avisava que as escadas não lhe faziam bem. Passaram a procurar outro apartamento, mas, como o preço daqueles em andares altos eram mais baratos, iam ficando ali mesmo. E...

Então, parou de pensarem Pink, pois havia chegado ao primeiro andar. Encaminhou-se às caixas postais, antes respirando fundo. Hoje haverá correspondência. Tinha certeza. Uma carta teria de estar ali. Havia já muito tempo desde que receberam uma última carta de Sam. Nas últimas que chegaram ele havia dito algo. Repetidamente. Como um refrão: "Mãe, não posso suportar isto por muito mais tempo". E então a carta simplesmente finalizara.

Parado à frente da caixa do correio, temerosos de abri-la, e nada encontrar, rememorou quando Sam recebeu seu diploma do segundo grau. Foi numa quente noite de junho. Ele e Pink haviam se vestido da melhor maneira. Continuava pensando que ele e Pink tinham ido o mais longe que podiam. Mas Sam decidira, não iria ganhar sua vida com um esfregão e uma vassoura. Iria fazê-lo vestindo um terno e colarinho branco, sapatos polidos e uma calça bem vincada.

Após terminar o segundo grau, Sam conseguiu um emprego de porteiro na estação de trens *Grand Central*. Começou economizando dinheiro, pois pretendia freqüentar Lincoln — uma faculdade na Pensilvânia. William tinha a impressão de que nada ocorrera até que completou vinte e um anos. Então a guerra. Pink chorou quando ele partiu. Seu corpanzil agitou-se com o soluçar. Ele recordava haver tido um sentimento de perda. Havia aquela guerra e todos os jovens estavam sendo convocados. Mas por que Sam — por que ele teve de partir?

Aquilo estava lá no fundo de sua mente. Primeiro Sam foi enviado para um acampamento na Geórgia. Nunca haviam falado, ele e Pink, sobre o campo ser na Geórgia. A referência mais próxima que fizeram foi uma noite quando ela disse: "Espero que ele se habitue rapidamente ao lugar. Nascido aqui, em Nova York, há um monte de coisas que ele não vai compreender".

Então, as cartas de Sam pararam de chegar. Chegado do trabalho dizia casualmente para Pink: "Alguma carta dele hoje?" Ela movia em negativa a cabeça sem dizer nada.

Os dias se arrastavam. Finalmente ela disse: "Por que ficas me perguntando? Achas que esconderia algo de ti", e começou a chorar.

Ele colocou o braço sobre a mulher e bateu de leve sobre seu ombro. Ela recostou-se pesadamente sobre si. "Oh, Senhor", disse, "Ele é meu filho. O que fizeram com ele?"

Aquele choro partiu-o em mil pedaços. Seus pensamentos continuaram a andar em círculos. Girando e girando. Não conseguia coordenar e decidir o que fazer. Finalmente, uma noite, após o jantar, sentou-se à mesa da cozinha e escreveu uma carta

para Sam. Poucas vezes, em toda a vida, havia escrito cartas, pois Pink redigia por ele. Agora, parado junto à caixa do correio, podia sentir, mesmo, o contato do lápis com sua mão; como era o papel — em branco e um desafio —, ali, à sua frente. Recordava que o relógio da cozinha emitia seu tique-taque que, cada vez, se tornava mais e mais alto. Era uma noite quente, também, e ele estava segurando o lápis com tamanha força, dentro de sua mão, que ficou coberta de suor.

Deixou-se ficar sentado por um longo tempo, pensando. Então escreveu: "Você está bem? Seu pai." Era o melhor que podia fazer. Lambeu o envelope e o fechou, subscrevendo-o, com o sentimento de que Sam o entenderia.

Buscou seu chaveiro e encontrou, em meio às outras chaves, a da caixa postal. Abriu-a rapidamente. Embora pudesse ver que estava vazia lançou a mão dentro e procurou algo pelo tato. Fechou, então, a portinhola e seguiu em direção à rua.

A forte claridade do dia, em oposição à penumbra do saguão, o fez piscar os olhos. Mesmo agora, manhã cedo, estava muito quente na rua. Pensou, assim, que seria aquele outro dia difícil de vencer, não importando fosse sábado, fizesse calor e tudo mais. Adiante viu que não podia pensar em outra coisa que não fosse em Sam. Mesmo na drogaria onde trabalhava como porteiro iria flagrar-se, amparado no cabo da vassoura ou do esfregão, pensando o que teria ocorrido com Sam.

O proprietário da loja diria aborrecido: "Rapaz, por diabos, o que está ocorrendo contigo? Não podes te concentrar no que fazes?" E ele continuaria lavando janelas, esfregando o chão, ou varrendo a calçada. Mas seus pensamentos, de alguma forma, não importava o que estivesse fazendo, voltariam para Sam.

Na medida em que se aproximava da drogaria, olhava para as casas, nos dois lados da rua. Conhecia a rua da mesma maneira como identificava cada vinco do chapéu de feltro que usava o ano todo. Não importa como se olhasse para ela, não se tratava de uma rua boa para morar. Era uma longa radial que cortava a cidade. Quase a metade era constituída dos fundos de três teatros à Rua Cento e Vinte e Cinco — um imenso muro de tijolos cinzas. Havia poucas árvores na rua. Mesmo essas se constituíam em fonte de perigo, posto que, à noite, vultos emergiam da escuridão, espreitando próximos às árvores, esquivando-se dentre elas. Ele nunca havia sido abordado por quaisquer dessas figuras impalpáveis, mas seus movimentos furtivos revelavam escondida intenção desonesta, o que o assustava. Assim, quando retornava para casa à noite caminhava um bloco ou mais além do normal de forma a andar pela Rua Cento e Vinte e Cinco, e alcançar por essa rua a Oitava Avenida.

Cedo, de manhã, como agora, a rua estava adormecida. As persianas, abaixadas, protegiam do sol da manhã. As poucas pessoas por quem passou, moviam-se rapidamente a caminho de seus empregos. Nas casas onde as pessoas ainda dormiam as venezianas subiam apenas após o meio-dia, quando os rádios tocariam alto sua música, por toda a rua. As marafonas, que moravam nessas casas, iriam, vadiando à janela, abordar as pessoas que subiam e desciam.

Veza por outra, quando saía para almoçar em casa, era chamado pelas mulheres, que o convidavam: "Vem cá, papaizinho". Isto o fazia caminhar mais depressa.

Quando Sam chegou aos dezesseis anos tinha a impressão de que a rua se tornara insuportável. Após o almoço ele e Sam atravessavam o quarteirão juntos — Sam seguia para a escola e ele retornava para a drogaria. Já observara Sam olhando para as mulheres postadas às janelas. Sua face não tinha expressão definida, mas tinha olhos curiosos.

"Eu te pego chegando próximo a uma dessas mulheres e vou te dar uma surra aqui mesmo", disse severamente.

Sam nada disse. Ao contrário, olhou o pai, de cima, com uma estranha expressão

de adulto. Afinal, apesar de ter apenas dezesseis anos, era além de dez centímetros mais alto do que seu pai. Após isto, sempre que passavam pelo quarteirão, Sam olhava direto para frente. William ficou com a desconfortável sensação de que Sam já havia experimentado as possibilidades que o quarteirão oferecia. Achava que sim, mas não tinha certeza. De outra parte, não via como perguntar-lhe. Pelo contrário, caminhava a seu lado, pensando desesperadamente, *"Temos que nos mudar. Vou conversar com Pink. Temos de nos mudar com certeza, desta feita"*.

Nesse domingo após Pink retornar da igreja iriam procurar outro lugar. Entraram e saíram de apartamentos na Sétima Avenida e na Oitava Avenida, na Rua Cento e Trinta e Cinco, na Rua Cento e Quarenta e Cinco.

Para a maioria dos apartamentos agendados, sequer chegaram a olhar. Apenas perguntavam ao encarregado quanto era o aluguel.

Já era tarde quando retornaram para casa. Ele havia, irritado, concluído um acordo com Pink, segundo o qual seria melhor que permanecessem onde estavam. Afinal, vinte e dois dólares por mês era tudo quanto podiam dispor.

"Todavia, não é um lugar adequado para se viver," ele disse. Caminhavam na Sétima Avenida. A via lhe parecia larga, fazendo-o pensar com desagrado em seu apartamento. Os quartos não eram grandes o bastante para alguém movimentar-se sem colidir, aqui e ali, com alguma coisa. Pensou algumas vezes ser esta a razão por que Annie May não parava em casa. Mesmo quando tinha treze anos, não conseguia suportar o enclausuramento em tão pouco espaço.

E Pink dissera, "Você deseja viver na Park Avenue? Com um porteiro reverenciando-te cada vez que passas. "Bom dia, senhora William Jones. Estaria à temperatura de seu agrado esta manhã?" Sua voz era cortante, como o impacto de um chicote.

Isto fora cinco anos atrás. Agora, outra vez, teriam de se mudar, pois Pink não tinha condições de subir a escadaria. Decidiu que, segunda-feira à noite, iniciaria a busca de um novo lar.

Estava mais quente no interior da drogaria do que na rua. Obrigou-se a entrar e colocar um uniforme de trabalho seco. Então, vassoura na mão, dirigiu-se para a porta de saída. Abanou para o superintendente do edifício postado na esquina. Observou-o a empurrar os latões de lixo fora do passeio, rolando-os para o meio-fio. Este era o tipo de trabalho que jamais gostaria de ver Sam a executar. Procurava compreender porque pensava assim: não era por ser Sam seu filho e aquele um labor pesado. Buscava em sua mente a razão. Não pagava o bastante para que um homem pudesse viver decentemente. Era por isto. Desejava que Sam tivesse um emprego onde fosse bem pago, pudesse se vestir bem e morar numa boa casa.

O fato de Sam estar no Exército não era de todo ruim, pensou. Estar na Geórgia, sim, era mau. Lá não tratam bem as pessoas de cor, todos sabiam. Se descobrisse uma maneira de fazê-lo servir mais para o norte por certo Pink não ficaria tão preocupada.

O som, simplesmente, da palavra "Geórgia", mexeu com algo dentro de si. Sua mãe havia nascido lá e falava um bocado a respeito; pintava imagens tão reais que lhe davam a impressão de conhecer pessoalmente o local: Seu calor, o cheiro da terra, a imagem do algodão. E algo mais, o bico que sua boca fazia toda vez que dizia: "Eles odeiam os negros lá. Jamais, vocês ou seus filhos, devem ir lá".

Isso foi anos atrás. Mas, mesmo agora, parado aqui na Quinta Avenida, recordar a maneira como ela falava, fez sua pele, apesar do calor, ficar desagradavelmente fria. Pois, de todos os lugares do mundo, Sam teve de ir para a Geórgia. Sam, que havia nascido aqui, em Nova York, que havia concluído o ginásio aqui, tinha de ser postado no Exército e na Geórgia.

William empunhou a vassoura e começou a varrer o passeio com largos impulsos. Gradativamente, o ritmo imprimido aos movimentos foi acalmado-o. O deslocamento para frente e para trás era tão agradável que continuou fazendo-o, mesmo após haver deixado limpa a calçada. Quando o proprietário, senhor Yudkin, chegou, às oito e meia, ele ainda segurava a vassoura. Até agora ele não se sentia com vontade de conversar. Foi, pois, com um breve movimento de cabeça que deu resposta à saudação jovial, "bom dia! que calor hein!", do patrão.

A seguir, dirigindo-se para o interior da drogaria, começou a polir um grande vidro colocado atrás das torneiras de refrigerantes. Olhava, pelo canto de seus olhos, um homem que lavava as mãos na sala dos fundos e que trocou, após, o casaco de seu terno por um impecável uniforme branco de farmacêutico. Assim, pensou que, talvez quando a guerra acabasse, Sam viesse a estudar para ser um farmacêutico ao invés de médico ou advogado.

À medida que a manhã avançava, os fregueses apareciam cada vez mais. Buscavam por digestivos, cigarros, aspirinas, remédios para a tosse, mamadeiras. Ele fez a entrega do aviamento de duas receitas que custaram cinco dólares. A caixa registradora repicou tão freqüente, quase gerando um ritmo. Ouvindo o repicar, disse para si mesmo, *sim, Sam deverá ser um farmacêutico. É um trabalho limpo e paga bem.*

Um pouco após as onze horas três garotas apareceram, "cocas" ordenaram, e se encarapitaram em banquinhos à frente das torneiras de refrigerantes. William abastecia no momento as prateleiras, e as contemplou do alto de escada. Tanto quanto pode observar, estavam todas iguais. As três. Como Annie May. Magrinhas. Muito batom na boca. Seus vestidos muito curtos e justos. Seus cabelos amontoavam-se no topo de suas cabeças, fixados em permanente.

"Ah, vou sair desse emprego", disse uma delas. "Não vou me acordar cedo desse jeito por nada no mundo".

Assim era Annie May, também. Estava sempre trocando de emprego. Jamais conseguia chegar no horário para trabalhar. Tivesse um compromisso às nove horas, chegaria às dez. Se às dez, chegaria então às onze. Sabia, também, que ela não ganhava o bastante para pagar os ordinários, coloridos vestidos que estava sempre comprando.

Suas amigas aparentavam-se com ela e com aquelas sentadas ali à sua frente. Vira-a saindo de cinemas da Rua Cento e Vinte e Cinco com duas ou três delas. Todos mascavam goma e cutucavam-se uns aos outros, falando muito alto, e rindo muito alto. Encaravam todos os homens que por elas passavam.

O senhor Yudkin encarou-o firme, fazendo-o desviar o olhar das garotas e começar a colocar ordenadamente grandes frascos de *Father John*<sup>5</sup> nas prateleiras à sua frente. Na medida em que executava a tarefa ficou a conjecturar se Annie May não seria igual àquelas, se houvesse permanecido no ginásio. Ela havia deixado a escola quando tinha dezesseis anos. Conversara com Pink a esse respeito. "Ela não deve sair da escola, é muito jovem ainda", ele dissera.

Posto que Annie May fosse a filha da irmã de Pink, tudo que esta fizera fora sacudir a cabeça confortavelmente. "Ela está cansada de ir à escola. Coitadinha. Deixe-a em paz".

Assim, não voltou falar a respeito. Pink sempre a defendia. Tanto ele quanto Pink não tinham por hábito um aborrecer ao outro, como algumas pessoas fazem. Ele não falou nada a respeito, mas aproveitou uma tarde de folga para ir à escola e conversar com a diretora. Teve de esperar duas horas para ser recebido. Enquanto isto, examinava as fotografias nas paredes externas do escritório, e também seus sapatos, enquanto tentava

---

5 - Tônico nutritivo à base de óleo de fígado, vitaminas A e D, mais goma arábica e glicerina, popular então.

alinhar o que diria e a forma como iria fazê-lo.

A diretora era uma mulher branca e muito gorda. Ela ouviu-o o bastante para saber que se tratava do tio de Annie May. "Ah, sim, senhor Jones", disse. "Agora, em minha opinião..."

E ele foi sepultado sob uma torrente de palavras, uma montanha de palavras, que iam e vinham. Sua voz era estridente e alta, e ela se manteve falando até que ele perdeu o sentido do que ela falava. Houve uma frase que emergiu em meio ao palavreado que caiu sobre ele: "de lenta assimilação".

Ele saiu do gabinete da diretora sentindo-se confuso e embaraçado. Se tivesse encontrado as palavras certas teria podido explicar que Annie May era tão brilhante quanto um dólar. Não era nenhuma pessoa "de lenta assimilação". Antes que compreendesse já estava na rua, consciente de haver perdido toda a tarde, sem sequer ter conseguido dizer o motivo por que ali se encontrava. Estava ficando possesso consigo mesmo. Tudo o que desejara era ter podido solicitado à diretora auxílio para persuadir Annie May a concluir seu curso. Mas não conseguiu dizer coisa com coisa.

Quando, às oito horas da noite, apanhou seu uniforme de trabalho no quartinho de limpeza, sentiu-se como se houvesse estado varrendo pisos, tirando o pó, limpando torneiras e entregando coisas desde o início dos tempos. Olhou-se, então, no espelho partido que pendia na porta do cubículo. Fora de dúvida, seu semblante envelhecera desde que Sam fora convocado. Sua cabeça encarapinhada ganhava fios brancos nas têmporas. Seus ossos malares mostravam-se mais severos. Seus ombros começavam a se arquear.

"Acho que vou cortar o cabelo", disse suavemente. Em verdade não estava necessitando. Mas, no sábado à noite, as barbearias estariam cheias de gente. Teria de esperar um bocado de tempo até que Al o atendesse. Seria bom ouvir a conversa sem compromisso — argumentos que nunca tinha um início, tampouco um fim. Por algum tempo todas as preocupações relativas a Sam seriam empurradas para as profundezas de sua mente, que as esqueceria.

No instante mesmo em que entrou na barbearia sentiu o começo de um processo de distensão interior. Todas as cadeiras de barbeiro estavam tomadas. Havia um bom número de clientes esperando para serem atendidos. Acenou, em saudação, para os barbeiros. "Que calor, hein?" disse enquanto secava com a mão a testa.

Ficou ali, ouvindo o rumor da conversa geral, antes de escolher um lugar para sentar-se. Alguns discutiam assuntos violentos — a esses sempre os evitava, pois não tolerava violência, mesmo quando se tratava apenas de uma conversa. Quando fragmentos de assuntos cruzavam por si.

"Uns brancos nos ferraram..."

"Não sei, não. Não é só com os negros. Brancos pobres também estão sendo espremidos, também..."

"Certo. Mas eles são brancos. Eles estão mais preparados para isto".

"Sadie jogou ontem dois dólares apostando no 546 e saiu..."

"Você está errado, cara. Não existem duas maneiras com relação a isto. Este país foi estruturado de forma..."

"Só vejo uma coisa a fazer; se me perguntassem, diria liquidá-los todos e começar de novo..."

Finalmente acomodou-se em uma das cadeiras num canto — não muito distante da janela e no centro de um grupo de clientes que discutiam calorosamente sobre a guerra. Era um bom lugar. Olhando através do espelho do barbeiro à sua frente podia ver o comprimento da barbearia.

Quase imediatamente passou a participar do assunto. "Eles, os japoneses, ainda

não tiveram uma chance..." iniciou. E sentia-se bem. Chegara no momento exato. Respirou fundo antes de prosseguir. Comumente ele começava a falar sobre os japoneses e os outros silenciavam, ouvindo-o com profundo respeito. É que sabia sobre esse tema mais do que os outros fregueses. Pink trabalhara para pessoal da Marinha e lhe contara coisas que ouvira.

Ele olhou a fila de fregueses, observando a reação à suas palavras. Em seguida todos estariam prestando atenção ao que diria. Então, inopinadamente, parou de falar. Um soldado estava sentado num canto distante da barbearia, com o olhar fixo em seus sapatos. *Como? É o Scummy*, pensou. Ele está na mesma unidade que Sam. Levantou-se e caminhou na direção onde Scummy se encontrava. Esqueceu o que estava na iminência de dizer. Engoliu todas as indagações que carregava a respeito de Sam, que faziam seus lábios tremer.

"Ei, filho", disse, "Que bom ver você!"

Ao mesmo tempo em que apertava as mãos do rapaz, examinava-o cuidadosamente. Estava mudado, pensou. Estava mais velho. Havia algo em seus olhos diferente de outrora. Dava a impressão de não querer falar. Após um rápido olhar para William voltou seus olhos para baixo, fixos novamente em seus sapatos.

Finalmente William não pôde mais conter a pergunta que o engasgava. Ela veio rápida, "Como está Sam?"

Scummy apanhou um jornal caído na cadeira a seu lado. "Ele está bem", murmurou. Fez-se um longo silêncio. Então, ergueu a cabeça e encarou diretamente William. "Foi a última vez que eu o vi". Havia posto uma ênfase especial à palavra "última".

William teve consciência de um frio que começava a irromper em seu estômago e passou a espalhar-se por todo o corpo. Percebeu que o falatório na barbearia havia cessado. Formou-se um cone de silêncio no qual ele podia ouvir o ruído rascante dos barbeadores — um som áspero, alto, quando produzido no silêncio. Al preparava-se para aplicar óleo no cabelo de um cliente quando se voltou para olhar a cena, com a vasilha de óleo ainda nas mãos, inclinada sobre a cabeça do freguês. Os homens sentados já nas cadeiras de barbeiros voltaram seus pescoços desajeitada e lentamente, de forma a poder ver a face de Scummy.

"Que quer dizer, "ultima vez?" Indagou William severamente. As palavras ecoaram contra seus próprios ouvidos. Desejou que os homens na barbearia voltassem a falar como antes, pois o que continuava ouvindo ecoar eram suas próprias palavras, "Que quer dizer — ultima vez?" Continuou como repetindo ininterruptamente suas palavras. Algo parecia estar acontecendo de errado com sua respiração. Tinha a impressão de não conseguir a aspiração de ar suficiente para encher seus pulmões.

Scummy levantou-se. Havia algo nele que William não conseguia definir. Isto fazia o frio em seu estômago ficar pior.

"A última vez que eu o vi, ele estava bem". A voz de Scummy fez produzir um alarido na barbearia.

Uma parte de William disse sim, é isto mesmo. É o rancor que o faz parecer diferente. Há ódio em seus olhos. Qualquer um vê isto. Ele está impregnado disso.

"Quando o vi pela última vez", prosseguiu sem pressa, "ele havia sido baleado por um policial militar. Se negara a ir para o canto dos *crioulos*, no fundo do ônibus. Uma bala transfixou seu intestino. Apesar disto, arrancou a arma do safado PM e feriu-o no ombro." Scummy colocou, então, o jornal sobre a cadeira, caminhando em direção à porta; lá chegando, olhou à sua volta. "Sofreu uma corte marcial", disse suavemente. "E foi condenado a vinte anos de trabalhos forçados. Vi essa notícia no jornal do dia em que saí". Então, saiu da barbearia sem olhar para trás.

Não havia qualquer ruído no recinto da barbearia enquanto William observava

Scummy descendo à rua. Mesmo as máquinas de cortar cabelo haviam silenciado. Al sustentava, ainda, no ar, o vasilhame com óleo de cabelo, sobre a cabeça de seu freguês. O viscoso óleo caía por sobre a cabeça e, gota a gota, lentamente, escorria pela face do homem na cadeira.

Os homens à volta olharam para William e depois encararam noutra direção. Não devo contar para Pink, ele pensou. Ela jamais deverá saber. Vou inspecionar todos os dias de manhã a caixa postal e pedir a alguém que faça o mesmo por mim à tarde; assim, se chegar a notícia, vou poder interceptá-la.

Os barbeiros reiniciaram sua ação. O falatório voltou ao ambiente. Clientes começaram a levantarem-se de suas cadeiras de reclinar. Um deles disse-lhe: “Pegue meu lugar”. Ergueu-se e, com um aceno da cabeça, agradeceu, dirigindo-se para a cadeira vazia. Suas pernas estavam fracas e tremiam. Parecia não poder pensar em nada. Sua cabeça passou a se esquivar da idéia de Sam estar na prisão. Ao contrário, pensamentos relacionados com coisas familiares, como sua criação, passaram a tomar conta de sua mente. Os bons resultados que obtivera, em gramática, na escola. O tempo correrá célere e, parecia que o lapso fora de uma noite, e ele já vestira as calças compridas. Então, logo estava cursando o secundário, quando organizou o time de basquete do ginásio. Todos na escola orgulhavam-se dele, especialmente porque aparecera seu retrato num jornal de brancos. Seus pais compraram dois exemplares naquele dia. Pink recortou a imagem de um dos jornais e colou-a no espelho da cômoda em seu quarto de dormir. Entregou a outra para que Sam a carregasse na carteira.

Enquanto Al cortava seu cabelo, olhava fixamente para si mesmo no espelho à frente, até sentir-se como tivesse ficado vesgo. Primeiramente, pensou que não era verdade. Talvez Scummy estivesse brincando. Mas um homem que está se divertindo não olha do jeito que Scummy o havia encarado. Chegou a conjecturar se Scummy não era desertor. Isto seria ruim. Recriminou-se, então, intimamente, pois havia decidido não pensar em Sam enquanto na barbearia — queria esperar até chegar em casa.

Sentiu, de repente, zangado com Annie May. Era simplesmente uma bisca. Por que nada lhe acontecia? Por que ocorreu justamente com Sam? Sentiu-se, então, envergonhado. Tentou achar uma desculpa para seu ato de haver tentado injuriá-la. Parecia que, durante toda sua vida, desejara bem pouco para si mesmo e Pink, então, quando Sam nasceu ele esqueceu essas coisas. Desejava que Sam tivesse tudo aquilo que ele e Pink nunca tiveram. Parecia ser agora muito tarde para que ambos as conseguissem. Mas Sam — recriminou-se, ainda outra vez, por estar pensando nele. Tinha de esperar até chegar a casa e estar deitado na cama.

Al retirou a toalha que envolvia seu pescoço, e ele desceu da cadeira. Em seguida encontrava-se na rua, dirigindo-se para casa. O calor que emergiu do piso atravessou a sola de seus sapatos. Já se havia esquecido de quão quente estava. Forçou-se a pensar como seria viver no interior. Às vezes, em noites como aquela, após chegar à casa vindo do trabalho, ia sentar-se no parque. Era sempre mais fresco ali. Possivelmente seria mais fresco na hinterlândia. Todavia, deveria ser mais frio no inverno, bem mais do que na cidade.

No instante em que chegou a casa, tirou os sapatos e a camisa. O calor no apartamento parecia um cobertor — sua pele reagiu fervilhando e coçando numa centena de lugares. Seguiu para a sala de estar onde, à janela, debruçou-se, o corpo para fora, tentando refrescar-se um pouco. Ainda não, disse para si mesmo. Não devo pensar nisto ainda.

Projetou-se ainda mais para fora da janela, tentando escapar dos odores que vinham das peças-cubículos às suas costas. Eles cortaram sua respiração, e assim concentrou nos cheiros seu pensamento. Havia o odor graxo repolho e vegetais, a fetidez

de madeira velha, esgoto de sabão e desinfetante, um rasto ativo de gás de cozinha e, sobre tudo isto, o perfume de Annie May.

Então voltou sua atenção para a rua. Tanto para cima, quanto para baixo, até onde sua vista podia alcançar, as pessoas sentavam-se curvas sobre o peito. Ninguém falava. Estavam, apenas, sentadas. Nalgum canto na rua um nenê choramingou. Em seguida a voz ríspida de uma mulher se ouviu, mandando-o calar a boca.

Pink não estaria de volta, senão tarde. A família de brancos para quem trabalhava estava promovendo um jantar àquela noite. E pouco importava quão tarde fosse, na noite de sábado sempre daria uma chegada na Oitava Avenida, para comprar os ingredientes de seu jantar de domingo. Era algo que ela não confiava a William. Até que era bom assim, pensou. "Se ela prestar atenção em mim esta noite verá que há algo de errado comigo."

Uma chave penetrou na fechadura fazendo-o retroceder da janela. Ele já estava sentado no sofá quando Annie May entrou na peça.

"Voltaste cedo, não é?" ele indagou.

"Ah! Vou sair de novo", respondeu.

"Não deverias ficar fora até tão tarde como na noite passada," disse ternamente. Não tinha, em verdade, intenção de dizer o que falou. Todavia, pelo havido com Sam...

"O que está pensando que vou fazer? Ficar sentada aqui a noite toda e ter uma conversinha contigo?" Sua voz era desafiadora. Alta.

"Não", ele disse e acrescentou, "mas moças direitas não andam nas ruas, de cima para baixo, às quatro horas da manhã". Agora que havia começado sentia que não iria parar. "Bem sei a hora que tens chegado a casa. E isto não está certo. Se não vais parar com isto é bom procurar outro lugar onde ficar".

"Prá mim está bem," ela disse despreocupadamente. Annie mascou a goma em sua boca, provocando um estalido. "Não sei como tia Annie casou com um anão como você. Eu não vou ficar nenhum pouco zangada se nunca mais por os olhos em você". Disse e caminhou em direção à sala de estar. "Vou passar fora o fim de semana", acrescentou falando por sobre seu ombro. "E vou me mudar na segunda-feira".

"Que queres dizer por fim de semana?" Indagou asperamente. "Aonde vais?"

"Não tens nada com isto", retrucou, e bateu com a porta do banheiro.

O som violento da porta sendo fechada chegou a ferir seus ouvidos de tal forma que estremeceu, indagando por que, nas ultimas poucas horas tinha se mostrado tão sensível a sons. E qual a razão para ter sido insultado daquele jeito. Um metro e sessenta e oito — não era um baixinho, para os padrões masculinos. Era mais alto do que Pink, de qualquer forma. Mesmo comparado com Sam, que ele supunha ser baixinho, este foi crescendo até alcançar um metro de oitenta. Com esse pensamento, deu um pulo do sofá, meio-vestido, e foi para a cama. Deixou-se ficar ali para ver se acalmava seu estômago que - tremia. Tentava, agora, não pensar em Sam. Seria melhor que o fizesse quando Pink estivesse também na cama, dormindo, de forma que uma expressão de seu rosto, um movimento qualquer, não viesse a denunciar sua agitação.

Quando ouviu as pisadas de Pink junto à escada, em torno à meia-noite, fechou seus olhos. Seu ser, por inteiro, passou fixou-se em seus movimentos. Pode ouvi-la arquejante, chegando ao patamar da escadaria. Fez-se uma grande pausa até que ela introduziu a chave na fechadura. Foi um tempão até que Pink conseguiu por a respiração no ritmo normal. Ela está envelhecendo, pensou. Não posso permitir que saiba o que houve com Sam.

Ela entrou no quarto, enquanto ele fingia estar dormindo. Ele impôs-se respirar devagar. Suavemente. Pensava, então, *vou chegar, sem dificuldade, ao dia seguinte. Não vou acordar-me muito antes da hora em que ela irá à igreja. Ela vai estar tão atarefada com os preparativos que sequer vai notar minha presença.*



Ela saiu do quarto e ele ouviu o murmúrio de sua voz falando com Annie May. "Não liga, não, querida. Ele não tinha má intenção atrás de qualquer palavra que disse. Eu conheço os homens. Quando chegam os sábados estão sempre cansados e geniosos."

"Mas eu não vou mais ficar aqui."

"Sim, tu *vai*'. *Acha* que vou deixar a filhota de minha irmã ser despejada? *Vai*' ficar aqui mesmo".

Elas ergueram as vozes e riram. Pink o fazia profunda, opulenta e lentamente. Annie May de forma estridente e nervosa. Pink disse: "Você está muito bonita, querida. Vá, divirta-se".

A porta da frente fechou-se. Desta feita Annie May não a bateu. Empurrou-a atrás de si, fazendo a mola da fechadura dar um estalido. Imediatamente, Pink dirigiu-se ao quarto para espiá-lo. Estava quieto, olhos fechados, controlando sua respiração, para evitar que ela quisesse dizer-lhe algo sobre a conversa que mantivera com Annie May. Depois que Pink saiu do quarto ele abriu os olhos.

Deve ter algo por trás do que aconteceu com Sam. Talvez tenha sido algum julgamento divino, pensou. Quem sabe ele não deveria ter-se afastado da igreja. Sua única concessão aos domingos era vestir o melhor traje. Vestia-o uma única vez e Pink ficava até tarde da noite, nos sábados, dando friso às calças. Nos anos mais recentes, todavia, sempre que ia à igreja desejava gritar, "Vocês, grandes tolos! Quanto a mais vocês ainda vão arrancar?"

Viu-se, então, pensando na rua onde viveram; no aspecto do ministro, com seu imaculado colarinho branco aberto atrás, e no som de sua voz maneirosa — um vaselina. Certo domingo, em verdade, pegou no pé do religioso, que falava sobre ruas de ouro no céu. As palavras estavam na ponta da língua quando Pink interveio e beliscou-lhe fortemente as costas. Ele gemeu e sentou-se. Alguém atrás de si deu uma risadinha. Apesar disto, um sorriso formou-se em sua face. Permaneceu silente por todo o resto do culto, mas, após isto, nunca mais retornou à igreja.

Essa rua, onde Pink e ele moraram, era semelhante àquela em que vivera sua mãe. Parecia que ele e Pink teriam de marchar além do que fizera sua mãe. Ela esfregara pisos, lavara-os e ainda passava a ferro na cozinha dos brancos. Mas eles continuavam fazendo praticamente o mesmo. Essa era também uma das razões por que ele havia deixado de freqüentar a igreja. Sam não conseguia entender o motivo pelo qual as coisas continuavam as mesmas: Se Deus não queria que fossem assim, por que não as mudava.

Estava novamente pensando em Sam. Assim, voltou sua atenção para os ruídos que Pink produzia na cozinha. Preparava os rolos para amanhã. Lavando a batata doce. Lavando os vegetais. Cortando a carne de galinha. Então o estalo do ferro de passar. Quente como se encontrava, ela estava passando as calças. William resistiu ao impulso de levantar-se e impedi-la de continuar passando suas calças.

Mais tarde, quando ela acendeu a luz no banheiro, soube que Pink se preparava para ir dormir. Fez, assim, os seus olhos ficarem fechados e rijo o seu corpo. Se pudesse manter-se assim, bem aparentando estar dormindo, ela não iria ater-se a examiná-lo. Mas, com uma boa olhada de sua parte e ela compreenderia que algo estava errado. A cama vergou com seu peso à medida que se ajoelhou para rezar. A seguir ela estava deitada ao seu lado. Pink deu uma olhada para o marido, e sua cabeça aninhou-se no travesseiro.

William deve ter dormindo uma boa parte, mas ao acordar tinha a impressão de haver passado a maior parte do tempo olhando para o teto. Não conseguia lembrar-se de haver pego no sono em algum momento.

Quando, finalmente, levantou-se, Pink já se encontrava vestida e pronta para ir à igreja. William sentou-se numa cadeira da sala de estar, afastada da janela, de tal forma que a luz não incidisse sobre seu rosto. Observando Pink ele pensou que seria um alívio

se pudesse ir ao culto e cantar os hinos e participar da gritaria. Mas ele não conseguia. E Pink jamais comentara o fato dele não freqüentar a igreja. Apenas algumas vezes, como desta feita, quando ela estava pronta para o culto é que o olhava com um ar de esperança.

Pink estava em seu vestido dominical. Feito de um estampado — papoulas vermelhas e negras contra um fundo creme. William se esforçava para que ela não encarasse seus olhos, e, para evitar que ela notasse a evasão de seu olhar; fixou-os em seu vestido, que se assentava bem sobre seu espartilho, o qual, por seu turno, acomodava-se justo sobre suas cochas e nádegas, ajustando-se aos pneus de carne de sua cintura. Como ela não ia embora, não pôde conservar por mais tempo seu olhar no vestido. Direcionou-o então para o majestoso chapéu de palha, também creme, que pendia sobre sua cabeça. Notou, a seguir, que Pink descansava os pés, apoiando-se na borda dos altos saltos dos sapatos-patente de couro que calçava.

Ele aproximou-se e tocou seu braço. "Você está bonita", disse apanhando o caderno de variedades do jornal.

Enquanto vestia um par de luvas brancas de algodão sobre suas calejadas mãos, ficou olhando para ele. "Você está bem, querido?" ela indagou.

"Claro", respondeu, puxando o jornal de forma a cobrir seu rosto.

"Você não deveria ser tão duro com Annie May", ela falou gentilmente.

"É! Eu sei", acrescentou com a esperança de que ela entendesse que ele estava se desculpando. Ele não ousou baixar o jornal enquanto ela ali estava, à sua frente, olhando-o fixamente. *Por que ela não vai duma vez*, pensou.

"Tem ovos e sêmola para o desjejum".

"Está bem". Deu um tom à sua voz como se estivesse tão absorto em sua leitura e não lhe pudesse dar a devida atenção. Ela encaminhou-se para a porta e ele baixou um pouco o jornal, abrindo seu campo de visão para observá-la, pensando então que suas pernas pareciam muito curtas para o tamanho de seu corpo sob a vastidão do vestido estampado — mulheres eram engraçadas: colocou a imensa agenda sob o braço, na qual havia quase nada. Sam gostava de mexer com a mãe pelo tamanho das bolsas que usava.

Quando fechou a porta atrás de si e iniciou a descida das escadas, o calor do pequeno cômodo atingiu-o fortemente no rosto. Teve um impulso de chamá-la de volta, para que não ficasse sozinho com o peso dos pensamentos sobre Sam. Decidiu, então, que quando ela voltasse da igreja iria copular com ela. Mesmo no calor, a maciez de seu corpo, a suavidade de sua pele, haveriam de confortá-lo.

Ele puxou sua cadeira para perto da janela aberta. Agora podia soltar seu pensamento. Poderia começar a planejar algo em favor de Sam. Deve haver algo para fazer. Mas sua mente não conseguia se concentrar — retornava sempre ao tempo em que Sam se havia graduado no ginásio. Dezenove dólares e setenta e cinco centavos era o que havia custado seu terno azul-marinho. Pink e ele haviam buscado e procurado, mas conseguiram. Sam estava bem no seu terno; era alto e seus ombros largos, assim a roupa parecia ter sido costurada sobre seu corpo. Quando recebeu o diploma houve grande agitação, afinal, ele jogara no time de basquete, e muita gente o reconheceria.

O frio em seu estômago piorava à medida em que pensava em Sam. Ele sabia, desde o momento em que Scummy dissera aquelas palavras, "última vez", o mal-estar nunca diminuía. Entrara num estado de tensão e retesamento muscular que tinha a impressão, desde a noite anterior, de ter seus ouvidos esgarçados para a entrada de qualquer som. Eles devem estar escancarados, pensou. Abertos e pulsando com o esforço de estarem assim. Também suas narinas estavam dilatadas. Podia bem sentir tudo isto, além de um peso nos olhos.

Deixou-se ficar a dormir na cadeira. Quando acordou, seu corpo suave por inteiro. Deve ter aumentado a temperatura enquanto dormia, pensou. Sentia uma dor na

mandíbula. É por manter os maxilares tão comprimidos. Mesmo a língua — mantivera-a tão estática que, tinha a impressão, ela estava colada na boca.

Atraída pelo som de vozes, olhou pela janela. Do outro lado da rua, discutiam um homem e uma mulher. O tom de suas vozes crescia, mergulhando no ar quente e parado. Ele podia olhar diretamente dentro do quarto onde eles estavam, constatando, ao olhar, que estavam semidesnudos.

A mulher esbofeteou o homem no rosto. O som pareceu o de um tiro de revólver, o que fez, por um instante, William sentir seu maxilar lasso. Teve a impressão de que todo o quarteirão fez silêncio e aguardou. Esperou como todos. O homem empunhou sua cinta e desferiu-a contra a mulher. William observou a tira de couro subir no espaço e descer violento sobre a pele marrom. A mulher passou a gritar com a precisão de uma engrenagem. A rua reviveu novamente. Ouvia-se o som de vozes e o tinir de pratos. Uma criança choramingou. A voz da mulher tornou-se ao fundo um murmúrio de dor.

"Preciso de um chope" disse em voz alta. Ajudaria a refrescar-se, e também a pensar. Vestiu-se rapidamente, considerando que Pink não estaria de volta nas próximas horas, tempo em que o hálito de álcool já teria desaparecido de sua boca.

Na rua, lá fora, bandos de meninos brincavam de pegar. Todos se vestiam com roupas de domingo, Meias vermelhas, meias azuis, bailavam à sua frente ao longo de toda a rua até a esquina. O que via aumentou o frio de seu estômago. Sam brincou, outrora, no mesmo lugar, nas tardes de domingo. À medida que caminhava na rua, via aparecer nas janelas, aqui e ali, cabeças de mulheres chamando por seus filhos. Tinha a impressão de que todas as vozes eram a de Pink dizendo: "Ei, Sammie, não corre com essa roupa".

Queria tanto livrar-se da visão de crianças brincando que, ignorando o calor dentro do salão do hotel na esquina, com determinação passou por entre garotas com trajes de verão e homens vestindo avantajados jaquetões e calças creme de boca fina, até chegar ao grande bar.

Havia um ar de agitação no ambiente, e ele passou a examinar o que o cercava. Homens de cabelos alisados miravam, através de olhos semicerrados, as garotas ali presentes. Um homem sentado numa mesa próxima fazia sua mão subir e descer pelo braço desnudo da moça, recostada a seu copo, sentada a seu lado. Para cima e para baixo. Para baixo e para cima. William comprimiu a fronte e olhou noutra direção. A vitrola tocava a todo o volume, enchendo o ar com uma música áspera que se chocava contra seus tímpanos numa mistura de violência e romance, ódio e terror. Fixou-se nas luzes colorida que brilhavam em frente à vitrola, desejando em verdade ter ficado em casa, pois a música tornava o ambiente mais quente.

"Um chope", disse para o garçom.

O copo estava gelado. Empunhou-o, desfrutando de seu frio, antes de levá-lo à boca. Bebeu-o rapidamente. Sentiu, de imediato, o ar tornar-se mais fresco. O cheiro de cerveja e uísque que pairavam no ar aumentou.

"Mais um chope", ordenou. Ainda sentia aquela sensação desagradável de frio no estômago, mas teve a sensação de que agora efetivamente começara a pensar. Pensar de verdade. Sentia-se discutindo consigo mesmo.

"Sam poderia ser um deles. Gastando suas tardes de domingo libando".

"Ele é parte de Pink e de mim. Teve uma oportunidade..."

"Sim, a chance de viver num desses infernais apartamentos. A oportunidade de encontrar, também ele, uma mulher para espancar".

"Talvez terminasse a faculdade e conseguisse um bom emprego. Quem sabe de farmacêutico, médico ou advogado..."

"Sim. Quem sabe uma mulher com um bom emprego e juntos terem recursos para sair do quarteirão..."

Lambeu a espuma em seus lábios. O homem da mesa próxima não mais acariciava o braço desnudo de sua companheira. Beijava-a, agora, puxando-a bem para juntinho de si.

"Sim", William debochou para si mesmo. "Esse poderia ser Sam numa tarde quente de domingo..."

À medida que ele debatia consigo mesmo, sentiu que a temperatura no bar ficava cada vez mais alta. As luzes eram mortíferas. *É melhor eu ir para casa*, pensou. Vou ter que viver com isto por algum tempo. Ficar aqui bebendo não vai me ajudar em nada. Olhou, então, para o saguão do hotel, atraído por vozes. Um policial branco discutia com uma garota desregrada, que havia, por certo, bebido demais.

"Eu posso ficar aqui. Não estou fazendo nada além da minha conta", arrematou com olhos postos no bar.

"Ah, vai te catar!" O guarda deu-lhe um empurrão, jogando-a através da porta, fazendo-a cair estatelada numa cadeira.

William observava tudo fascinado. "Melhor do que um filme", disse para si mesmo.

Ela se endireitou e deu um pulo ficando a encarar o policial gritando: "Seu branco filho da puta".

A cara do policial tingiu-se de um enraivecido vermelho. Marchou em direção à mulher brandindo seu cacete. Foi quando William viu o soldado. Alto. Ereto. Aprumo em suas calças cáqui. Um boné de combate inclinado na direção de um olho. Sam, ele pensou, aparentava assim mesmo, certa feita quando, em licença, os visitara.

O soldado agarrou o braço do policial e arrancou o cacete de sua mão, jogando-o longe, até a metade do pequeno saguão, que foi matraqueando enquanto deslizava pelo solo, parando enfim sob uma cadeira.

"E agora, para que fez isto?", William disse suavemente. Ele sabia que, noite após noite, o guarda teria de voltar a este hotel. Ele é a lei, pensou, e não poderá deixar... Então parou de conjecturar, pois o guarda sacara sua arma. O soldado desferiu um certo soco no queixo do guarda. Este se abaixou rapidamente em busca de sua arma. O soldado deu a volta e correu.

Está tudo andando tão rápido, pensou William. É como uma dessas corridas de charretes que se vêem no cinema. Então sentiu um tremor interior. O frio em seu estômago piorou. O soldado estava quase chegando à porta. Correndo. Seu pé estava sob o umbral quando o guarda disparou. O soldado caiu. Dobrou-se tão aprumado como um daqueles sacos, de papel pardo, de compras, que Pink traz do armazém, e que os deposita, cuidadosamente, no louceiro da cozinha.

O barulho do tiro permaneceu em seus ouvidos. Não conseguia abafá-lo. "Jesus Cristo!", disse. E, novamente, "Jesus Cristo!". O copo de chope estava morno. Colocou de volta o copo sobre a mesa com tal violência que respingos da bebida caíram sobre sua roupa. Examinou os respingos e pensou que Pink iria ficar brava como uma fera. Ele, na rua, bebendo num bar, num domingo! Houve um momento de quietude no qual William notou a morrinha de cerveja no ar, o calor do ambiente, e podia ainda ouvir o estampido do tiro. Alguém derrubou um copo, e o ruído provocado feriu seus ouvidos.

Então, todos correram para o saguão. As portas entre o bar e o vestibulo foram energicamente fechadas. Vozes frenéticas passaram a ser ouvidas.

Um homem alto, bem preto, sentado bem próximo disse: "Assim é. Não se tem segurança nem onde se vive. Não mais. Eu vou encontrar um sacana dum guarda branco e vou pendurar *e/le* numa placa de rua."

"O soldado morreu?" alguém perguntou.

"Não se mexia mais", outro respondeu.

Tentaram empurrar a porta que dava saída para o saguão, porém nada

conseguiram.

William permaneceu parado, olhando o esforço daqueles. A raiva que sentia era tão intensa que era melhor ficar onde estava, para não cair. Sentia-se como na iminência de explodir. Era como se tivesse visto com seus olhos Sam ser assassinado. Então, ouviu o barulho de uma sirene de ambulância. Parecia que seus ouvidos esperavam por esse ruído.

"Vamos numa vez... estão esperando o quê? William rosnou entre as pessoas que se agrupavam próximos à porta do saguão. "Vamos numa vez", repetia, tomando o caminho da rua.

A massa seguiu-o rumo à entrada do hotel da Rua Cento e Vinte e Seis. Chegou a tempo de ver uma padiola portando uma figura mórbida vestindo cáqui adentrar a ambulância, estacionada à porta da frente. A assistência partiu rapidamente, enquanto William, estupificado, ficou a contemplá-la.

Não sabia agora o que iria fazer, mas sentiu-se ludibriado. Arrasado. Notou que começava a escurecer. Mais e mais gente dirigia-se à rua. De onde viriam tantos, indagou-se; como teriam sabido tão rapidamente a respeito do tiroteio? Cada vez que olhava em torno, mais e mais gente aparecia. Curiosas, vozes ansiosas indagavam: "O que houve? O que houve?" A resposta era sempre a mesma. Dura. Irada. "Um guarda branco atirou num soldado".

Alguém disse, "Vamos até o hospital, descobrir como ele está?"

Quando estava à frente do hotel a multidão postava-se às suas costas. Agora, havia tanta gente, tanto à frente quanto atrás de si, que, quando decidiram movimentarem-se em direção ao hospital, foi simplesmente arrastado. Ele não havia decidido que iria, mas foi levado em frente. Teve a sensação de haver perdido sua capacidade individual de ir para onde quisesse. Sentiu-se, de início, intimidado. Porém, logo após, passou a sentir uma sensação de poder. Estava em meio à centena de pessoas iguais a si. Estavam todos juntos. Podiam fazer o que quisessem.

Na medida em que a multidão marchava pela Oitava Avenida observou que havia guardas postados nos dois lados da rua. Guardas montados surgiam das ruas transversais gritando, "Vamos dispersar! Vão andando. Vão andando."

Os guardas estavam assustados. Ele podia ver. Suas faces eram pálidas na semi-escuridão. Então, começou a dizer as palavras para si mesmo, separadamente: Morte. Brancos. E riu. Tiras brancos. PMs brancos. Eles iam e vinham. Ele continuava rindo. Morte. Brancos. As palavras soavam divertidas, pronunciadas assim, separadas. Parou então de rir porque uma parte de seu cérebro repetiu: *vinte anos, vinte anos*.

Lambeu os lábios. Está quente à beça a noite. Passou a imaginar o bom que seria estar bebendo uma cerveja muito gelada, gole após gole. Sua garganta movimentou-se e ele engoliu em seco, audivelmente.

Um negro muito grande que caminhava a seu lado olhou-o de cima. "Tudo bem contigo, irmão?" indagou-lhe com curiosidade.

"Sim", refutou. "São esses sacanas de guardas brancos. Eles estão apavorados com a gente.". O calor estava terrível. A onda de frio em seu estômago o fez sentir mais calor. "Que bom seria tomar um chope," disse.

O homem pareceu entender não apenas o que ele havia dito, mas, também, as coisas que ele deixara subentendidas, pois acenou com a cabeça e sorriu. E William considerou aquela como uma noite extraordinária. Era como se, próximos uns dos outros, uma multidão, cada um soubesse o que os demais estavam pensando. Algo maravilhoso.

A massa levou-o adiante. Suavemente. Num embalo. Ele não estava, em verdade, caminhando. Deslizava. Deu-se conta de que o resvalar silencioso da massa provocava um ritmo abafado no concreto da calçada. Era lento, inarredável. Um som aterrador, como

uma marcha fúnebre. Com a regularidade de um toque de tambor. *Não, é mais uma pulsação*, conjecturou. Não é um barulho intenso. Apenas fica a repetir-se infinitamente. Mas não é regular, porque cria algo. Fica gerando algo.

Os guardas montados avançaram com seus cavalos sobre a multidão. Tentavam dividi-la em pequenos grupos. Então o ritmo desandou. Segundos após começou novamente. Cada vez, a cadência tornava-se mais rápida. William descobriu-se respirando no mesmo andamento. Mais e mais rapidamente. Como se estivesse correndo. E havia mais e mais policiais. Todos brancos. Recolheram os guardas negros.

"Já fizeram isto antes," ponderou.

"O que?" quis saber o homem a seu lado.

"Eles retiraram os negros." Respondeu.

Ainda ouviu seu vizinho repetir a informação para alguém que estava ao seu lado. E tornou-se parte do ritmo surdo e lento dos que andavam. "Eles retiraram os guardas negros". Ouviu a frase ir escorregando para longe, até se transformar um distante murmúrio de ódio no imóvel ar quente. "Eles retiraram os guardas negros".

À medida que a massa se deslocava para frente e para trás em frente ao hospital, foi apanhando no ar fragmentos de conversas. "O soldado já estava morto quando o colocaram na ambulância". "Estão sempre tentando nos enganar". "Cristo! Só queria pegar um desses tiras!"

Pensava naquele momento no hospital e não tomara parte nas conversas à sua volta. Mesmo agora, passados tanto anos, podia lembrar-se de sua impotência, sua raiva imensa que o impelira daquele mesmo hospital, correndo para casa. Sem dizer nada. Indo para casa seguindo uma espécie de instinto.

Pink fora ao hospital quando estava para ganhar seu último filho. Podia ouvir, ainda, o frio desdém na voz da enfermeira, quando ouvia os gritos lancinantes de Pink: "Vocês têm filhos demais!"

Ficou sem palavras. Ele tinha o chapéu nas mãos e recordava-se o quanto desejara colocá-lo na cabeça em frente à enfermeira, como forma de expressar seu desprezo. Porém, a resposta azeda que finalmente aflorou em sua garganta pareceu chocá-lo. Nenhuma palavra despontou. Ficou imóvel, o olhar fixo, encarando o descarnado e inosso corpo à sua frente. Deixou seus olhos pairarem, por um longo tempo, em seus seios de tabua. Uniforme branco. Sapatos brancos. Meias brancas. Pele branca.

Então ele resmungou: "Que pena teus olhos também não sejam brancos". Girou em seus calcanhares e se foi.

Não fora uma resposta. Provavelmente ela nem sabia do que ele falava. A criança havia morrido e tudo o que ele fora capaz de dizer é que seus olhos deveriam ser brancos. Sapatos brancos, meias brancas, uniforme branco, pele branca e olhos azuis.

Contemplando o hospital, via com satisfação faces aterrorizadas que apareciam nas janelas. Algumas das luzes se apagaram. Começou, então, a sentir que nessa noite, pela primeira vez, estava vivo. Nessa noite tudo seria mudado. Havia um crescente sentimento de força que aflorava em si. E percebia o mesmo nas pessoas que o envolviam.

Os policiais também sabiam disto, pensou. Estavam nas ruas com força máxima. Polícia montada, patrulheiros, esquadrões de emergência. Rádios-patrulhas que aparentavam serem besouros enormes que se arrastavam pelas laterais das ruas. Aguardavam próximos aos meio-fios. Suas capotas brancas varavam a escuridão. "Brancos dirigindo carros brancos." Não se deu conta de haver dito isto em voz alta até que ouviu sua frase espalhar-se pela multidão. "Brancos em carros brancos". O gargalhar que se seguiu era áspero, um ritmo cru. Repetia o padrão, o arrastar de pés.

Alguém disse, "Eles o apanharam na estação. Não está aqui". E a massa passou a dirigir-se através da Rua Cento e Vinte e Três.

Meu Deus, William pensou, todos estão na rua. As garotas em roupas de verão, os rapazes com jaquetões e calças de boca estreita, senhoras idosas puxando seus cães pelas coleiras. Um homem de muletas aprumou-se de forma a também ele entrar no ritmo do arrasta-pés. Um cego fez seu caminho em meio à multidão que se abria de par em par para sua passagem. Ao passar de cada uma das ruas, William pode ver pessoas ajudando o cego a vencer o desnível do meio-fio.

A rua onde ficava a delegacia de policia estava tão cheia de gente que ele não pode chegar perto. Tanto quanto podia ver, não estavam fazendo nada. Mantinham-se, apenas, parados ali. Aguardavam que algo acontecesse. Reconheceu alguns dentre eles: a mulher de olhos revirados e semicerrados que vende sacos de compras na Rua Cento e Vinte e Cinco; o apontador do jogo de números — o homem que carregava um papagaio branco no ombro; três irmãs descalças e vestindo batas brancas, da irmandade do Descanso Celestial para Todos.

Então, por uma razão que não pode descobrir, todos passaram a caminhar em direção à Rua Cento e Vinte e Cinco. O deslocamento da multidão agora era mais lento posto que aumentasse em tamanho, na medida em que as pessoas saíam das igrejas convergiam para a manifestação. Esses, era fácil de identificá-los. Uma mulher calçando luvas brancas. As crianças, todas estavam bem vestidas. Apesar da intensificação do movimento, William era ainda conduzido sem esforço, confortavelmente. Quando uma pessoa à sua frente barrou-lhe a passagem, jogou-se contra aquele, fechando a carranca para quem perturbava o seu suave deslizar.

Era Pink quem parara à sua frente. Abriu o semblante quando viu de quem se tratava. Ela tinha um saco de papel pardo sob o braço, e soube, assim, que havia estado no armazém da esquina, onde comprara uma garrafa grande de refrigerante de baunilha, como sempre fazia aos domingos. A visão de Pink deixou-o invejoso, pois seu semblante dizia que para ela o domingo havia transcorrido normalmente enquanto que para ele... Ela o contemplava tão intensamente que ele teve consciência do cheiro da cerveja que havia salpicado sua camisa. William notou que ela havia sentido o cheiro, também, pela pressão com que fez sua agenda colar ao corpo.

"O que estás fazendo aqui, nesta turba? E, ainda, bebendo cerveja numa tarde de domingo," disse severamente.

Por um instante ele não pode responder qualquer coisa. Tudo o que pode pensar foi em Sam. Ele quase disse, "Eu vi Sam ser baleado hoje à tarde", mas engoliu com dificuldade.

"Hoje à tarde eu vi um guarda branco matar um soldado negro," disse ao invés. "No bar onde tomava um chope. Eu vi. É por isto que estou aqui. Meu copo de chope caiu sobre minha roupa. O guarda matou-o pelas costas. É por isto que estou aqui".

William fez uma pausa e respirou profundamente. Teria de ser aqui, ele decidiu. Ela tem de enfrentar os fatos às vezes, e este era o local exato para contar-lhe — no lusco-fusco, na confusão de ruídos, com o soturno, áspero ritmo de arrasta-pés ressoando contra o ruído de patas de cavalos.

Sua voz engrossou. "Eu ontem vi Scummy," prosseguiu. "Ele me disse que o Sam foi condenado à trabalhos forçados. É por isto que não nos escreveu. Um PM baleou-o porque não quis viajar no canto dos *crioulos*, no fundo de um ônibus. Sam baleou o PM. Foi condenado a vinte anos de trabalhos forçados".

Ele sabia que não fora claro ao dizer que o jovem morto no bar era Sam; que fora, assistir àquele crime, como que ver seu próprio filho ser assassinado. Eu nem sabia se o soldado havia, realmente, morrido, conjecturou. O que me impeliu a contar a história de

Sam aqui, na rua, desse jeito? Deu-se conta, com um sentimento de choque, que realmente não se importava de haver-lhe contado. Sentiu-se forte, poderoso, indiferente. Durante o tempo em que falou, nunca a encarou. Agora, repentinamente, olhava-a como se fosse um ser estranho. Aguardava, friamente, o que ela iria fazer. Estava preparado para tudo.

Mas ele não estava preparado para o grito que partiu de sua garganta. O som pairou suspenso no ar quente. Fez piorar o desagradável frio em seu estômago. O grito ecoou e re-ecoou por sobre o aglomerado. Nalgum ponto, à distância, um cavalo relinchou. Uma mulher lá atrás, na marcha, gemeu como se a tristeza e a angústia contidas naquele grito fossem algo muito superior às suas forças.

Pink deixou-se ficar ali por um momento. Quieta. Chocada. Então, ergueu bem alto, no ar, a grande garrafa de refrigerante. Jogou-a para o alto, com toda sua força. A garrafa fez um grande arco e foi se aninhar bem no meio do vidro de uma vitrina. A vidraça se partiu com o ruído de um disparo de arma.

Um suspiro partiu da multidão. A massa cruzou o vidro quebrado. Pink seguiu-os bem de perto. Quando ela chegou à vitrina o vidro havia sido quebrado por interino. Lá dentro, apanhou um pequeno banco e usou-o para romper o escaparate da loja vizinha. William continuava perto, atrás de Pink. Continuou sempre perto dela, na medida em que apanhava, em cada armarinho que entrava, um novo míssil para arremessar contra o seguinte.

As vitrinas, ao longo da Rua Cento e Vinte e Cinco foram sendo quebradas, uma atrás da outra, nos dois lados. O violento e explosivo som alimentou o senso de poder de William. Pink desencadeara tudo. Sentia-se orgulhoso dela, por haver demonstrado ser uma mulher a altura de seu homem. Mantinha-se o mais próximo possível dela. Apesar do quebra-quebra, dos sons de coisas que se rompiam, da multidão, do frenesi à sua volta, ele reteve o exato momento quando Pink perdeu o seu grande chapéu de palha; quando descalçou seu sapato de couro de saltos altos e foi adiante, marchando, pés em meias, a passos largos. E que seu vestido continuava colado rente ao corpo.

William estava bem atrás quando ela parou em frente a uma loja onde vendiam chapéus. Cuidadosamente avaliou os muitos exemplares à mostra na vitrina quebrada. Por fim decidiu-se — selecionou um pequeno, enfeitado com violetas púrpuras e vestiu-o, prendendo-o fortemente na cabeça.

"A mulher tem bom gosto," disse um homem.

"Ei, ei, deixa-me passar", gritou uma magricela para o homem a sua frente, seguindo adiante, até alcançar a vitrina onde apanhou dois chapéus. Um troar de aprovação eclodiu dos circundantes. A partir de então, sempre que uma vitrina era depredada era, também, saqueada pela torrente humana que passava. Brancos eram os donos das lojas. Eles vão perder, perder e perder, pensou William com satisfação. As palavras "vinte anos" re-ecoaram em sua mente. Vou estar velho, pensou. Quem sabe estarei até morto, quando Sam sair da prisão.

O sentimento de poder e força o abandonou. Sentiu-se tão confuso com o sentido de perda que emergia, que julgou não ser real aquilo que estava acontecendo nas ruas. Estava tão escuro, havia muita gente na rua gritando e xingando que se sentiu quase convencido de que vivia um pesadelo. Dava-se conta de que seu sentido audição tornara-se tão acurado que podia ouvir o mais débil dos ruídos: o resfolegar rápido e o suave e feliz rir da multidão; até mesmo o pulsar de seu coração. Podia ouvir tais coisas em meio ao rugir de vidros quebrados, sob as imprecações que vinham dos dois lados da rua. Era forçado a ver que não se tratava de um sonho, mas de uma realidade da qual não podia escapar. O frio em seu estômago aumentava à medida que seguia em frente.

Pink marchava energicamente, à frente de William, por entre o povo. Olhou bem



para ver se externava o mesmo sentimento que possuía. Mas, o sentir-se ultrajada tornou o semblante de Pink mais jovial. Mostrava-se incansável. Comumente, ela liderava a multidão. Segui-la era tudo o que ele podia fazer, para tentar acompanhá-la. Desistiu, por fim — estava muito cansado.

William parou para olhar uma jovem postada dentro de uma vitrina, carregando, apertado pela cintura, um manequim. "Para que ela quer isto?" disse em voz alta. O modelo havia sido despojado de suas vestes pelos que passaram antes, e ele considerou aquele dorso róseo como algo levemente obsceno em sua semelhança com um corpo de mulher.

A mulher era jovem e magrinha. Suas costas davam para ele, mas, havia algo de feroz no jeito com que ela agarrava o manequim desnudo, que William parou, resistindo à pressão do povo que se movia, olhando-a fascinado. A jovem virou-se. Suas mãos agitadas pressionavam a cintura do manequim. Era Annie May.

"Não!", disse William, exalando sua respiração com um suspiro.

As mãos de Annie May seguraram a garganta do manequim e em seguida ela atirou-o para o ar, por sobre a multidão, fazendo-o cair numa vitrina do outro lado da rua. As pernas se espatifaram. A cabeça rolou pelo meio-fio. A cintura praticamente partiu-se em duas. Apenas o torso permaneceu inteiro, numa peça.

Annie May deixou-se ficar ali, na vitrina vazia, e ria com todos os demais quando alguém chutava o torso daqui para lá. William ficou parado, admirando-a. Sentiu, pela primeira vez, que a compreendia. Nunca tivera em sua vida outra coisa senão empregos onde era mal paga — trabalhando para jovens mulheres brancas que, provavelmente, a desprezavam. Ela era como Sam naquele ônibus da Geórgia. Não queria lugar na parte negra, dos fundos, de tudo na vida. E aqui, no Harlem, não havia outra coisa para ela. O tempo todo, o que fizera fora tentar retirar da vida um pouco para si própria.

William tentou se aproximar da vitrina onde ela estava. Queria dizer-lhe que a compreendia. Mas a massa, impaciente com a obstrução que estava fazendo ao ficar parado, empurrou-o adiante. Parou de conjecturar e deixou-se ser levado numa grande onda de sentimentos. Havia tanto caco de lâminas de vidro, que o caminhar do povo provocava um intenso ruído de moagem de cristais. Era um som ensurdecido, áspero, que fazia seus dentes rangerem e aumentava o tremor de seu estômago.

Restavam quebradas, agora, todas as vitrinas por onde ele passara. O povo que ele instigara carregava agora mesas, luminárias, caixas de sapatos, roupas. Uma mulher próxima a si transportava um bolo de núpcias — desmanchava-se em gotas brancas de gelo, derretendo-se, com a noiva e seu par colados no topo. As mãos da mulher sangravam, e ele passou a olhar com mais atenção às pessoas que o envolviam. A maioria, da mesma forma, tinha cortes nas mãos e pernas. Viu então que havia sangue na calçada em frente às vitrinas; sangue escorrendo e pingando nos contornos irregulares das vitrinas quebradas. Desejou desesperadamente ir para casa.

Tinha consciência de que o ritmo da multidão havia mudado. Era mais rápido e assumia um caráter feio. Os guardas estavam usando seus cacetes. Veículos da polícia encostavam-se aos meio-fios. E, quando partiam de volta, saíam cheios de homens e mulheres que foram flagrados carregando pertences das lojas.

Os carros da polícia eram acompanhados de outros que carregavam alto-falantes na capota. As vozes que partiam do som amplificado eram ríspidas, somando-se ao barulho e à confusão geral. William tentou ouvir o que diziam os alto-falantes. As palavras, entretanto, não tinham para si qualquer significado. Fixou uma frase, que se repetia, e se repetia: "Boa gente do Harlem". A afirmativa o fez sentir-se mal.

Repetiu as palavras "do Harlem". Nós não pertencemos a lugar algum, pensou. Não há lugar para a gente em lugar algum. Não havia lugar para o Sam na Geórgia. Não

há lugar para nós em Nova York. Não há lugar, senão nos sótãos. O sótão dos negros. Riu, então, e o som aderiu à sua garganta.

Após, apanhou um terno da vitrina de uma loja para homens. Era um traje de verão. O material, sentiu-o crespo e fresco. Foi adiante, com a roupa sob o braço. Nunca tinha possuído um traje como aquele. William simplesmente suava durante o verão, nas mesmas calças escuras que vestia no inverno. Mesmo enquanto afagava a fazenda da roupa, uma parte de sua mente escarnecia — pegaste calças de verão; Sam pegou vinte anos.

Surpreendeu-se ao ver que já se encontrava quase na Avenida Lenox, pois não se recordava de haver cruzado a Sétima. Na esquina os policiais cercavam um grupo de jovens e os empurravam para dentro dum tintureiro. Parou para olhar. Annie May estava no meio do grupo. Pendia em uma de suas mãos uma jaqueta amarelo-raposa.

"Annie May!" Ele gritou. "Annie May!" A multidão o empurrou rápida e velozmente para mais longe. Ela não o viu. Ele deixou-se ser empurrado para adiante, pelo movimento da gente. Queria encontrar Pink e contar-lhe que os tiras haviam prendido Annie May.

William perscrutou no escuro, na rua à sua frente, em busca de Pink; então desviou seu olhar na direção do meio-fio, de forma a poder enxergar o outro lado da calçada. Esqueceu-se de buscar Pink, pois exatamente no oposto de onde se encontrava havia a loja de música por onde passava todas as noites, a caminho de casa. Meninos e meninas, comumente eram encontrados na calçada, atendendo a seu ponto. Ensaivavam alguns passos de dança enquanto ouviam a música que saía do interior da loja. Todos os discos soavam iguais — uma voz de mulher absurdamente amplificadas a bramir um blues, num tom que lhe soava como de um animal no calor — um animal velho, cansado e judiado, mas possuidor de um insinuante conhecimento. Os brancos que freqüentavam a loja deixavam seus olhos languídos caírem sobre as juvenzinhas embaladas pela música.

"Os brancos nos têm indo e vindo. Para frente e para trás," pensou. Buscou seu lugar fora da multidão e caminhou até uma placa de proibido estacionar que jazia em frente à loja. Lançou-a por sobre o meio-fio. Era pesada e o esforço para arrancá-la deixou-o ofegante. Foi com tudo o que restava de suas forças que a arremessou por entre a porta de vidro.

Quase instantaneamente uma velha e um jovem adentraram pela fresta que se abria. Ele seguiu-os. Observou, então, os dois quebrarem os discos que repousavam sobre as prateleiras. William não pensara em quebrar os discos, mas, assim que começou a fazê-lo, o som ondulado dos estalidos pareceu-lhe agradável. O sentimento de poder voltava. Não gostava daqueles discos, portanto, deveriam ser destruídos.

Quando eles deixaram a loja não havia ficado um disco sequer inteiro. A velha foi a última a sair. Quando chegou à rua ele pode jurar que havia sentido o peculiar e acre cheiro de fumaça. Virou-se e olhou para trás. Estava certo. Um fino rolo de fumaça cruzava a porta da loja. A velha, de há muito, sumira na multidão.

Já lá adiante, na rua, voltou-se outra vez. O fogo irrompido na loja de discos queimava-a maravilhosamente, provocando um clarão que iluminava parte da rua. Havia um novo ritmo. Era mais e mais rápido. Mesmo as vozes que vinham dos alto-falantes haviam adquirido um tom de urgência.

Carros de bombeiros ressoavam pela rua. William jogou sua cabeça para trás e gargalhava, quando os viu passar. Assim é bom, pensou. Dane-se queimado tudo. Que maravilha. Então franziu as sobrancelhas. "Vinte anos de trabalhos forçados". As palavras retornaram. Sentiu-se um tolo. O fogo não iria apagar a realidade. Não havia nada que pudesse apagar isso.

Lembrou-se então que deveria encontrar Pink. Contar-lhe o que ocorrera com Annie May. Reencontrou-a no quarteirão seguinte. Ela apanhara mais objetos, constatou.

Carregava um abajur e uma grande chaleira esmaltada na mão. Um casaquinho leve de verão, pendente em seus ombros, mal cobria seus braços enormes. Pink observava um grupo de rapazes tentando arrancar a grade de ferro de um armazém de bebidas. Ela encarou-os tão ferozmente que William temeu pelo que ela iria fazer. Detestando bebidas alcoólicas como ela, imaginou que iria espantar os rapazes e empurrá-los rua acima.

Ela voltou-se e olhou para o povaréu atrás de si. Quando viu William acenou-lhe. "Apanha estas", gritou. Ele apanhou o abajur, a chaleira e o casaquinho que pendia em seus ombros, e viu que sua face estava molhada de suor. O vestido estampado estava agora manchado.

Pink ajustou bem à cabeça o pequeno chapéu com flores púrpuras. Então transpassou o portão. "Saíam da frente", ordenou aos rapazes. Postando-se ela mesma em frente ao portão. Começou a puxá-lo. O portão resistiu. Ela pulou sobre o portão com uma reserva selvagem de força, de que temia William. Olhando-a percebeu que a resistência do portão havia alterado sua mente. Não era mais um portão — transformara-se no mundo que havia arrebatado seu filho e ela perpetrava sua vingança nele.

O portão começou a curvar-se e oscilar ante sua pressão. E caiu. Ela deixou-se ficar por um tempo, olhando suas mãos — grandes gotas de sangue escorriam lentamente de suas palmas. Então ela voltou-se para as pessoas que haviam parado para olhá-la.

"Vamos lá, negrada", ela gritou. Seus olhos eram pequenos, diabólicos e triunfantes. "Venha e bebam a bebida dos brancos". À medida que caminhava na rua, seu florido chapéu caiu precariamente, de banda, para trás de sua cabeça.

Quando William juntou-se a Pink ela lamuriava-se, falando consigo mesma em roufenhos sussurros. Ela parou quando ele a viu e tocou com a mão o seu braço.

"Está quente, não é?" Ela falou, arquejante.

No meio de toda a violência, a simplicidade do lugar comum contido em sua pergunta o surpreendeu. William olhou-a bem de perto. A violência que se apoderara dela havia sumido, deixando-a completamente exausta. Pink respirava rapidamente em movimentos arrítmicos fazendo tremer seu corpo por inteiro. Linhas de suor escorriam por sua face. Era como se sua vitória sobre o portão de ferro a houvesse liquidado. Venceu, de qualquer modo, o portão, William conjecturou.

"Vamos para casa, Pink", disse. Teve de gritar para que sua voz se sobrepusesse ao troar multidão e ao ruído de vidro sendo quebrado.

Ele percebeu que ela não tinha força sequer para falar, eis que ela apenas gesticulara em resposta à sugestão. Quando a gente chegar a casa ela vai estar bem, pensou. Tornara-se subitamente urgente que chegassem a casa, onde haveria silêncio, onde poderia pensar, onde poderia fazer algo para aplacar o frio em seu estômago. Tentou fazer com que ela caminhasse um pouco depressa, mas ela deslocava-se devagar, e até chegarem à rua onde moravam teve a impressão de que mal se moviam.

No meio do quarteirão ela empacou. "Não vou conseguir", disse, "estou muito cansada".

Mesmo colocando seu braço para apoiá-la ela foi caindo. Tentou segurá-la, mas seu peso era muito para poder suportá-lo. Pink foi escorregando para o chão, inevitavelmente, como um grande navio a soçobrar, até que seu corpo por inteiro jazia na calçada.

"Pink." Clamou. "Você precisa levantar-se", passou a repetir inúmeras vezes.

Ela não respondia. William inclinou-se por sobre ela e tocou-a gentilmente. Quase de imediato, levantou-se. Toda sua vida, momentos de desespero e frustração o deixaram sem fala — sufocado pelas palavras que irrompiam e morriam em sua garganta. Desta feita as palavras verteram.

Lançou sua voz irada através da escuridão, e da horrenda confusão de ruídos. "Filhos das putas!" Gritou. "Filhos das putas".